

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO – PPGEC

LEONARDO RAMOS CRUZ

AS MONTANHAS FALARAM ALTO, EU, DA ESCOLA RESPONDI:

Uma Escrivência Geopoética para a Conservação da Natureza

Rio de Janeiro

2021

LEONARDO RAMOS CRUZ

AS MONTANHAS FALARAM ALTO, EU, DA ESCOLA RESPONDI:

Uma Escrivência Geopoética para a Conservação da Natureza

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Curso.

Orientação:

Profa. Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano

Rio de Janeiro

2021

Dedicatória

Dedico este trabalho:

À memória da minha ancestralidade, à vontade pedagógica dos meus pares Educadores e à formação dos meus alunos e alunas que já vieram e os que virão.

Aos Arteducadores, Artecientistas e militantes da inter e transdisciplinaridade, que resistem diante da fragmentação do conhecimento.

À todos os viventes (incluindo aqui as montanhas e rios) do Vale Pedra Branca-Mendanha, para que sirva de inspiração e certeza de que podemos chegar bem mais adiante, mas que melhor ainda, que podemos continuar.

Ao Criador em todas as suas manifestações, sinais e inspirações.

À minha Família, minhas mulheres, mãe, irmãs, esposa, filha e avó na lembrança, pela paciência, carinho e apoio durante a jornada.

Agradecimentos

O meus agradecimentos não seguem nenhuma ordem, nem tampouco de importância, pois em seus lugares e com seus acessos, cada pessoa foi fundamental.

Desse modo, agradeço imensamente:

Ao Planeta Terra, pela oportunidade de Ser em Rede nesse sistema inteligente chamado Natureza.

À Camila Reis pelo resgate incansável, à Luiza Corral por aceitar o desafio e pelo acolhimento e à Pammella Casimiro pela dedicação e generosidade.

Aos amigos e amigas de turmas do mestrado, por todo o apoio mútuo que foi possível.

Ao PPGEC e a todos os seus funcionários e docentes, pela colaboração e pela partilha nos encontros de formação.

Ao GESF, Grupo de Estudos Saberes de Fresta, pelos Saberes construídos que vazaram pela Fresta e se derramaram neste texto.

À esta Banca, por aceitar fazer parte desse momento e ser conosco nessa história.

RESUMO

CRUZ, Leonardo Ramos. **AS MONTANHAS FALARAM ALTO, EU, DA ESCOLA RESPONDI: Uma Escrivência Geopoética para a Conservação da Natureza**. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabalho se debruça sobre as Escrivências Geopoéticas e o Lugar de Escuta de um Pedagogo, educador do Ensino Fundamental I da rede pública na cidade do Rio de Janeiro, negro e que cresceu aprendendo a escutar as Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha. A partir da metodologia proposta, um cruzo entre as Escrivências de Conceição Evaristo, escolha política e estética de escrita narrativa dos corpos pretos, aprofundada enquanto método acadêmico de retomada e abertura de espaços a partir da luta pela agenda periférica nas dissertações e teses por Giovana Xavier com a Geopoética, teoria de análise das relações sensíveis e afetivas entre humanidade e Natureza, na linha formalizada por Kenneth White e aqui é relida por meio do nosso olhar de educador(a)-pesquisador(a)-educando(a). Com objetivo de trazer o olhar da Geopoética para colaborar com a formação docente e com a sua prática pedagógica, propomos uma visão mais ampla e transdisciplinar na elaboração de atividades focadas na Conservação da Natureza em ambientes formais e não formais de Educação. Tendo como meu lugar (de fala, de escuta, e geográfico) um recorte da zona oeste do Rio de Janeiro, na região que compreende o Vale entre o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), com seus 12.492 hectares, abrangendo os limites da maioria dos bairros da zona oeste, especialmente Realengo, Padre Miguel e Bangu, que ambientam o cenário dos relatos, e o Parque Estadual do Mendanha (PEM) que protege cerca de 4.400 hectares de floresta densa e nascentes de afluentes do Rio Guandu, entre outros elementos excepcionais da Biodiversidade e Geodiversidade. Uma prática docente alinhada com a Conservação da Natureza, por meio de Encruzilhadas Geopoéticas no fazer cotidiano em sala de aula, pode formar educadores mais comprometidos com a produção de conhecimentos que se estendam para além das escolas. Se a Natureza nos cerca, com ela nos fundimos e confundimos, então qual é o critério para a sua Conservação? Este texto oferece também provocações para debates honestos desde a base da construção da cidadania no ensino formal, discutindo as perspectivas da formação e prática do educador, passando por críticas aos sistemas estabelecidos de hierarquização do saber como forma de determinação e aplicação do poder, grifando as distâncias injustas entre grupos sociais, afirmadas e reproduzidas historicamente, porém não mais admitidas pela emergência de vozes individuais que se lançam ao desafio de sulcar frestas de respiro num estrato social tão cristalizado. Por uma dessas frestas houve uma erupção reveladora, que extravasou à tona o início do conceito de Lugar de Escuta, fundamentado no aprofundamento das epistemologias femininas de Lugar de Fala, trazendo outras dimensões de atuação para a Escuta.

Palavras-chave: Parque Estadual da Pedra Branca, Parque Estadual do Mendanha, Escrivência, Geopoética, Conservação da Natureza, Lugar de Escuta.

ABSTRACTO

CRUZ, Leonardo Ramos. **LAS MONTAÑAS HABLARON EN VOZ ALTA, YO, DE LA ESCUELA, RESPONDÍ: Una *Escrevivência* Geopoética para la Conservación de la Naturaleza.** 2021. 172 f. Disertación (Maestría en Ecoturismo y Conservación) - Centro de Ciencias Biológicas y de la Salud, Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este trabajo se centra en las *Escrevivência* Geopoéticas y el Lugar de Escucha de un Pedagogo, un educador de escuela primaria pública de la ciudad de Río de Janeiro, negro y que creció aprendiendo a escuchar las montañas del Valle de Pedra Branca - Mendanha. A partir de la metodología propuesta, un cruce entre los Escritos de Conceição Evaristo, la elección política y estética de la *Escrevivência* narrativa de cuerpos negros, profundizada como método académico de retomar y abrir espacios de la lucha por la agenda periférica en las disertaciones y tesis de Giovana Xavier con Geopoética, la teoría del análisis de las relaciones sensibles y afectivas entre la humanidad y la naturaleza, en la línea que formalizó Kenneth White y aquí se relee a través de la mirada de nuestro educador-investigador-alumno. Con el objetivo de acercar la mirada de la Geopoética para colaborar con la formación del profesorado y su práctica pedagógica, proponemos una mirada más amplia y transdisciplinar en el desarrollo de actividades enfocadas a la Conservación de la Naturaleza en entornos educativos formales y no formales. Teniendo como mi lugar (hablante, escucha y geográfico) un recorte del lado oeste de Río de Janeiro, en la región que comprende el Valle entre el Parque Estatal Pedra Branca (PEPB), con sus 12.492 hectáreas, cubriendo los límites del la mayoría de los barrios de la zona occidental, especialmente Realengo, Padre Miguel y Bangu, que fueron el escenario de los informes, y el Parque Estatal Mendanha (PEM) que protege alrededor de 4.400 hectáreas de bosque denso y nacimientos de afluentes del río Guandu, entre otros elementos excepcionales de Biodiversidad y Geodiversidad. Una práctica docente alineada con la Conservación de la Naturaleza, a través de Encrucijadas Geopoéticas en la vida cotidiana en el aula, puede formar educadores más comprometidos con la producción de conocimiento que se extiende más allá de las escuelas. Si la Naturaleza nos rodea, nos fusionamos y confundimos con ella, entonces ¿cuál es el criterio para su Conservación? Este texto también ofrece provocaciones para debates honestos a partir de la construcción de ciudadanía en la educación formal, discutiendo las perspectivas de la formación y práctica del educador, pasando por críticas a los sistemas establecidos de jerarquización del conocimiento como forma de determinación y aplicación del poder, destacando la distancias injustas entre grupos sociales, históricamente afirmadas y reproducidas, pero ya no admitidas por el surgimiento de voces individuales que asumen el desafío de surcar brechas en un estrato social tan cristalizado. Por una de estas grietas se produjo una erupción reveladora, que desbordó el inicio del concepto de Lugar de Escucha, basado en la profundización de las epistemologías femeninas de Lugar de Fala, aportando otras dimensiones de acción a la Escucha.

Palabras clave: Parque Estatal Pedra Branca, Parque Estatal Mendanha, *Escrevivência*, Geopoética, Conservación de la Naturaleza, Lugar de Escucha.

SUMÁRIO

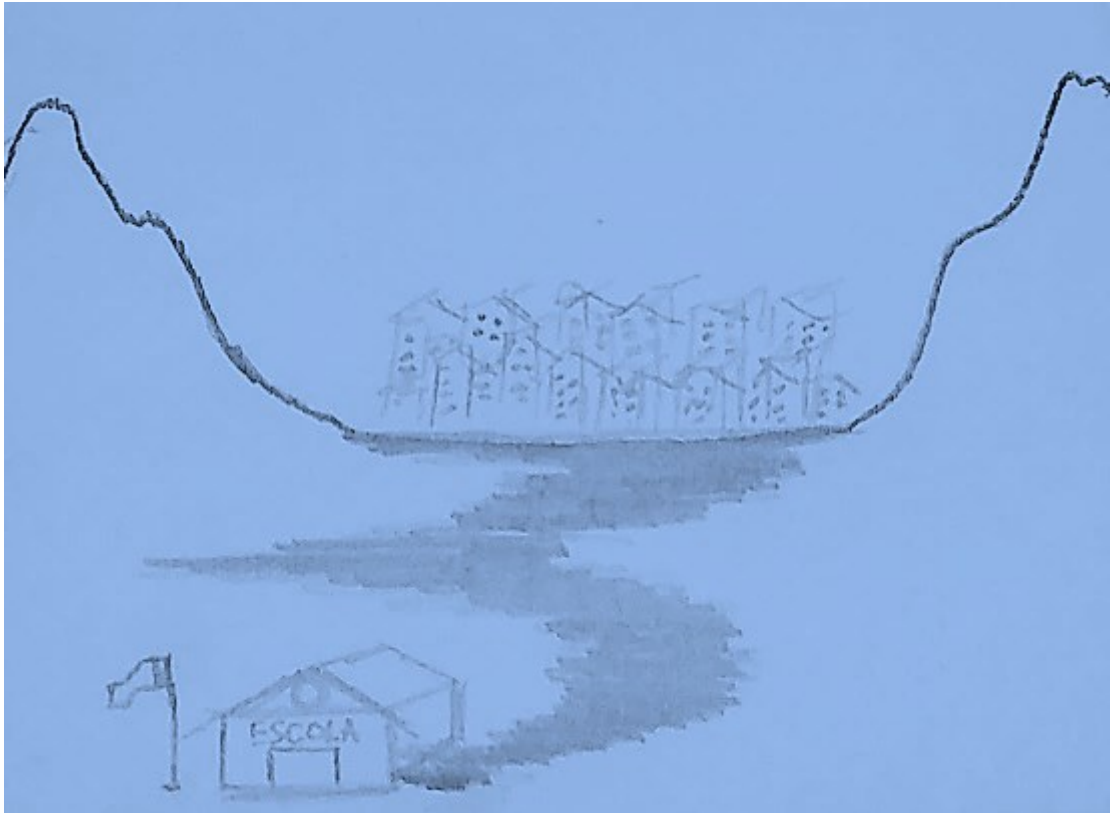
1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Falas Geopoéticas na Conservação da Natureza	8
1.2. Escavando as bases das minhas Escrevivências	16
2. OBJETIVO	22
3. METODOLOGIA	23
4. RESULTADOS PRELIMINARES: ESCRIVIVÊNCIAS	26
4.1. Eu, camarada das Montanhas, natural do Vale	26
4.2. Eu, educador-pesquisador-educando	34
4.3. Lugar de Escuta: Uma revelação durante a jornada	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS	58
7. APÊNDICES	66
Apêndice A: Encruzilhadas Geopoéticas no manejo de trilhas em Unidades de Conservação. (Capítulo de livro e apresentação em evento elaborado em conjunto com Camila Reis Tomaz e Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano - PPGEC / UNIRIO e Paulo José Simplicio de Alcantara - INEA)	66
Apêndice B: Produto artístico, coletânea de poesias: Vozes do Vale (Fruir Sustentável, Apelo, Urge) enviada para a Revista África & Africanidades	77
Apêndice C: Resumo “Das Montanhas aos Quintais, a Geografia de uma Natureza educadora” submetido para apresentação no evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”.	80
Apêndice D: (Produto técnico, Curso): Guetos geopoéticos da Conservação: culturas marginais e suas Naturezas, proposta enviada para o evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”.	82
Apêndice E: Resumo “ESCRIVIVÊNCIAS GEOPOÉTICAS DA CONSERVAÇÃO ENQUANTO NATUREZA: DAS MONTANHAS DO VALE PEDRA BRANCA -	

MENDANHA, CAMARÁ!” submetido para apresentação no evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”). 86

Apêndice F: Produto científico (Artigo) Um olhar para a Natureza como sala de aula - práticas pedagógicas colaborando para a Geoconservação. 88

Apêndice G: Produto técnico (Material Didático, Cartilha). Coletânea de atividades pedagógicas: Naturezas Coletiváveis. 110

Apêndice H: Produto técnico (Material Didático, Cartilha). Metodologias do afeto pela Conservação da Natureza. 112



As Montanhas imponentes vigilantes, parceiras paralelas, companheiras na invenção do Vale vivo e rico, que germina gente simples e edificada, num vai e vem ancestral, deixando pisadas de busca na escola por uma visão em perspectiva da sua realidade, do seu lugar e do seu quinhão na sociedade.

AUTORIA PRÓPRIA (CRUZ, 2021)

1. INTRODUÇÃO

1.1. Falas Geopoéticas na Conservação da Natureza

“Pertencer a um lugar é fazer parte dele, é ser a extensão da paisagem, do rio, da montanha. É ter seus elementos de cultura, história e tradição nesse lugar. Ou seja, em vez de você imprimir um sentido ao lugar, o lugar imprime um sentido à sua existência.” (Ailton Krenak)¹

As Montanhas falaram alto. Esta é a expressão usada para intitular este trabalho porque o faz com fidelidade de fato e precisão de sentido. Contudo, uma explicação se faz oportuna para detalhar como elas emitiram suas falas e como essas falas foram capturadas e a relevância dessas falas para a construção e (re)produção (BARTHOLL, 2021) de conhecimentos para o campo da Conservação da Natureza.. As Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha (como eu chamo meu lugar) na zona oeste do Rio de Janeiro, falavam (e ainda falam) comigo por meio da erosão e dos desbarrancamentos que eu percebi (e sofri junto?) ao longo da minha vida, fenômenos esses oriundos do intemperismo físico, biológico e/ou químico. Ou seja, um conjunto de processos que desintegram e decompõem as rochas, modificando suas características e solubilizando seus minerais constituintes, transformando-as em fragmentos menores (sedimentos), que quando misturadas com materiais orgânicos dão origem aos solos, base para o desenvolvimento de diversas formas de vida (TEIXEIRA *et al.*, 2000). Observando a variação de intensidade do verde das matas, das floradas e suas variações de coloração, das queimadas espontâneas (e também das criminosas²), das sombras projetadas pelas nuvens que as envolviam ou pelas variações na cobertura do dossel das árvores, toda essa diversidade é uma fonte de conselhos que estava sempre ali, à disposição para ser consultada. Escutando as Montanhas desde criança, observando e lendo tudo, recebendo sua presença como falas que pediam respostas de alguém que as soubesse ou pudesse escutar. Eu entendia que de lá do alto elas observavam privilegiadamente o Vale, então tudo o que falavam seria profético, como uma previsão, aviso ou um requerimento de atenção especial pela conservação da “saúde” do Vale. Saúde ambiental natural, saúde social

¹ Em entrevista à Jornalista Ana Paula Orlandi, Goethe-Institut Brasilien, março de 2020. <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/ags/21806968.html> (Acesso em 23/09/2021)

² Incêndio atinge Parque Estadual da Pedra Branca. Ver/Saber mais em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/incendio-atinge-parque-estadual-da-pedra-branca-24499181>

relacional, e outras demandas. Tudo fruto gerado pela riqueza de uma imaginação ativa, descrita na obra “Imaginamundos”, onde “a Natureza já não é produto e recurso e, sim, parte integrante do ser, que, ao estar conectada a ela, passa a reivindicar sua saúde” (COSTA *et al.*, 2021, p. 37).

Outro trecho relevante desta obra, para destacar a proposta aqui apresentada, é aquele que contextualiza que “O nosso imaginário está em disputa. Por diversos caminhos, diariamente, pessoas e corporações tentam conquistar nossa forma de imaginar o mundo.” (COSTA *et al.*, 2021, p. 28). Mia Couto (2021), em recente entrevista, chama atenção para os conceitos de Natureza, Sociedade, Cultura e a separação artificial entre intuição, raciocínio e imaginação, dialogando com a transformação dessas formas de ver e os processos formativos voltados à sobrevivência da espécie, de todas as formas de vida.

Em toda a minha trajetória aconteceram umas boas medidas de “encontros criativos” entre mim e as Montanhas por meio de várias formas de escutas, conforme anuncia Krenak (2019, p. 24), com certa esperança de que consigamos ainda pelos dias de hoje mantê-los. Comungando do seu pensamento, foi essa visão orgânica que também abrange os elementos abióticos, que trago desde criança, o motivo que me animou e encorajou a realizar uma práxis pedagógica compromissada com a vida em suas mais diversas manifestações, pois como dizem (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 47): “Esse(a) educador está se dando conta de que além de ser um(a) profissional da educação, ele(a) é um(a) cidadão(ã) da vida política.” Sem dúvida, ainda à luz de Krenak (2019), com essa prática fui vencendo barreiras outras, para além da minha zona de conforto local, a fim de alcançar meu público-alvo, melhor referido como público-ideal, em Educação, que são as crianças periféricas e socialmente marginalizadas. Como destaca Rufino (2019a), é preciso analisar o histórico da Ciência e da Educação formal estando fielmente à serviço das pretensões coloniais, mantendo a dominação pela subalternização e apagamento de outras perspectivas de conhecimentos, para desta forma refletir sobre como a Ciência moderna/racionalismo ocidental e as políticas de expansão ainda estão à serviço do colonialismo.

Na sua tese, Rufino (2017) apresenta a Pedagogia das Encruzilhadas como um projeto poético / político / ético / antirracista / decolonial assentado no signo Exu (o uso de poético como uma opção de substituição ao termo epistemológico foi inspirado pela cosmogonia iorubana, que utiliza a expressão ‘sistema poético’ para se referir ao seu horizonte epistêmico). Essa proposta de uma nova pedagogia engloba uma série de conceitos

fundamentados em conhecimentos subalternizados que se cruzam aos conhecimentos já presentes no meio acadêmico (ver proposta apresentada no Apêndice A). Ela não exclui qualquer forma de conhecimento (hegemônica, do Norte geográfico ou epistêmico), mas as reinventa e encanta pois, a potência da encruzilhada dinamiza um campo de possibilidades, tornando-se o símbolo máximo do sentido de transformação, inacabamento, ambivalência, imprevisibilidade. É nesse sentido que Rufino (2017) invoca esse símbolo para desenhar uma pedagogia antirracista / decolonial fundamentada nos princípios e potências de Exu como senhor da boca coletiva ou a boca que tudo come, que engole de um jeito para restituir de forma transformada.

Nessa direção, se revela (SILVA, 2020) que “Exu, ... no seu aspecto de guardião”, e essencialmente nesta investigação, incluem-se e explicitam-se “suas habilidades na Comunicação” tão fundamentais no âmbito das práticas pedagógicas. As trocas educativas acontecem simultaneamente, ensinando enquanto se aprende e aprendendo enquanto se ensina. No arcabouço dessas trocas comunicativas, manifestam-se falas e escutas em cruzos de conhecimentos diversos, produzindo saberes outros, considerando um dos pressupostos filosóficos de Exu, temos que o conhecimento habita na capacidade de “ser ouvinte e narrador em múltiplas línguas, escritas e formas de comunicação/existência” (RUFINO, 2019b).

Assim também como em Oliveira (2021), trazendo luz à atividade docente, a autora nos lembra que há uma responsabilidade intrínseca do professor durante o compartilhamento de saberes, que afronta a estrutura hierárquica de poder das hegemônicas “produção de conhecimento e relações sociais”. Desse modo, na seara da diversas lutas sociais, localiza-se a prática educativa, numa perspectiva pedagógica exuística, de amplitude coerente à diversidade social e pluralidade étnica do coletivo sociedade Natureza: “tendo-se certeza de que ensinar significa aprender, intervir, exercer o direito e o dever de mudar o mundo, rumo a uma sociedade mais justa e fraterna.” (OLIVEIRA, 2021) Verdadeiramente, eis uma das “facetas da Educação” apontada por Rufino (2019b), quando nos sentimos provocados por ela à militância na “produção de um mundo outro” (RUFINO, 2019b).

Nas minhas conversas cotidianas com o ambiente, a habilidade desenvolvida possibilitou a percepção do retorno das vozes dos indivíduos naturais habitantes do Vale Pedra Branca - Mendanha. Adquiri um apego preferencial pela escuta das Montanhas, pois tinham e têm imponência e elegância admiráveis. Havia gramados entre os prédios e pinheiros plantados à beira do rio, já canalizado. O vento, a chuva e os raios se comunicavam comigo e

as árvores e pássaros confirmavam essa ligação também, se expressando de forma mais evidente por serem elementos bióticos.

No Vale Pedra Branca - Mendanha eu escutava o lugar falar em volume alto. Os assuntos variavam entre lamentos, alertas e pedidos de socorro. Mesmo assim muita beleza e poesia se transmitiam, mas repetidamente e ao longo do tempo esse volume foi sendo soterrado por outros sons oriundos das construções, carros, e outros elementos associados com o “desenvolvimento” do local, que muitas vezes ocorre de forma desordenada. “Se existe um indicador que expressa de forma sintética a crítica dimensão atingida pelos problemas urbanos, em especial metropolitanos, no Brasil, é a gigantesca ilegalidade presente na ocupação do solo a partir das terras invadidas ou parceladas irregularmente” (MARICATO, 2006, p. 213). Observador do meu lugar, o excesso de construções irregulares entre os prédios do meu bairro, Padre Miguel é um exemplo do que parece ter abafado o volume dessas vozes como mordças à Natureza local, às Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha, a tudo que eu escutava antigamente, sem ter de me concentrar ou isolar tanto. Mas mesmo assim, “O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã / (...) É cercado de luta e suor / Esperança num mundo melhor / (...) É sorriso, é paz e prazer”, como diz Arlindo Cruz na música “Meu Lugar”³.

Reis e Ponciano (2020) também abordam essa questão da escuta dos elementos bióticos e abióticos da Natureza, destacando essa questão ao trazer um resumo do que é apresentado por Dardel (2015) sobre os conhecimentos de diversas fontes de história oral que estão reunidos atualmente na literatura e nos contam que os povos originários de vários continentes se consideram descendentes das montanhas e rochas em geral, enquanto outros povos atribuem as suas origens às grutas e às fontes de água, como os rios, de forma muito semelhante à minha percepção orgânica das Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha.

Estas autoras trazem ainda as visões de Krenak (2019) sobre uma serra de Montanhas que ainda é consultada como fonte de conselhos para o seu povo, na região onde hoje ainda resiste o Rio Doce. Reis e Ponciano (2020) apontam, por meio da análise de trechos de Krenak (2019), que os povos originários, caiçaras e quilombolas que ainda se relacionam destas formas sensíveis e afetivas (Geopoéticas) com o princípio sagrado da vida armazenado em todos os elementos bióticos e abióticos são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta. Eles costumam habitar as margens (dos rios, dos oceanos, das montanhas,

³ Samba de Arlindo Cruz - Meu Lugar, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TC3BhhraHgC>

...) na Ásia, na América Latina ou na África, como os Massai, no Quênia, que entraram em conflito com os ingleses por serem contra uma ideia muito comum em diversos lugares do mundo, a de transformar um sítio sagrado – no caso uma montanha - num parque, como se isso fosse um consenso absoluto entre todos os povos sobre a melhor maneira de proteger e cuidar de um território (KRENAK, 2019). Além das montanhas, as árvores e outros elementos da Natureza também são percebidos como nossos ancestrais, e algumas culturas pintam e colocam ornamentos nas árvores como forma de devoção, por nelas habitar o princípio sagrado da vida, entre outros significados (DARDEL, 2015).

Toda essa minha escuta e diálogo, tido ao longo do tempo com o Vale Pedra Branca - Mendanha, produziu um volume imensurável de ideias que foram ficando retidas em meu interior, em resposta às falas dos diversos entes ambientais. Essas conversas com o meu lugar me motivaram a devolver à sociedade como docente, em forma de acesso, parceria e inovação na produção de conhecimento, formação e chamados à conscientização para o exercício de cidadania pró-coletividade, focando na Conservação da Natureza e numa fruição sustentável dos bens oferecidos, assim como em propostas de uma prática docente pela difusão do olhar poético, cheio de sensibilidade para uma melhor interpretação da Terra. Em suma, como muitas conversas com o meu lugar ficaram represadas, a minha resposta foi abrir a comporta da Educação como forma de transmitir a Conservação da Natureza na Escrivência Geopoética, e como diz SANT, na música “Anéis, Brincos e Terços”: “Sumo, fraco demais pra ser só o que querem que eu seja num prazo / Óbvio que vai ser um atraso / Atrás de um motivo que eu não viso / E não ter mais o que preciso no sorriso / É caro! Desilusão de muitos, não ver o que é raro / Assumo, não foi minha intenção ser claro”⁴.

Eu, um homem preto da periferia, nato e fincado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, vindo de um menino magro preto da periferia, tal que trago em minha oralidade fatos para contribuir com o espectro epistemológico acadêmico, a fim de legitimar a fala própria e as falas de inumeráveis pares que se identificarem com a minha narrativa ou com a trajetória que a produziu, agora que sou educador.

⁴ Bob do Contra - Anéis, Brincos & Terços ft. Sant & Tiago Mac, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BR5_bfWPj8c

Sementes Aladas

Minha avó ensinava a em tudo ver algo bom.

Ou pelo menos, entender a adversidade como parte do caminho, no qual se compreende que nunca deveríamos parar. Justo porque não há mal que perdure ou bem que custeie a inércia.

Enxergar a bonança ora rara nas coisas, pessoas e acontecimentos me levou, com demora e dificuldade, a reler a DIÁSPORA, com uma lente de ancestralidade e filtro de reverência, como SEMEADURA em terras outras.

Sementes aladas pulverizadas em todo canto. Germinaram.

Com sangue no solo, suor na sela,

Brilhava na testa, pingava no chão.

Na luta, na lida, quase morro.

O luto, a vida, o lar e o Morro.

O sol castiga, teimando brotava.

Teimosa, sofria. Vingando, crescia.

Sofrida já é jovem, então, vingar é passado. Agora Madura, gerando sementes, ESCOLHE nas frestas do chão daqui, onde quer pisar, onde quer deitar, onde quer viver, onde quer gerar, e quem COLHE.

Agora, Filha das terras de lá tem Filha noutros chãos.

Lembrança ferida do lar, doída, sem despedida seu par.

A dívida antiga é sem paga,

Mas herança devida tem data.

Da terra tua tirada,

A Terra é tua Diáspora!

AUTORIA PRÓPRIA (CRUZ, 2021)

Por vezes, na academia o saber produzido soa vazio, disperso e não tão inovador para quem vive no contexto em que aquele saber surgiu, em movimento e construindo junto esses mesmos saberes de forma coletiva, autônoma e descolonial (BARTHOLL, 2018). Nesta construção, a coletividade se vê apresentada numa evocação singular/particular, que revela a coexistência entre autor e protagonista. Isto é escrever, segundo Conceição Evaristo, citando em sua obra: (ORLANDI, 1988 *apud* EVARISTO, 2010, p. 5) quando “um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” que é assim que acontece a Escrivivência nesses relatos, uma vez que comungam de mesmos marcadores sociais de lugar, situação de vida, memória e identidade. Por isso, assim como Bartholl (2021) aponta, o que se diz aqui não se resume a uma narrativa, como por muitas vezes a academia faz ao “produzir” sobre e não com, mas sim a publicização de conhecimentos gerados a partir da vivência. Para tal, motivado pelo autor e inspirado em Casimiro (2021), lanço mão das Escrivivências no fazer da Ciência enquanto ferramenta de luta. Dessa forma, a Escrivivência, também abordada por Soares e Machado (2017) é utilizada neste trabalho e entendida como método de investigação, sistematização de conhecimentos e geração de dados, sendo utilizada para balizar a minha posicionalidade implicada e evidenciando consequentemente um lugar de fala também composto pela localização social. Sendo assim, “todas as pessoas possuem lugares de fala” (e de escuta), seguindo um convite a essa reflexão com Djamila Ribeiro (2017, p. 47), residindo aí a possibilidade de quaisquer um de nós, daqui ou de lá, inferirmos críticas ao debate das diversas pautas da sociedade. Especialmente nos temas que implicam em termos utilizados para referendar nossos estudos e nossas histórias por um crivo estéril às nossas especificidades histórico-identitárias. Com Ribeiro (2017) ainda entendemos que falar é resistência para existir e assumir o seu Lugar de Fala, assim como aqui também consideramos que pode ser um convidar a perceber o seu Lugar de Escuta. Esse movimento possibilita refutar a mecânica tradicional de hierarquização opressora, que (pre)tende posicionar as vozes sociais em caráter de submissão. Para Xavier (2019, p. 79-80), com a Escrivivência Acadêmica, se enfrenta o academicismo colonial e cotidiano em que “os comentários de mestrandos e doutorandos brancos sobre como o texto estava ‘mal escrito e poderia melhorar’, (...) ao mesmo tempo em que referenciavam pesquisas nas premissas de Edward Thompsom acerca da importância de visibilizar as experiências e o protagonismo da classe trabalhadora” e, por fim defendiam nitidamente a tão estimada neutralidade científica. Assim, como Bartholl (2018, 2021) descreve a partir da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, os saberes construídos sobre se sobrepõem sob o olhar hegemônico aos saberes construídos com,

apesar de sua distância e profundo desconhecimento sobre os processos. O cantor e compositor Alexandre Carlo, na música “Palmares 1999⁵”, também nos ajuda a capturar o entendimento desse processo de forma lúdica e simultaneamente crítica: A cultura e o folclore são meus/ Mas os livros foi você quem escreveu/ Quem garante que Palmares se entregou?/ Quem garante que Zumbi você matou?/ Perseguidos sem direitos nem escolas/ Como podiam registrar as suas glórias?/ Nossa memória foi contada por você/ E é julgada verdadeira como a própria lei/ Por isso, temos registrados em toda história/ Uma mísera parte de nossas vitórias/ É por isso que não temos sopa na colher/ E sim anjinhos pra dizer que o lado mau é o candomblé.”

Conforme destaca Rufino (2017), o poder colonial, por meio de relações de violência, demonizou grande parte dos saberes africanos na diáspora, e isso contribuiu para uma monocultura do discurso produzido pelo empreendimento colonial. Deste modo, invocar uma nova pedagogia baseada em princípios de criação de novas possibilidades é se assumir numa exploração de caminhos historicamente negados, reinventando aqueles que foram privilegiados ao longo do tempo, por esse “curso único” hegemônico. Essa escolha não representa somente buscar um caminho tido como “alternativo”, mas é uma opção por eleger aberturas que foram negadas por serem compreendidas como impossibilidades. Assumir Exu como conceito significa contestar não somente a demonização de Exu, mas também a santificação de outros referenciais brancos e europeus (RUFINO, 2017).

As falas trazidas aqui são Escrivivências Geopoéticas, pois carregam consigo toda riqueza de significados densos, (re)sublimados ao longo do tempo e em função da natureza dinâmica da vida. Não há membrana impermeável que possa limitar fronteiras à Geopoética, definida por Kenneth White (1990) como uma teoria-prática capaz de fundamentar os fazeres científico e artístico ao mesmo tempo. A sua essência é caracterizada tal como a liberdade fluídica dos gases, que para muito além de se expandir e ocupar, torna-se parte do espaço que ocupa até o ponto de sê-lo todo, é parte do todo enquanto simultaneamente o é por inteiro. É justamente esse “sentido largo de coisas e de seres” a que se refere (WHITE 19-?) quando aborda e detalha o conceito de Geopoética, propondo que a entendamos por uma forma de compreender, experimentar, observar, vivenciar, o mundo <Geo> – Terra, espírito e cosmos –

⁵ Natiruts - Palmares 1999, disponível em: <https://youtu.be/ZcXTJhliAgY>

a partir de uma perspectiva <poética>, arquétipo fundamental do pensamento, a inspiração, que aciona o contato entre o abstrato/intangível e a Natureza concreta e viva. Ainda segundo White (19-?), “quando o contato é sensível, inteligente, sutil, tem-se um mundo em sentido pleno”. Este é o cenário de localização da Geopoética elucidado com auxílio de Macedo (2020), proporcionando estratégias de reconfiguração e recriação das relações dos seres humanos com os elementos naturais e de todo coletivo *sapiens*, enquanto protagonista da humanidade, ligados pelo mesmo elemento comum, o Planeta Terra, conforme vemos na poesia a seguir.

Terra, a tela que nos une

A tela que nos une me deu linhas
Unindo territórios de cruzos ancestrais
Num encontro de seres e dizeres que geram para Ser(quem)és.

A tela-terra que nos une
É um ventre poli fecundado
Estigma por nós Polinizado.

Até lá o que nos une, portal da escrita
É coletiva força primordial
Gestação de um texto vivo por moventes livres.

A tela que nos (re)cebe na sua falta
Tem ritmo... algoritmo primordial.
É zeros e uns e um e zero ao uni(versos).

Na tela que nos (re)une
Fiquei a procurar a Terra que nos soma-tiza
Geopoesia de coabitar.

A tela tem a Terra que tem a mão que tecla
Que se des(en)terra na abertura de berços,
Aguando mentes grávidas.

Na tela se (re)organiza em coautoria
Enquanto a Terra se (re)produz em cíclica criação coletiva
Avoando (co)relações seresteiras em fogueiras julinas.

Como resultado na tela, brota uma fresta na terra
Dela, emergem Mulheres-Montanhas
Escutantes de silêncios.

Suas vozes remobilizam deslizamentos
Cavam Lugar para ventos
de Escutas Geopoéticas.

(CRUZ e PONCIANO, 2021)

Nisto se baseia o fazer pedagógico narrado ao longo deste trabalho. Ensinar consiste em compartilhar aprendizagens, e nesse movimento percebemos, despertados pelos debates apresentados em *Imaginamundos* (COSTA *et al.*, 2020) que este processo carece de uma imaginação criativa que seja alimentada de experiências estimuladas por volumes acumulados de narrativas individuais e coletivas, afastando a geração de saberes do Perigo de Uma História Única (ADICHIE, 2019) e, conseqüentemente, de uma hegemonia de saberes sobre aqueles dos viventes e protagonistas nos fazeres. Logo, nos conectamos novamente a White (19-?) pela crença de que o pensamento não se separa da vida vivenciada, e assim como a práxis do cotidiano docente, a teoria se enraíza no real, e por perceber também que a ideia Geopoética encontra-se latente em vários de nós, através do espaço e do tempo. Uma vez que estejamos dispostos a abdicar da segurança de nossos espaços isolados e nos lançarmos em ambientes inusitados, ricos de novas e inesperadas correlações entre os sentidos de percepção (visuais, táteis, sonoros, odoríferos e palatáveis) e seus significados, territórios esses de criação transdisciplinar e relação harmoniosa entre pessoas, coisas e saberes, tornaremos a Geopoética ainda mais interessante, devido aos inúmeros pontos de contato das Artes com as Ciências gerando um fluxo de estímulos mútuos de combinações e inovações (BOUVET, 2012; KOZEL, 2012; PONCIANO, 2018).

1.2. Escavando as bases das minhas Escrevivências

“Vou mostrando como sou / E vou sendo como posso/ Jogando meu corpo no mundo/Andando por todos os cantos/E pela lei natural dos encontros / Eu deixo e recebo um tanto.” (Mistério do Planeta. Novos Baianos, 1972)⁶

Há dez anos trabalho na área da Educação pública e neste período, já são sete anos dedicados à carreira no magistério, atuando conforme a minha formação de Pedagogo, lecionando para os anos iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, definido como Ensino Fundamental - Anos Iniciais (BRASIL, 2013), ou no cotidiano simplesmente EF1. As crianças desta fase escolar são muito aderentes às expressões artísticas e às atividades lúdicas próprias desta etapa de vida e muito valorizadas nesta etapa de ensino, conforme temos na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). Elas gostam de se envolver, e isso inspira muito a minha ação docente. Os pequenos estudantes passam a ser a razão de ser de qualquer educador. Dentro desse intervalo, busquei formação continuada e cursei uma pós-graduação *lato sensu* em Educação Ambiental. Desde sempre desenvolvi a minha atividade docente tendo como pontos de partida o “Meio” Ambiente e as Artes, através da música, da poesia, do desenho, pintura, instalações e fotografia (ver produtos nos Apêndices). Estes passaram a ser os principais elementos motivadores e inspiradores do planejamento das minhas aulas, em quaisquer que fossem as disciplinas. Um elemento facilitador natural dessa articulação é o fato de ministrar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, assim, sempre pude planejar e transitar livremente entre esses saberes. Logo depois, iniciei a busca por uma especialização *stricto sensu* para me aperfeiçoar teoricamente, compartilhar e desenvolver melhores práticas em interdisciplinaridade para o universo escolar em que atuo. Sempre em busca de aproximar e alcançar da transdisciplinaridade, pois esta é para mim, uma meta ideal de Educação no contexto da prática pedagógica, a ser alcançada com os desdobramentos das práticas interdisciplinares. O embasamento para essa minha trajetória didática vem de diálogos apoiados em alguns teóricos como Nicolescu (1999) e Moraes (2015), que concordam no que diz respeito à prioridade do processo educacional ser o desenvolvimento humano do sujeito (sujeito-educador e sujeito-educando) pela sua compreensão do mundo através da unidade do conhecimento, e da sua capacidade de servir-se das habilidades e competências cognitivas e emocionais para traduzirem-se em multiplicidade de talentos.

⁶ Novos Baianos - Mistério do Planeta, disponível em: <https://youtu.be/WWfseMcAUZY>

As atividades desenvolvidas no âmbito da minha atuação docente sempre transpassaram os muros da escola como espaço formal de aprendizagem, ressignificando os espaços físicos externos a ela, como os quintais, jardins e Unidades de Conservação (UC) do entorno das escolas como potenciais componentes da produção de conhecimento (ver atividade proposta no Apêndice C). Além disso, tendo o Ambiente como mote de conteúdo, as Artes sempre se apresentaram como forma eficaz para promover e facilitar o fluxo do aprendizado. Daí se tem que, uma intenção certa deste texto é apresentar a abordagem Geopoética como uma estratégia de produção de epistêmica que transversaliza, induz, sugere e impulsiona todo o conteúdo do EF1, uma vez que, concordando e dialogando com Bouvet (2012), tal abordagem implica em se estabelecer relações de sensibilidade e inteligência com o planeta, transitando por territórios de saberes diversos.

Ela conduz a aprendizagem para a formação de consciência em prol da coletividade, que estrutura as bases para o soerguimento de uma infância cidadã e integrada. Além disso, provoca uma maior interação disciplinar entre os diversos saberes inerentes ao período escolar em questão, conectando, combinando e misturando temas com mais cooperação e menos competição (BOFF, 1998). Essas convergências resultam em uma prática quase incidental de transdisciplinaridade, não fosse a autêntica intencionalidade em apresentar possibilidades pedagógicas de visão e leitura de mundo considerando sua complexidade fenomenológica. Tais possibilidades ressurgem ao refletir e comungar do pensamento de Freire (1987), onde cremos que o conhecimento, tanto quanto possível, deva ser produzido e ofertado em acesso, volume e criticidade, dado o momento histórico em que acontece e a relação de imersão de educadores e educandos, enquanto protagonistas das massas populares, nessas engrenagens.

Partindo deste Lugar de Fala (RIBEIRO, 2017), foi possível identificar alguns obstáculos que explicam a transdisciplinaridade ainda não ocupando um papel protagonista na necessária, tão falada, mas ainda pouco praticada, reconexão dos saberes. Muito se faz nesse sentido, pois temos incontáveis colaborações teóricas e estudos bastante aprofundados no campo em questão. No entanto, percebemos um maior volume de projetos efêmeros do que de programas permanentes nas escolas, pelo fato de encontrarmos pouca oferta de atividades práticas transdisciplinares para o cotidiano escolar. Isso tem se fortalecido e por vezes se cristalizado numa forma de pensar desimportante e não prioritária para com a Natureza e as relações socioambientais. Esse pensamento pouco dinâmico tanto se forma no estudante quanto costuma habitar o(a) educador(a), e por esse motivo este trabalho pretende colaborar

com a formação docente e com a sua prática profissional. Além disso, os produtos desenvolvidos poderão ser utilizados em atividades fora das escolas, levando também essas práticas para Unidades de Conservação do município do Rio de Janeiro, contribuindo para a Conservação da Natureza, especialmente da região que compreende o meu local de moradia e atuação profissional: o lugar por mim denominado Vale Pedra Branca-Mendanha, na zona oeste da cidade, que outrora compunha parte do Sertão Carioca, bem detalhado por Corrêa (1936) na Figura 1.



Figura 1 Mapa do Sertão Carioca publicado por Magalhães Corrêa em “O Sertão Carioca”, em 1936.

O Vale se localiza entre o Parque Estadual da Pedra Branca – PEPB, criado pela lei estadual 2.377, no ano de 1974, com seus 12.492 hectares, abrange os limites da maioria dos bairros da zona oeste, especialmente Realengo, Padre Miguel e Bangu que ambientam o cenário dos relatos, e o Parque Estadual do Mendanha (PEM), declarado Reserva da biosfera em 1992 pela UNESCO, teve o decreto estadual de criação número 44.342 publicado em 2013, protegendo cerca de 4.400 hectares de floresta densa, nascentes de afluentes do rio Guandu, cachoeiras, e além de abrigar extintas chaminés vulcânicas, ostenta uma vultuosa cratera. Digo por vezes que estou fisicamente dentro do Vale e ele está intimamente dentro de mim. Compartilhando das percepções de Oliveira e Fernandez, (2020, p. 111) percebo

também a paisagem das duas imponentes montanhas ao redor como lembranças vivas, repletas de registros de crescimento e evolução das pessoas, do lugar e das relações.



Figura 2a A localização dos Parques Estaduais da Pedra Branca e do Mendanha, o Vale entre eles e, mais distante à direita, o Parque Nacional da Tijuca, que completa o mosaico de Unidades de Conservação na cidade do Rio de Janeiro. O ponto azul no meio do Vale: localização aproximada do ponto de vista do autor. (Imagem gerada pelo Google Maps). Fonte: MOSAICO CARIOCA (2010).



Figura 2b O Mosaico Carioca (2010). Fonte: <http://mosaico-carioca.blogspot.com/2010/>

O incômodo causado pela realidade estabelecida, quase estagnada quanto ao trabalho com transdisciplinaridade na escola, se consolidou em inquietudes e questionamentos que vão ancorar o meu percurso de escrita em eixos equivalentes em relevância e que dialogam entre si. Inicialmente, me inquieta o fato de os colegas educadores do EF1 se distanciarem e polarizarem em demasia no entendimento acerca das possibilidades de abordagens através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Além disso, pesa a descontinuidade de projetos já realizados, confirmando a efemeridade que cerca o tema. Por fim, outras questões enfrentadas são a falta de ideias práticas para uso efetivo no cotidiano do fazer pedagógico, como resultado da baixa adesão ao diálogo interdisciplinar e do compromisso com o equilíbrio entre o conteúdo e o tempo e outras realidades presentes nos sistemas e redes de ensino.

Sendo assim, a minha vivência profissional comunga com uma abordagem Geopoética defendida por Kozel (2012), quando também penso que ela resgata uma linguagem de completude, considerando a inteireza das coisas no Mundo e no Universo pela Ciência e pelas Artes reciprocamente. Uso desse meio para a construção de uma proposta inter e transdisciplinar para a Conservação da Natureza, uma vez que a minha vertente artística está sempre muito presente no meu fazer pedagógico. Nas práticas cotidianas, independentemente da disciplina que eu leciono, trabalho com música, poesia, desenho, pintura, instalação e outras expressões artísticas, na intenção de desobstruir o olhar discente para o mundo ao seu redor, e assim poder compreender melhor seu papel, seu lugar, seu gozo e seu compromisso dentro do seu território e do seu espaço de influência, concordando com Haesbaert (2004, p. 1), que “para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva apropriação”, e sentindo-o como seu, depreende-se cuidados e proteção singulares. Num cenário como esse, onde gravitam afetividade, reconhecimento identitário, postura social, relações geopoéticas e legitimação de ocupação de vozes e lugares, as energias investigativas fluíram numa direção de pesquisa inovadora de um conceito de Lugar de Escuta, que será explorado mais adiante neste texto.

2. OBJETIVO

Colaborar com a formação docente em um despertar para a Geopoética, abrindo os olhares para incluir essas vivências e visões mais amplas de mundo na elaboração e aplicação de atividades voltadas para uma educação com foco na Conservação da Natureza dentro e fora das escolas, incluindo as Unidades de Conservação como a ampliação dos quintais, praças e jardins das escolas.

Objetivos específicos:

Colaborar com a formação docente, no sentido de despertar para atividades de transdisciplinaridades a partir da Geopoética e despertar interesse na produção e utilização efetiva de conteúdos didáticos com esses olhares.

Aprofundar o debate sobre a Geopoética a partir do saber/fazer docente, analisando as práxis pedagógicas formais em UCs.

Elaborar produtos científicos, técnicos e artísticos focados no processo de ensino-aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para serem fonte de consulta e inspiração para outras atividades adaptáveis aos demais espaços formativos.

3. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho vem de uma combinação entre vanguarda e tradição. Ao passo em que trago relatos autobiográficos, em primeira pessoa, resultantes das experiências acumuladas em plena docência, sobretudo servindo-me do método político e estético da Escrivência, de ocupação dos espaços de escrita, como apresentou Conceição Evaristo (1995), também lanço mão da busca de outros relatos, em terceira pessoa, através da pesquisa bibliográfica em obras de autores debruçados sobre as ideias lançadas neste estudo. De acordo com Macedo (1995, p. 13), a pesquisa bibliográfica

“é uma busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, tese etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final).”

Portanto, a "revisão bibliográfica" ou "revisão da literatura" consiste numa espécie de "varredura" do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não "reinvente a roda" (MACEDO, 1995, p. 13).

Partindo de um ponto de contato entre atenção e subjetividade na minha infância, ressalto um momento peculiar em que me dedicava a conversar com o ambiente. Então, pelo resgate das memórias do habitar o mundo (BOUVET, 2012) descritas de forma que minha fala se (con)funda à de quem fala comigo (EVARISTO, 2017) e chegue para a Academia com a agenda de pesquisa de outras e outros como eu (XAVIER, 2019), construí minhas Escrivências Geopoéticas (LOPES *et al.*, 2020).

Nascido e criado numa casa por seis mulheres, dentre elas duas crianças, uma jovem, duas mulheres maduras e uma idosa, elas foram as precursoras das provocações e reflexões sobre o corpo-território (HAESBAERT, 2020a) e do cuidar e conservar a Terra (BOFF, 2010). Dialogando com mais ideias de Haesbaert (2020b), acerca da corporeidade, tanto mais se intensificam os hábitos cotidianos da modernidade que nos afastam de uma consciência de espacialidade, dicotomicamente ela se impõe e se intensifica. O autor afirma que a pandemia⁷ desvelou abruptamente tal condição, dizendo que “estamos encarnados, incorporados ao

⁷ Pandemia da doença infecciosa COVID-19, causada pela cepa do novo coronavírus SARS-CoV-2, descoberto em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, República Popular da China.

mundo que, ao mesmo tempo, nos rodeia e nos constitui” (HAESBAERT, 2020b). Temos então, que um mergulho no conhecimento do território Natureza ao redor, inclui, necessária e simultaneamente, um transbordo de autoconhecimento, consolidando “o elo entre território e corpo” numa apresentação de “diversas modalidades de (inter)relações e escalas de interpretação”. Dessa forma, pronuncia-se em mim a influência freireana de esperar, pois “há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós” (FREIRE, 1992). Encontrando, nas palavras desse globalmente respeitado Educador, correlações que partiriam do âmbito pessoal para até desembocarem na foz das minhas formação e ação profissionais. A esperança habita o corpo e o território. A esperança habita o território-corpo. A Natureza é território do/no/com corpo e esperar é da nossa natureza.

Essas mulheres me ensinaram que o poder das palavras fazia florir, mas que o silêncio também, e dessa forma fui percebendo as diversas formas que podemos escutar o mundo. Um conjunto de mundos que possibilitou o embasamento de gerações. Suas relações com os espaços configuram territórios (AMORIM, 2018) e constroem pontes, que aqui foram potencializadas pelas autoras que costuramos, política e esteticamente os métodos, abrindo caminhos para a metodologia que aprofundamos e descrevemos nesta pesquisa. Minha avó materna conversava com as plantas, para que elas florescessem bem. Lembro com nitidez que algumas eram privilegiadas com o carinho da sua voz e tato. Eu, conseqüentemente, entendi que poderia também dialogar com outros indivíduos naturais não humanos.

Desdobram-se assim desde os territórios do/no corpo, íntimo (a começar pelo ventre materno), até o que podemos denominar territórios-mundo, a Terra como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades – aos quais estamos inexoravelmente atrelados (HAESBAERT, 2020a, p. 76).

De certo que, enquanto menino havia certa dificuldade de trocar ideias sobre assuntos infante-juvenis em casa. Isso evoluiu para uma agradável, porém improvável habilidade de silêncio e observação do mundo ao redor. Aqui, essa habilidade é a linha que costura os afetos ambientais (GIRALDO; TORO, 2021) à abordagem Geopoética (WHITE 19-?). Essa relação simbiótica começa num jogo de sensações reveladoras de dependência mútua entre orgânico e inorgânico, conforme propõe Hamdan (2009). Construiu-se um diálogo entre homem e o ambiente, representado nas Montanhas, considerando ambos sujeitos (JUSTEN; NETO, 2013) e reconhecendo o funcionamento do ecossistema, conectando e afetando a cultura humana e

suas intervenções nos sistemas naturais. Sempre desse modo recíproco, onde já não se entende mais partes que se juntam, e sim, um ser no outro ser. “Eu sou um corpo, um ser / um corpo só / Tem cor, tem corte / e a história do meu lugar, ô. (Luedji Luna - Um corpo no mundo). A simbiose estabelecida entre mim e as Montanhas foi sendo traduzida e interpretada desde menino, segundo a curiosidade e a vontade de saber escutar e aprender. Teceu-se uma trama de leitura da Natureza e construção de memórias, num processo de composição e trocas, conduzindo informações como espaço, tempo e movimento (HAMDAN, 2009) ao longo da vida, e que foram se transformando em investigações e aprendizados corpóreos-territoriais (HAESBAERT, 2020) e, deles, em práxis pedagógicas ambientais.

A partir de Mondardo (2009, p. 1), percebemos que “o corpo enquanto espacialização de modos de vida e de território marcado de relações de poder”, de modo que corroboram e influenciam os dados analisados neste trabalho, gerados a partir da descrição dos relatos vividos durante a minha prática docente. Uma tal ação, como bell hooks⁸ em 2020, igualmente dedicada e comprometida a retribuir à comunidade as conquistas de uma [r]evolução à base das experiências do aprendiz. Trata-se de um ato originalmente social na sua raiz, e fundamentalmente político, devolvendo à comunidade parte do que ela mesma forjou em mim, despertando um sentido de representatividade, cuja relação de pertencimento exalava em mais do que somente estar ali e ser com ela, mas também fertiliza-la para germinar gentes autônomas, emancipadas e conscientes em relação ao seu potencial. Isto coincide com Xavier (2019, p. 93), porque eu também dedico o meu texto a uma “escrita de nós”, ao me reconhecer em identidade composta pela memória de lutas étnicas do país, membro de um “projeto coletivo de autonomia e liberdade”, originado na esperança de [re]conquistar espaços e criar oportunidades de acessos e permanências, para dar vez aos nossos. Num futuro próximo, essas crianças estudantes da comunidade, ocuparão as vagas das universidades, as posições sociais formadoras de opinião, serão influenciadores locais e globais, hábeis em incomodar o “sono dos injustos”, como diz Conceição Evaristo (XAVIER, 2019, p. 102). E, continuando na sintonia da autora, tais novos sujeitos nesses lugares, provocarão a emergência de “agendas de pesquisas inovadoras” para que, com e através delas construam a democratização do que temos como “ser acadêmico” neste país (XAVIER, 2019).

⁸ As iniciais do nome estão em minúsculas como ato político e em homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks, por ela ter sido subalternizada por toda a sua vida.

Através do método da Escrivivência, apresento aqui dados com a precisão e a garantia de quem os gerou, testou e executou na prática. Segundo Xavier (2019, p. 82) “a solução do problema passa por produzir novas epistemologias baseadas na localização dos sujeitos produtores de conhecimento”. Assim, todas as etapas das experiências contadas trazem a mais confiável marca d’água de autenticidade, para dar vida às análises.

4. RESULTADOS PRELIMINARES: ESCRIVIVÊNCIAS

4.1. Eu, camarada das Montanhas, natural do Vale

Do território e seus sujeitos afloram as territorialidades, que dizem respeito à relação que o indivíduo cria e recria com o espaço no qual está, habita e pertence. Mesmo que seja por um período de tempo determinado. O que implica não só em uma como em (multi)territorialidades (AMORIM, 2018).

O reconhecimento das territorialidades significa reconhecer a trama coletiva de significados e de representações historicamente construídas e socialmente adquiridas, resultantes das particulares formas de pensar, de valorizar o espaço e de diferenciar-se de outros grupos. Essas territorialidades, portanto, apresentam-se como parte do tecido social (AMORIM, 2018, p. 6).

De Salvador-BA para a cidade do Rio de Janeiro-RJ migrou a minha família em meados dos anos 50. Há certa imprecisão se em 1955 ou 1956, mas o fato é que o êxodo pelo trabalho e por melhores condições de vida aconteceu. Desembarcaram e de imediato se instalaram num dos apartamentos do conjunto habitacional do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) do bairro Padre Miguel. Em fevereiro de 1975 eu nasci e naquele lugar fui formando identidade, memória, afeto, e também um nato senso crítico desde cedo.

Ainda que a forte influência aos habitantes da região causada pela proximidade com a GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba) Mocidade Independente de Padre Miguel, ou carinhosamente apenas Mocidade, e com o Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho, ou Estádio de Moça Bonita, ou simplesmente campo do Bangu Atlético Clube – Bangu, o mesmo da icônica fábrica de tecidos, que atualmente fechada abriga o shopping center do bairro – a mim sempre importava muito mais a sensação de habitar num Vale entre duas formações, que eu chamava de montanhas (Figura 3), sem compromisso com a classificação geológica-geomorfológica.



Figura 3 Contemplando o Vale pela ótica da Montanha. O que ela vê daqui? Fonte: Acervo pessoal.

“Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo / Prefiro acreditar no mundo do meu jeito / E você estava esperando voar / Mas, como chegar até as nuvens, com os pés no chão?” (Eu era um lobisomem juvenil – Renato Russo).

Nessa figura acima, a visão de cima, ampla e privilegiada confere tanto o poder de análise imparcial quanto a distração do entretenimento. Porém, os pés no chão se confirmam pela inscrição na camisa, que revela integração aos movimentos sociais e populares e proximidade às causas mais urgentes da população com quem comunga do lugar. Na verdade havia mais elegância, romantismo e sofisticação em dizer e sentir que morava no Vale Pedra Branca-Mendanha, formado pelo vão plano que hospeda a maioria dos bairros da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro-RJ.

Considerando o norte geográfico, o Vale é protegido a sul pelo maciço da Pedra Branca, onde atualmente funciona o Parque Estadual da Pedra Branca – PEPB, e a noroeste pelo maciço do Gericinó-Mendanha, que faz parte do Parque Estadual do Mendanha.

Entretanto, se olharmos em direção ao Centro da cidade, teremos a bela visão do pico da Pedra Branca à direita (Figura 4), e da serra do Mendanha à esquerda (Figura 5), como localmente são mais conhecidas.

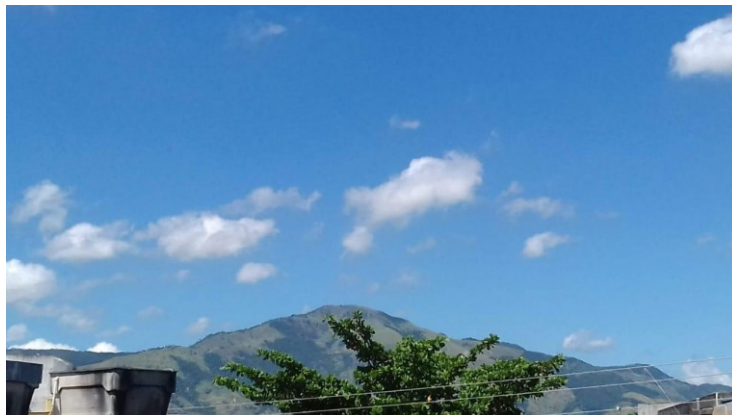


Figura 4 Vista do Maciço da Pedra Branca, pela ótica do Vale. Fonte: Acervo pessoal.

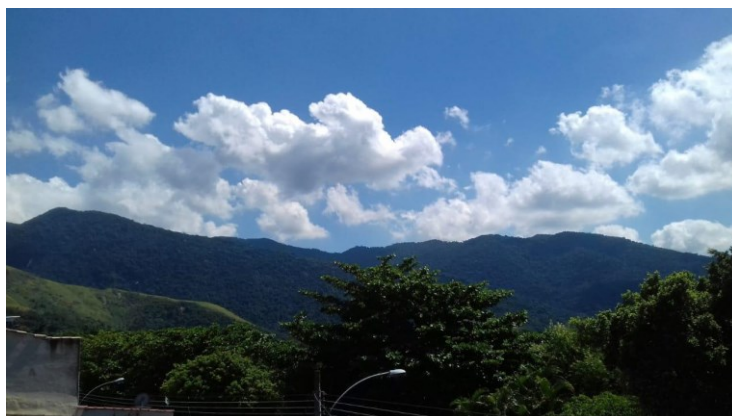


Figura 5 Do meio do Vale, o Maciço do Mendanha é visto assim. Fonte: Acervo Pessoal.

Como informação relevante, este Vale abriga também uma sequência de bairros com baixos Índices de Desenvolvimento Social – IDS (Figura 6), sendo assim, concentra um grande número de moradores carentes de recursos essenciais à vida, como habitação digna e saudável, saneamento básico, alimentação, trabalho e emprego e serviços públicos de qualidade como limpeza urbana, segurança, iluminação, entre outros. Simultaneamente, essa região e seus habitantes compõem ainda um potente e valioso eleitorado, que define/decide pleitos e delinea as representações políticas na Câmara Municipal, na Prefeitura Municipal da cidade, e por conseguinte, essa massa – forma como a população rica em diversidade de

pautas, lutas e bandeiras, é vista e entendida muitas vezes pelos governantes – ajuda a eleger o legislativo e o executivo nos demais níveis e esferas de poder. Penso que daqui já se pode vislumbrar o início das minhas inquietudes. Inquietudes estas que impulsionaram e motivaram toda minha trajetória e seus meandros, tais como ainda nos dias atuais.

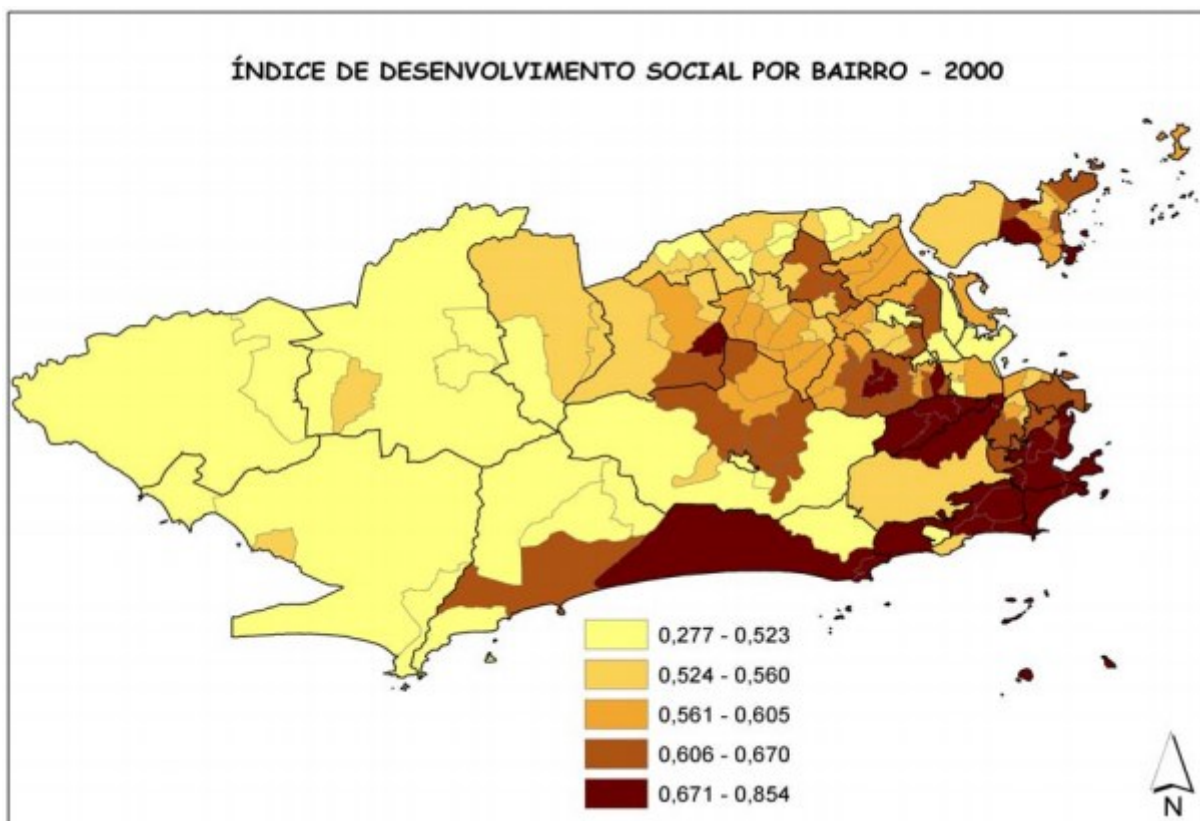


Figura 6 Índice de Desenvolvimento Social por bairro, município do Rio de Janeiro – 2000. Fonte: (CAVALLIERI & LOPES, 2008).

Habitando em meio à imponência e beleza das duas montanhas (Figura 7), podia contemplar maravilhas naturais quase intocáveis. Avistar aves, floradas e folhagens de ipês (Figura 8) e outras espécies nativas da Mata Atlântica (Figura 9). No entanto, observando o Ambiente próximo, com as relações de interação social, identificava e percebia um desconforto, um desagrado deveras contrastante com o que a Natureza das elevações vizinhas propunha para as suas adjacências.



Figura 7 A vista da Montanha no PEPB pode alcançar todo o Vale e o Maciço no Mendanha (à esquerda) ofuscado pela intensa nebulosidade úmida da chuva (à direita) que se aproximava. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 8 Florada de Ipês. Página oficial do PEPB no Instagram. Fonte: (PARQUE ESTADUAL PEDRA BRANCA, 2019 a,b)



Figura 9 Florada das Embaúbas prateadas. Página oficial do PEPB no Instagram. Fonte: (PARQUE ESTADUAL PEDRA BRANCA, 2019 a,b)



Figura 10 O Parque Estadual do Mendanha – PEM está incluído no circuito das Unidades de Conservação que promovem a prática de avistamento de aves. O Programa Vem Passarinhar é uma das iniciativas desta atividade. Facebook.com.br/vempassarinhar-rj (Imagem adaptada de folder do programa).

Nós, viventes dessa região, tínhamos e ainda temos que conviver com a degradação ambiental, poluição, esgotos a céu aberto, acúmulo irregular de lixo, com riscos à saúde e manifestações e proliferações de doenças, desmatamento para ocupação com construções irregulares trazendo graves riscos estruturais, e construções regularmente legais de imensos conjuntos habitacionais dedicados às classes/populações marginalizadas à urbanização do Centro da metrópole, concentradora de espaços de poder, abastados de privilégios com serviços públicos de boa qualidade.

Dessa forma um cenário se apresentava. Eu, me formando de criança a jovem, encantado e orgulhoso da fisiologia do espaço natural que cercava meu lócus nativo, e paradoxalmente, assustado e tomado de urgência em pensar/criar soluções que refreassem o progresso daquele “desenvolvimento” que se desdobrava em depredação da Natureza e em desprezo pela qualidade de vida humana e de todos os outros seres. (Figura 11) Já estabelecidamente periférica, a vida humana nessa região reproduz o efeito pendular imposto pelo fluxo de trabalho para o Centro da cidade e retorno para residência, reproduzindo em escala local e intramunicipal, o fenômeno denominado de cidades-dormitório, trazendo aqui uma reflexão de Lago (2015) acerca da dicotomia presente na formação das cidades com a formação de dois núcleos distintos, complementares e codependentes, os Centros que

carregam o aspecto de espaços de produção e as periferias, que herdaram os espaços de reprodução. Bem, “agora eu era o herói, e o meu cavalo só falava inglês!”⁹ Todo herói só se reconhece como tal, no momento em que toma consciência da sua realidade singular e plural, e entende que algo o chama como quem tem uma missão a assumir. Mesmo que não lhe sobrem referências de personalidades célebres com as quais se identifique social e etnicamente, o recém-eleito/escolhido e inseguro, longe dos estereótipos hollywoodianos, se encoraja a atender ao chamado e se lança.

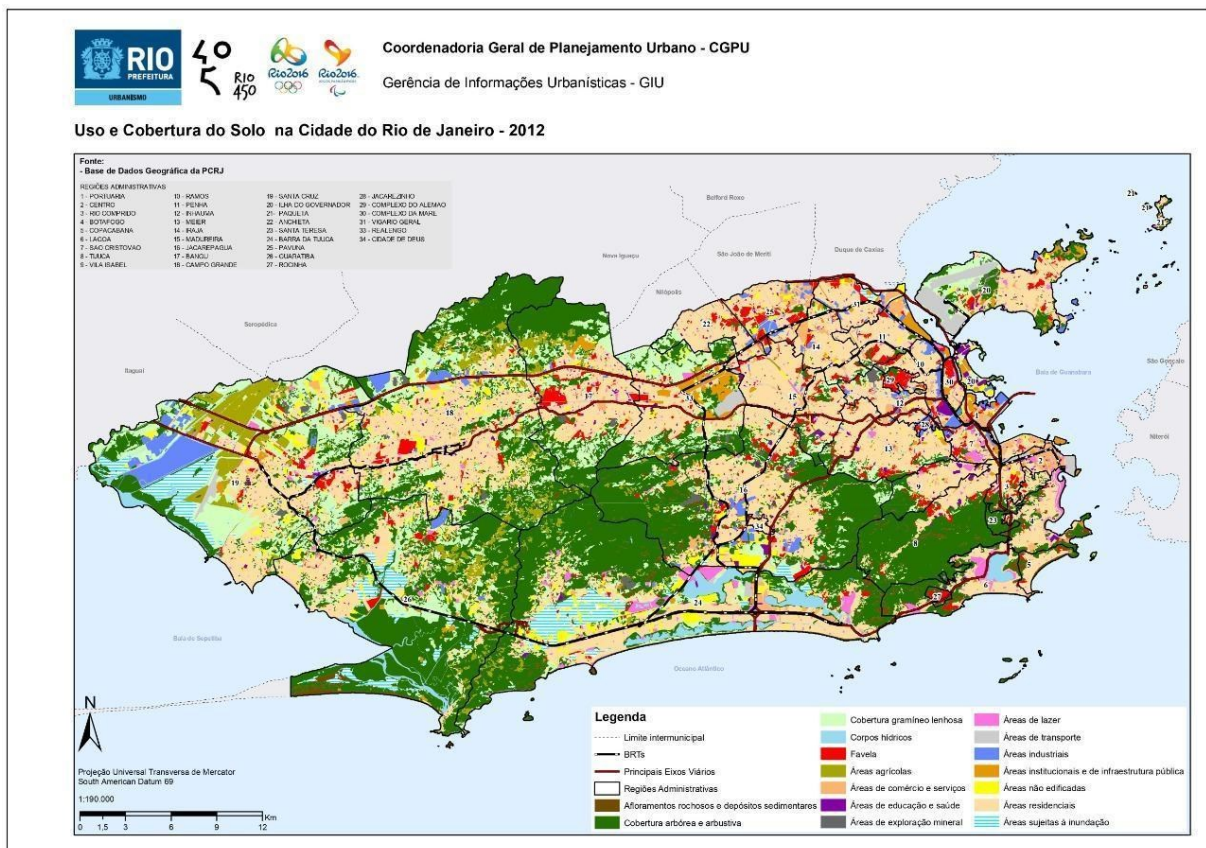


Figura 11 Uso e cobertura do solo, Rio de Janeiro em 2012. A evidente ocupação e urbanização do Vale carrega consigo os benefícios e as mazelas inerentes à lógica estabelecida de desenvolvimento. Fonte: (PREFEITURA, 2012).

⁹ Música: João e Maria. Artistas: Chico Buarque, Nara Leão Álbum: Perfil (1990).

4.2. Eu, educador-pesquisador-educando

“E passo aos olhos nus / Ou vestidos de lunetas / Passado, presente / Participo sendo o mistério do planeta.” (Mistério do Planeta. Novos Baianos, 1972)¹⁰

Além dos materiais que estão nos apêndices desse texto (apêndices de A a H, produtos científicos, técnicos e artísticos), os resultados iniciais apresentados aqui a seguir são algumas das minhas vivências geopoéticas em prática docente, minhas atividades profissionais que foram originadas e forjadas num laboratório efervescente de ideias chamado de sala de aula. Entendendo-a como todo e qualquer espaço destinado a abrigar momentos de aprendizado mútuo, dentro ou fora da escola como instituição vinculada a esse/a aprendizado/ação educativa. E, ainda, chamo assim por efervescência, pois a relação cíclica entre ensino-aprendizagem se fez real desde o começo, quando aprendi muito com os estudantes, com nossas experiências e experimentos, sempre me posicionando como alguém que apenas aprendi antes deles e me dispus a compartilhar o conhecimento, para que mais pessoas usufruam do acesso à leitura do mundo ao redor, acima e abaixo de nós. Nossas aulas foram, todas, sempre acompanhadas ou mesmo geradas a partir da possibilidade interdisciplinar, com um destino transdisciplinar. Quero dizer com isso que, já sendo inerente ao meu fazer pedagógico como docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ministrar as cinco disciplinas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências), decidi logo no início da carreira me distanciar da fragmentação do conhecimento que desconecta as disciplinas em matérias independentes e reconectá-las, reconhecendo-as como partes integrantes de todo um sistema de produção, de conhecimento e aprendizado. Assim como as nossas relações com a Natureza. Daí, a interdisciplinaridade veio conduzindo minha atuação até que eu compreendesse a transdisciplinaridade como seu objetivo final. Tal que, trabalhando de forma transdisciplinar as disciplinas dissolvem suas fronteiras, os assuntos e os temas convocam diversas áreas do conhecimento simultaneamente, num convite à cooperação, à primazia pela coletividade e fundamentalmente um convite à consciência planetária de que o todo, o conhecimento na sua amplitude e complexidade é mais genuinamente formador do que as partes fatiadas em saberes egóicos.

Como tudo é aprendizado e oportunidade, aos poucos me percebi trazendo para dentro do âmbito da escola, e mais ainda da sala de aula, algumas habilidades adquiridas durante a

¹⁰ Disponível em: <https://youtu.be/WWfseMcAUZY>

vida pessoal. Começando desde já a descompartimentar o eu docente do eu pesquisador, como Paulo Freire (1996), autor globalmente referenciado por suas contribuições à Pedagogia, propõe em Pedagogia da Autonomia (1996), que todo educador inspirado em seus educandos e na arte de educar, será sempre pesquisador e retroalimentará as dimensões educação e pesquisa em si e neles. Isso fomenta a formação do conceito e da prática de uma autonomia que se diferencia da ideia liberal de autonomia individualista. Uma postura radical que se distancia da sina mercantil e bancária de educação que emerge no modelo de produção capitalista. A autora estadunidense bell hooks menciona o educador e filósofo Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira¹¹, em seu livro Ensinando a transgredir - A Educação como prática da liberdade, onde considera que a experiência com a obra de Freire posicionou sua mente e seu coração. Em suas palavras: “como um professor desafiador cuja obra alimentou minha própria luta contra o processo de colonização - a mentalidade colonizadora”. (HOOKS, 2013) Para além de ter o conteúdo freireano permeado em sua escrita, Hooks (2020) traz ainda a ideia de “Pedagogia engajada”, que somada ao convite a repensar a participação plena dos estudantes como sujeitos do processo, estabelece mutualidade educador-educando, numa atmosfera interdependente de crescimento, “confiança e compromisso, sempre presente quando o aprendizado genuíno acontece” (HOOKS, 2020) e promovendo a inteligência como fortalecedora do bem comum.

Na ação docente por mim praticada, lancei mão de linguagens que auxiliam a expressão dos diferentes saberes presentes em uma sala de aula, que apresentam a diversidade da Natureza Escolar, tais quais o desenho livre, a música através do violão e do canto coral, a poesia, as artes de sobremaneira. Todos estes recursos, entremeados por um apelo latente à Conservação do ambiente natural, presente tanto nas expressões artísticas quanto nos conteúdos gerados nas atividades propriamente ditas escolares (e, com isso, quero dizer, formais), revelam uma educação que já se determinava ambiental na sua essência. Verifica-se aí uma riqueza de material de trabalho pedagógico: as disciplinas com suas bagagens epistêmicas originais, as expressões artísticas à serviço do processo de ensino-aprendizagem, a educação ambiental conduzindo à constante reflexão acerca dos cuidados para com a Natureza e, no meu caso e de meus educandos, a partir dela. Uma vez que estes elementos compõem a matriz da minha práxis educadora, vejo aqui um oportuno espaço para

¹¹ Instituído pela Lei 12.612, de 13 de abril de 2012, de autoria da então Deputada Federal Luíza Erundina, pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) de São Paulo.

exemplificar uma série de atividades desenvolvidas, compartilhando e detalhando-as para a ampla fruição e livre colaboração.

Certa vez, durante minha atuação docente numa escola da rede pública no Rio de Janeiro, entre os anos de 2014 e 2018, no programa de conteúdo das disciplinas, havia a indicação de se trabalhar o tema “Consumo”, conhecido fator essencial da manutenção de uma racionalidade estagnada na modernidade, esta agressora e, por que não, consumidora insaciável, da Natureza e de nossa saúde enquanto tal (HAN, 2018). Bem, as crianças e os jovens da atualidade não enxergam nada de tão desagradável ou degradante no consumo intenso de produtos industrializados. Há até aqueles que veem vantagens nesse comportamento, seja por influência direta do núcleo familiar ou por convencimento publicitário-midiático chegados por estímulos audiovisuais percebidos pela TV, pela navegação na internet e pelas redes sociais. Para começar a despertar a curiosidade, provocar uma atmosfera intrigante sobre o tema “Consumo”, eu propus que, para iniciarmos os estudos sobre consumo na semana seguinte, deveríamos na semana anterior preparar uma experiência científica de cultura de microrganismos a partir de uma fruta fresca. Pedi que uma dupla de estudantes fosse ao refeitório e buscasse duas frutas, e trouxeram duas laranjas. Embalamos uma delas num saco plástico transparente, e a outra ficou fora, ao ar livre. Colocamos as duas em cima do armário da sala, de forma que poderíamos vê-las todos os dias e acompanhar o comportamento de ambas. Perto de completar a semana de cultura das frutas e de chegar o dia do debate sobre o tema “Consumo” a classe já quase não se continha de questionamentos sobre o que uma coisa tinha a ver com a outra. Pedi que anotassem todas as perguntas que gostariam de fazer e que encorajassem sua imaginação para a tentativa de decifrar o intrigante mistério. Chegado o dia, organizamos uma mesa ao centro com as duas frutas e todos nos sentamos ao redor em círculo. Abri a embalagem plástica e de lá tirei a laranja praticamente intacta. Pedi que observassem com bastante atenção e anotassem tudo o que julgassem interessante. Após alguns poucos minutos, peguei a laranja que ficou ao ar livre e de imediato a reação geral foi de *frisson* coletivo (Apêndice F), manifestado em surpresa, em repugnância, e nojo (segundo as próprias palavras das crianças). A fruta estava inteiramente tomada de bolor, de cores que variavam de azul a verde com regiões em branco, sem falar do odor desagradável. Bem, dado o cenário, eles já conseguiam entre si responder a algumas das perguntas que previamente haviam anotado. Após um acalorado e curto debate eu os provoquei mais, perguntando sequencialmente: “Quem fez isso com a laranja? Por que a fruta está assim? Como ela ficou assim se ninguém mexeu? O que aconteceu?” Para minha

surpresa, uma aluna responde como quem não via sentido nas minhas perguntas: “Educador, a laranja só estragou, ué. Normal.” Eu concordei de imediato, mas aproveitei para convidá-los a perceber que quem fez tudo aquilo foram os fungos, microrganismos invisíveis a olhos nus, presentes em toda parte e extremamente importantes para a vida do e no planeta. Ali, provocava, ainda sem conhecer o conceito proposto por Kenneth White (19-?), reflexões sobre as relações que desenvolvíamos com os demais elementos bióticos que habitavam conosco a Terra, trazendo porosidade a um debate pressupostamente duro sobre a química orgânica em uma laranja, propus uma abordagem Geopoética dos Fungos! Pedi que refletissem sobre o imenso mundo microbiótico existente ao nosso redor, debaixo de nós e acima de nós. Convidei os estudantes a debaterem a participação do ser humano na Natureza a partir da reflexão de Gotsch (2012), quando diz que somos parte de um grande sistema inteligente, ao invés de sermos os inteligentes do planeta. Assim como Scarano (2019) baseado em James Lovelock e outros autores apropriados de sua Teoria de Gaia (1970) e Krenak (2019), como em muitas das cosmovisões originárias. Finalizando, pedi que pensassem sobre quando afetamos ou impactamos o ambiente natural de alguma forma. Será que também afetamos algum ou alguns sistemas de vida importantes, invisíveis aos olhos, que possam desequilibrar o ambiente e, por consequência, prejudicar vidas humanas, vegetais ou outros animais? Como se dava nosso habitar o Planeta? (BOUVET, 2012). Nesse estágio da conversa, todos entendemos que já podíamos entrar no tão esperado debate sobre Consumo. E o tempo nesse assunto revelou que a lógica atual de consumo pisoteia todo o ciclo de produção e recomposição de recursos naturais do planeta, em diversas escalas e desde o início até o fim da indústria consumista. E nós, seres humanos, somos recursos também? Se as Montanhas são amigas que escutam os papos de menino, serão os minerais recursos ou elementos ou algo do tipo? Digo com isso, a necessidade de pensar sobre a extração predatória de recursos e até o descarte agressivo e impróprio do lixo, que impacta a biota. Concluímos o encontro entendendo que o consumo, inserido na lógica atual (baseada no acúmulo de capital e no TER acima do SER), parte de um desejo individual, vontade pessoal por atingimento de posição social através da obtenção de um produto determinado globalmente como símbolo de status. Para Han (2018, p. 73) “O consumo excessivo é uma falta de liberdade, uma coerção” e, manipulados pela lógica do capital e da produção, inserimo-nos todos em um falso ciclo do querer ter para ser. E o mesmo, por causa da produção desenfreada de lixo, provoca prejuízo coletivo ao habitat que é nosso e de tantos outros membros de nossa biodiversidade terrena. Essa atividade culminou, duas semanas

depois, em uma apresentação da turma em coral cantando a música “Hágua”¹², do cantor e compositor Seu Jorge: “O seco deserto está tomando conta do planeta/Água doce, bebível potável está acabando/ Poluição, devastação, queimadas/ Desequilíbrio mental/ Desequilíbrio do meio ambiente./ (...)/ O tempo vai secar/ O Sol vai carcomer/ E água pra beber/ Não vai ter.”

O trecho acima traz uma provocação, calibrando-se com prudência o seu tom apocalíptico, para algumas reflexões. Sendo uma delas central, relevante e atual, em associar o desequilíbrio ambiental ao desequilíbrio mental. Neste caso, exclusivamente ao ser humano, caberia esta disfunção no âmbito de sua relação com a Natureza. É possível acreditar que um equilíbrio, dito aqui, mental, mas que na prática se concretizaria como comportamental, seria uma potencial variável na equação de solução para os diversos problemas de degradação ambiental.

Alguns exemplos de outras intervenções artístico-pedagógicas-científicas feitas com as crianças em escolas que lecionei são apresentados nas imagens abaixo, a título de introdução do que foi aprofundado em análises transformadas em produtos (nos Apêndices, em especial o material pedagógico do Apêndice G).



Figura 12 Aula de campo na Estação de Tratamento de Água – ETA Guandu. Fonte: Acervo pessoal.

¹² Disponível em: <https://youtu.be/V2xfmNfG73c>



Figura 13 Visita ao Centro Cultural dos Correios. “Palavra em Movimento” de Arnaldo Antunes. 2016. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 14 Experiências com misturas homogêneas, heterogêneas e densidades. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 15 Plantando Ipê na praça. Muda adquirida em visita à ETA Guandu. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 16 Plantando vegetação de restinga. Projeto de restauração ambiental do Parque Municipal do Marapendi. Recreio dos Bandeirantes. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 17 Plantando muda de frutífera no pátio da escola. Semente de abacate germinada pelos próprios alunos.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 18 Visita ao Museu Casa do Pontal. Aula de Cultura Brasileira. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 19 Bailinho de Carnaval. Sempre conectados à cultura popular. Fonte: Acervo pessoal.

Numa constante autoavaliação, eu me revisito em vários trechos da minha história, seja em quaisquer esferas: pessoal íntima, profissional, social pública, familiar nuclear e acadêmica. Atualmente, tenho percebido que em revisitas ao meu âmbito profissional, eu já praticava diversas ações inter e transdisciplinares que são verdadeiras vivências geopoéticas que, no entanto, eu ainda não as denominava desta forma, até mesmo por não ter total dimensão do potencial educador-formador de tais ações e nem saberia atribuir os efeitos positivos do trabalho pedagógico à uma metodologia ou estratégia de ensino. Ao me perceber hoje me identifico e reconheço como um educador que preza pela articulação de saberes, sem barreiras limítrofes entre eles, por uma visão mais ampla sobre o conhecimento, dedicado a formar pequenos cidadãos conscientes da Natureza como nosso lar comum, através do caminho lúdico, intuitivamente aprendente e potencialmente ensinante das artes.

Por esses motivos, revelo a intenção explícita desse trabalho em pretender ser lido por outros companheiros e companheiras de docência, que humanamente podem se incluir no

texto quando a minha trajetória pessoal vaza pela escrita¹³ (Evaristo, série Ecos da Palavra, Episódio 5), e aqui, se reconhecendo também nessas palavras, se identificando em semelhanças com o fazer pedagógico ou mesmo se inspirando em realizar algo novo a partir das provocações estimuladas nestas palavras. Ainda, este mesmo trabalho, tende a colaborar com uma clara função pedagógica na dimensão formadora inicial da docência, na dimensão continuada durante a trajetória profissional, e na práxis efetiva, sendo apoio através das propostas de atividades oferecidas como pontos de partida.

Por hora, conluo a Escrevivência

De vida, experiência minha.

Fica a foto pra relato

Registrada na grafia.

A escrita segue a linha

E outras lutas vivencia

A pesquisa segue em frente

E une as duas novamente.

(...)

A escrita segue e a vivência continua...

AUTORIA PRÓPRIA (CRUZ, 2021)

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXGojPDNmDM&list=PLXQR8WiX4jkJ7-WFgmmwtOEJR3NRWUYCs&index=6>

4.3. Lugar de Escuta: Uma revelação durante a jornada

Uma perspectiva Pedagógica Geopoética como base para a Escuta

“Os ouvidos se apuram para colher evidências de que há vida no mundo”.
O ouvido pensante. Raymond Murray Schafer. 1991.

Trabalhando para dissolver fronteiras e eliminando barreiras na interface sala de aula – Natureza (tema aprofundado no apêndice F) a educação encontra meios através de uma possibilidade surgente de Pedagogia Geopoética. Nessa ótica-ação, “a Geopoética torna-se ainda mais interessante no contexto atual por oferecer um terreno de encontros e estímulos recíprocos” (PONCIANO, 2018), originando correlações e pontos de contato entre a poesia, as Artes, as Ciências da Natureza e saberes outros, ricos e originais. Atualmente, mesmo para efeitos de estudos detalhados, não se revela seguro distanciar o pesquisador do seu objeto de pesquisa. Ou melhor, se ambos têm histórico, memórias, marcas de identidade, e reservas de saberes, o potencial de conhecimento produzido e a produzir, se materializa durante a ação da pesquisa, e se disponibiliza inédito, simultânea e mutuamente. Tal conceito de pesquisa-ação tem origem nos estudos do colombiano Orlando Fals Borda (1925-2008), e encontramos apoio quando lemos que, a pesquisa-ação e a investigação militante são solos férteis para uma construção de uma ciência libertária em movimento.” (BARTHOLL, 2018)

Esse mesmo caráter de relação interdependente, comunicante e complementar, se estabelece entre ser humano e Natureza, Educando-Educador e conhecimento, e ainda, sociedade e planeta. Quando nos debruçamos sobre as reflexões provocadas pela Geografia Cultural presentes nas palavras de Carl Sauer, percebemos que este ramo aponta para as obras humanas como marcadores locais e temporais que escrevem trajetórias e jornadas na superfície da Terra, e nela, “imprimem uma expressão característica” com “elementos da cultura material que conferem caráter específico à (cada) área” (SAUER, 1997).

Assim, a expressão “Meu Lugar” ganha forma, conteúdo e valor inefáveis, pois a autodeterminação de pertencimento de um ser vivo (humano ou não-humano) ou elemento abiótico da vida natural, tem seu registro nas entranhas do passado milenar da formação do planeta, ao ser um movimento da geografia terrestre manifestado em ação cultural posterior. Nós somos filhos da Terra e de tudo o que a Natureza tem gerado. Somos descendentes das

dobras tectônicas e, segundo Sauer (1997), os últimos seres a modificar a superfície do planeta.

Portanto, coube a nós (e cabe ainda, com urgência) aprender a saber falar e escutar com/a Natureza. A exemplo dessas possibilidades de engendrar razão e emoção, psique e espiritualidade na objetivação de elaborar e sofisticar nossa capacidade de sentir e pensar indissociavelmente, como seres “sentipensantes” (BORDA, 2009), navegando ainda nas colaborações de Fals Borda, tomamos ciência de que:

En la cultura del Caribe colombiano, y más específicamente de la cultura ribereña del río Grande de La Magdalena que rinde sus aguas al mar Atlántico, el hombre-hicotea que sabe ser aguantador para enfrentar los reveses de la vida y poder superarlos, que en la adversidad se encierra para volver luego a la existencia con la misma energía de antes, es también el hombre sentipensante que combina la razón y el amor, el cuerpo y el corazón, para deshacerse de todas las (mal) formaciones que descuartizan esa armonía y poder decir la verdad, tal y como lo recoge Eduardo Galeano en el Libro de los abrazos, rindiendo homenaje a los pescadores de la costa colombiana.(BORDA, 2009)

Partindo desse cenário, nossa evolução parte da classificação de Homem-sábio (homo sapiens) em direção ao aprimorado Homem-tartaruga (hombre-hicotea), que segundo os ribeirinhos, é aquele que a exemplo da tartaruga, sabe hibernar e esperar o melhor momento de agir, de calar, de falar, de se movimentar, pois se dá a escutar os fluxos do Ambiente, com a intimidade e sutileza propostas pela forma sensível, poética e nitidamente Geopoética, como encontramos em Ponciano (2018), dos seres humanos de se relacionarem com o planeta Terra em sua Natureza tão diversa e ensinante.

Em práticas de “sentipensar” diariamente, o fluxo dessa investigação desemboca numa questão evidente, que é a necessidade de se ter um “Ouvido Pensante” (SCHAFER, 1991) para que seja possível capturar a riqueza de elementos disponíveis na “Paisagem Sonora” (SCHAFER, 2001) oferecida pelo Ambiente. Entre silêncios e sons, texturas e timbres, durações, alturas e intensidades, a sinfonia orquestrada pela Natureza comunica uma imensidão de falas. Pela floresta dentro do urbano, pelo urbano que adentra à Natureza, pela mata preservada em flora e fauna, pelos atravessamentos de trovões, ventos, turbinas de avião, cachorro, martelada em construção, serra elétrica, música, carros e explosão. Assim, Schafer (2001) nos ensina que a Paisagem Sonora se traduz na atenção e análise do universo sonoro ao redor, e como nos exemplos acima, os diferentes sons podem ter origem natural, humana, industrial ou tecnológica.

Uma paisagem sonora à disposição e um ouvido pensante ativo trazem percepção de aspectos acerca da Geografia Cultural. Sauer (1997) nos posiciona num entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Podemos pensar em biomas, em ecossistemas, e em menor escala, em regiões com características antagônicas dentro de uma mesma cidade.

Considerando as afirmações de Schafer (2001), a geografia e o clima conferem sons fundamentais nativos à paisagem sonora, pois “cada tipo de floresta possui sua própria nota tônica” p 44, e “cada paisagem sonora natural tem seu próprio som peculiar e com frequência esses sons são tão originais que constituem marcos sonoros”. p. 48 Logo, concluímos que os biomas têm seus sons, os ecossistemas igualmente e as cidades têm garantida sua melodia a ser apreciada. A influência do que se captura na escuta dessas paisagens se reflete no falar e no agir dos viventes daqui, de lá e os que passam. São as marcas registradas contadas nas narrativas, que servem de identificação para os que se reconhecem na fala de outros. Disto, resgatamos das palavras acima quanto à fundamentação milenar de “Meu Lugar”, para somar a ela, no espectro das manifestações fenomenológicas de cultura e Natureza, a autodeterminação associada ao lugar de “Minha Gente”. São essas, partes da base epistemológica onde se alicerçam a minha Escuta, a Escuta do Meu Lugar, a Escuta da Minha Gente. O meu Lugar de Escuta.

A materialização do Lugar de Escuta

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” João Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas.

Trago comigo algumas alianças preciosas, que soam como uma vinculação eterna. Não valorada a preço, mas em apreço singular por certas causas femininas, tendeu a me orientar desde a formação e no percurso dessa jornada. Formação dada por mulheres, elas, as seis que me forjaram, e seria no mínimo impossível ou equivocado eu não aderir, militar ou me afinizar por questões desafiadoras de narrativas femininas. Este berço matriarcal de Fêmea Matriz revelado e poetizado por Evaristo (2008) se repete também para mim como Força Motriz que veio a influenciar objetivamente e subjetivamente, entre outras tantas coisas, nos aprendizados de habilidades domésticas, habilidades socioemocionais, e habilidades

profissionais. Tanto que as experiências profissionais se consumaram em nichos proeminentemente femininos, como numa loja de freiras - no setor comercial, em call center (Central de teleatendimento) - no setor empresarial e em escolas - no setor da Educação pública. Ao longo do tempo foi parecendo inevitável a inclinação pela proteção das mulheres parceiras imediatas e por projeção, a defesa das pautas mais urgentes e emergentes da coletividade feminina. Assim, na medida em que fui mergulhando nas descobertas de epistemologias femininas, percebi que os atravessamentos subjetivos que a compreensão do meu lugar de fala ilustravam e se sintonizavam com a minha escuta (NOGUEIRA, 2017). Especificamente no conceito de Lugar de Fala, identifico com clareza a minha posição ancestral e minha responsabilidade, oriundas deste Lugar junto delas, com elas e por elas, e portanto, sinto a legitimidade em assumir como meu o Lugar de onde vozes femininas falam e lutam. Venho dialogando com teorias e referências, que tal como Nogueira (2017) se alinham com a forma como escuto os lugares e com o lugar em que me coloco para escutar: a atenção que tenho ao escutar, o significado que apreendo, o que seleciono como escuta, e o que descarto.

Neste caminho, foram se revelando estruturas de base que vão sustentar a definição do que vamos nomear aqui de Lugar de Escuta. A aparente mudez abiótica das Montanhas me fazia lembrar e associar essa cena quase estática com as vezes que presenciei Mulheres silenciadas diante de um imponente não poder falar, mesmo tendo muito a dizer. Mulheres e Montanhas são igualmente imponentes, e não deveriam ser erodidas ou soterradas por algo ou alguém que as queiram calar. Reconhecendo-me em Evaristo (2017), eu me investi enquanto sujeito que assume a função de narrar essas vozes excluídas e seus sofrimentos, e expõe as teimosas consequentes chagas de si mesmo, traduzidas em dor latente. “Eu fico com essa dor ou essa dor tem que morrer”. Nesse verso, que ecoa do cantar Melódia (2006) até reverberar-se em decisão, me apoiei, e desenvolvi, após essa consciência, já que “somos feitos de silêncio e som”, concordando com Santos e Motta (1984), mais um pouco da minha habilidade de Escuta entre falas e silêncios de Mulheres e Montanhas. E a partir daqui, assim como Natureza, Montanhas e Escuta, as Mulheres passam a ser maiúsculas também neste texto. Num contraponto à mudez e à estática sugeridas, fiz questão de usar os termos aparente e quase, justamente para deixar bem entendido que só parece e que é necessariamente um engano cogitar que uma Mulher ou uma Montanha não tenha algo muito relevante a dizer. Sempre têm. E revelam e ensinam tanto falando quanto em silêncio, mas constantemente dizendo que, se em silêncio for, este é por livre querer e significa que apenas alguns poderão

Escutá-las, pois “tudo o que cala fala mais alto ao coração”, ainda na mesma consonância de Santos e Motta (1984).



Figura 20 “Silenciosamente eu te falo com paixão” (Santos e Motta, 1984). Esta é Miguelita, a minha avó. A Matriarca.

Outra base importante para a construção dos pilares de um conceito de Lugar de Escuta é que estamos partindo de um arranjo consonante da minha voz emitida do meio de um coro feminino, carregando consigo suas bandeiras e percursos, no pressuposto de que desse Lugar de Fala que tenho como meu, e que é definido com aportes teóricos sustentados em Djamila Ribeiro, Giovana Xavier e Conceição Evaristo, com colaborações ainda de Sobonfu Somé e Bell Hooks, vislumbro uma necessidade profética e salvadora de elevar a Escuta à

importância e urgência de traduzir oralidades que transcendem ao espectro audível de uma sociedade que habitualmente invisibiliza e cala.

Faço questão, e é necessariamente relevante acenar aqui para construção epistêmica do conceito de Lugar de Escuta fundamentado nas colaborações acerca das definições de Lugar de Fala das autoras citadas. É a partir dos estudos delas que o conceito se torna tangível e encontramos fundamentos nas nossas realidades, nos fenômenos naturais e sociais próximos e compreensíveis a nós. Com o advento da Escrivivência, Conceição Evaristo (2017) nos presenteia com uma construção em primeira pessoa, narrando como que nossos pares dialogam generosamente, “buscando a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2017). E a partir da leitura acessível destes conceitos, nos tornamos capazes de nos introduzir em cenários de discussões coletivas e outros lugares de resistência, onde não somos queridos ou esperados. Ribeiro (2017) nos convoca a romper com uma voz única que, na maioria das vezes, vem pré-determinar e nos impor não-espacos e não-lugares dentro de nossas próprias jornadas.

Por estas ocupações novas, por emancipações, por legitimações devidas, tomamos conhecimento de que nossas vozes podem chegar além do que visualizamos, existindo além do “silêncio instituído para quem foi subalternizado” (RIBEIRO, 2017). As bases conceituais das epistemologias femininas, pretas, marginais, avançaram de representação das nossas causas para construtoras de caminhos, por onde estamos também avançando e chegando, subindo e evoluindo. No nosso caso aqui, subindo as Montanhas e as escutando, devolvendo à sociedade novas formas de relacionamento, criando “condições para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2013) com o ambiente, na certeza de que qualquer um pode aprender, se utilizarmos práticas de liberdade através da Educação, como ainda ensina Hooks (2013), com estratégias pedagógicas Geopoéticas, que convergem para a Conservação da Natureza.

Uma ligação aqui se faz forte com o texto de Somé (2007), quando ela relata que em seu povo, os Dagara de Burquina Faso, “cada pessoa escolhe seu propósito de vida antes do nascimento.” Isso se torna público quando ainda no ventre, pois os anciãos se aproximam da barriga grávida e perguntam ao espírito que está a caminho, quem ele é; por que está vindo; e qual é a sua missão aqui. E os anciãos o Escutam. De acordo com essa tradição, ao tomarmos posse do conhecimento necessário para ocuparmos nossos espacos e lugares legítimos, temos nossos saberes confrontados com discursos estabelecidos, ditos hegemônicos, no entanto, “são

lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.” (RIBEIRO, 2017).

Por esses pilares, com base nas construções fundamentadas quanto a Lugar de Fala, e o meu Lugar de Fala, gerado e legitimado no seio desta epistemologia feminina, e no transcorrer das minhas Escrevivências, reveladoras de inovações, o Lugar de Escuta está sendo definido a partir dos primeiros resultados dessa nossa investigação, como uma condição multidimensional, inicialmente de quatro eixos, conduzida primordialmente pela Postura Atitudinal; em seguida, Oportunidade Geográfica; Conduta Social; e Posicionamento Político.

Como resultado do reconhecimento do meu Lugar de Fala, enquanto homem preto, periférico, forjado por Mulheres de lutas afins, Escutante das Mulheres e das Montanhas, destinado a responder à sociedade através da escola, pela formação dos pequenos com relações profundas e sensíveis com o planeta, ao escutar e criar Pedagogias Geopoéticas para colaborar com a Conservação da Natureza de maneira lúdica na Educação, os quatro eixos dimensionais do conceito de Lugar de Escuta foram se revelando.

Dimensão Atitudinal: O Lugar de Fala revela a Postura Atitudinal do indivíduo, e por ela, o reconhecimento e aderência à sua destinação heróica, seu chamamento para o que o motiva, o impulsiona ao fazer que se desemboca em ação prática profissional. Este eixo dispara conflitos internos de foro íntimo, pela tensão entre saber, dever e querer fazer, versus ter poder para fazer, além de esbarrar em conflitos de interesses institucionais moldados pelos objetivos dos sistemas e limitações jurídico-burocráticos;

Dimensão Oportunidade Geográfica: O lugar de Fala revela as Oportunidades que a Geografia disponibiliza em cada região, através do reconhecimento das potências e das vulnerabilidades territoriais ambientais, observadas no âmbito dos elementos bióticos e abióticos da Natureza. Os conflitos nesse eixo, se apresentam entre outros, como ocupação desordenada, disputas por áreas, exploração predatória versus Conservação, conscientização e organização local ante ao descaso governamental;

Dimensão Conduta Social: O Lugar de Fala revela o reconhecimento da identidade individual e sua afirmação quanto a ser do, e com o, coletivo. Traz ainda, luz à memória enquanto valor de afeto e de historicidade, na construção da estrutura de (co)nvivência entre pessoas vivas e personagens não humanos na comunidade;

Dimensão Posicionamento Político: O Lugar de Fala revela o reconhecimento das pautas comuns que compõem as lutas por defesa e justiça, intrínsecas a quem se posiciona de, para e com seu povo, seus pares. Entendendo que aqui, toda essência do eixo já nasce de um conflito entre o cumprir e não cumprir, e cobrar o que não fora cumprido.

Dessa forma, temos que, a partir do encontro em que se identifica o posicionamento do Lugar de Fala, revelam-se os quatro eixos dimensionais que criam a condição de Lugar de Escuta, conforme o diagrama abaixo:



Figura 21 Diagrama infográfico da gênese de Lugar de Escuta.

Para iniciar uma composição que inaugure/origine uma abordagem epistêmica de Lugar de Escuta, conforme a minha trajetória de Escrivências Geopoéticas veio emergindo e sedimentando, vejo a necessidade de contemporizar a respeito da relação entre os termos e sentidos de ouvir e escutar. Até mesmo porque tal necessidade se transborda para o meu autorreconhecimento de como de fato se dá a minha relação íntima e sensível com a Natureza. Eu afirmo que é uma relação com tudo ao redor, visível e invisível, pois assim como (KRENAK, 2019) não concebo algo ou lugar que não seja Natureza, mais que pertencimento, tudo existe junto sendo Natureza. (BOFF, 2011a) nos ensina que tudo no Cosmo compõe uma história universal contada pela Natureza através dos seus personagens. Eu os nomeio desde os

astros celestes até as matas, animais, rios e Montanhas, a fim de aprender a saber escutá-los. A Escuta cuja a dimensão epistemológica desejo aqui alcançar em reflexões e aportes teóricos, se diferencia daquela já reconhecida busca pela singularidade do sujeito, chamando a atenção do desejo inconsciente, abrindo caminhos para a investigação e aplicada à técnica Psicanalítica e Psicoterapêutica, detalhadamente exposto em (BASTOS, 2009), ainda que seja possível encontrar alguns pontos de convergência. A essa Escuta ainda devo acrescentar a expressão “Lugar de”, pois daí compreendem-se questões relativas à posicionamentos e comportamentos sociais, também questões de representatividade, memória e identidade local com o espaço geográfico, sendo e escrevendo histórias suas em outras.

Como mais uma colaboração poética para a composição de conceito de Lugar de Escuta trago o texto de Rubem Alves intitulado Escutatória, parte integrante do livro “O amor que acende a lua”, publicado em 2013, como linha de costura para que algumas ideias comecem a mostrar sua forma mais poética, e o significado revelado durante a jornada possa ser vislumbrado. No seu discurso, (ALVES, 2003) revela seu pensamento em oferecer um curso de escutatória, contudo acredita que não haveriam matrículas, pois em suas palavras, “Escutar é complicado e sutil.”

A Escuta não é uma ação unilateral de expectador sem interação com o objeto de interesse, aliás é de observador avançado ao nível contemplativo, capaz de capturar leituras sutis do que é dito, mas não é evidente, e até do que não está exposto e de nenhuma forma verbalizado, mas que pode vir e vem, de diversas formas, em vozes e gritos que ecoam de outras maneiras. É escutar quem fala de outras formas, não quer falar, ou não pode falar. Evaristo (2016, p.103) nos ajuda contando que a fala e a mudez moram juntas “e que de vez em quando uma pisa no pé da outra” e se esbarram, se machucam acidental ou intencionalmente, sendo, no segundo caso, a demonstração de um ato político de opressão à expressividade, ora silencioso e não menos perigoso. Por isso, quando digo acima que “não quer falar, ou não pode falar”, faço um sinal de realce comparando as habilidades de escutar a Natureza e de escutar silêncios gritantes de falas represadas. Esse poder existe, somente está enfraquecido ou reprimido. Desse modo, posso fazer o caminho inverso, e olhar para as Montanhas como emudecidas, que lutando em silêncio dizem sutilmente a quem puder escutá-las.

Diferente de uma posição passiva de ouvinte, afirma (BASTOS, 2009), onde o conceito de ouvir designa-se mais ao entendimento do sentido orgânico, fisiológico e

sensorial do corpo, Escutar exige e se desdobra em atitude, desde a captura do que se ouviu, até a interpretação, fazendo correlações, associações e inferências, podendo então, responder-se com fala, ação corporal, ação social, impulso, estímulo e outras. A Escuta move, provoca a psicomotricidade, dada em (FONSECA, 2010) pela relação e influência sistêmicas entre o psiquismo e as respostas do corpo, nas suas múltiplas e complexas manifestações, pois envolve análise e julgamentos de fato e de valor, onde o *escutante* afetado, afeta outros ao seu redor. Então, comove, pois move conjuntamente, e mobiliza. A Escuta gera movimento físico e cria movimentos de mobilização que partem do individual para o coletivo-afetivo-participativo. Encontro nas palavras de Nogueira (2017) sintonia e acordo, quando também “penso que o conhecimento não é neutro, mas situado, e que minhas reflexões se articulam a partir deste lugar e da forma como dou significado à ele”, enquanto eu, no processo de ressignificação desse lugar, percebo que a minha escuta não se furta à neutralidade, mas emerge “situada, e plena de subjetividades”. (NOGUEIRA, 2017) Situado, o meu Lugar de Escuta me investe de uma posição de representante de pautas as quais fui capaz de identificar e compreender nas conversas com as Montanhas, e assim, convertê-las em demandas para e pela sociedade através da Educação e do fazer de nós Educadores.

Em (BOFF, 2011b), ele nos conta que o camponês do altiplano da Bolívia o diz: “eu escuto a natureza, eu sei o que a montanha me diz”. O relato desse camponês impulsiona e encoraja a ocupação de um lugar que se deva assumir, e talvez assumir não seja a melhor palavra, mas meu Lugar de Escuta dependeu parcialmente de como me posicionar diante de um discurso já existente e permanente, vindo do alto e de todo o corpo das Montanhas. Aqui eu faço um aceno ao corpo das Montanhas, pois o seu cume, o famigerado topo, é normalmente objeto de conquista e aparentemente aí se encerra a oferta de potencialidade delas. No entanto, estar sob a proteção das sombras delas, ou estar abrigado no Vale aos pés de ambas, pode ser tanto quanto ou tão mais prazeroso e gratificante. Em Somé (2017) compartilhamos a ideia de iniciar relacionamentos pela sua base, assim como uma trilha de subida às Montanhas, e durante a subida, construímos caminhos sólidos e pontos firmes. Eu vejo nas entranhas das Montanhas, feixes de músculos e tendões sobrepostos se contraindo para mantê-las constantemente firmes e imponentes. A isso dou o nome de proteção e segurança. Dou o nome e me convenço, a exemplo dos índios wayuu, da fronteira Venezuela-Colômbia, que através do poema “Naturaleza de Mmá” (a terra), expressam como:

“associam montanhas e pedras a ossos, “porque todas las rocas constituyen los huesos de la tierra”, rios, fontes e lagos a “su sangre, sus lágrimas, su savia” e areia e

barro a “sus carnes, sus músculos, sus vísceras”. E concluem: Su seno es cálido como la matriz. Su corazón es fuego. Pero las demás partes de su cuerpo se ocultan a nuestras vistas porque son divinas y no alcanzamos a comprenderlas.” (HAESBAERT, 2020b)

Em Escutatória, Rubem Alves ainda nos convida a refletir que “Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a escutar coisas que não escutava. Eu comecei a escutar.” (ALVES, 2003) Isso me pareceu natural e contínuo, sem confusão com cenários cinematográficos ou sensacionalistas acerca de aberturas entre as nuvens e vozes graves reverberantes. A audição mais reflexiva, compreendida entre os pensamentos e as sensações.

Eu reconheci meu Lugar de Escuta na medida em que eu falava com as Montanhas em minhas conversas. Aqui eu faço um convite a um mergulho no imaginário em busca de uma ilustrativa hipótese lógica. Aproveitando-me do apoio em Imaginamundos (COSTA *et al.*, 2020), onde vemos que é parte da nossa tarefa, enquanto sujeitos históricos, pisando o mesmo chão de opressão com nossos pares, disputar os imaginários. Parecia-me como num evento, congresso ou seminário. Nesse caso, seria um tipo de congresso planetário da Natureza, em que elementos bióticos e abióticos seriam palestrantes e os humanos os participantes, na maioria ouvintes e alguns poucos com habilidade de *escutantes*. Numa determinada sala ou auditório, cujo tema seria “As Montanhas falando alto”, eu entro. Percebo várias cabines individuais, de forma que não vejo ninguém e, também não posso ser visto. Ali, todos as veem e elas alcançam a todos. Ao fim da imaginada conferência, na saída, não é possível saber quem era ouvinte ou *escutante*. Somente tempos depois, ao ter acesso aos conteúdos do que aquelas pessoas produziram, seria possível afirmar. No entanto, há quem escute, mas ainda não tenha pronta a sua resposta ou não se sinta em condições de oferecê-la.

Em comparação ao sacerdócio das religiões, o que se entende por chamado é uma escolha pessoal? É uma escolha ancestral? É uma escolha transcendental? Eu escolho escutar o que já ouço? Eu escolho escutar e a partir daí passo a escutar, habilitando meus ouvidos? Eu escolho escutar o que já ouço desde sempre e a partir daí tomo consciência do conteúdo e da necessidade de resposta? Trago de Alves (2003) que “Fernando Pessoa conhecia a experiência...” e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras... No lugar onde não há palavras. A música acontece no silêncio. Assim, nos soa que o silêncio é um lugar de conflitos, de disputas, como que metaforicamente, na calmaria das águas emergem o que se

havia escondido, ou de uma pessoa, tendo algo a esconder, no silêncio ouve o desconforto da consciência relutante.

Na escuta há sempre uma mensagem a ser transferida ou há um diálogo, uma troca, uma conversa? Na escuta há um respeito oracional pelo silêncio e pelo reconhecimento de que, do que se conhece como ausência de fala, há ali, algo em volume alto sendo dito. A depender do tempo e da urgência, há um grito desconfortante e ensurdecido, que se não traduzido, pode ser revelado em abrupta calamidade, pois, segundo Alves (2003), “Nossa incapacidade de escutar é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade.”

Tal como a cegueira tem duas dimensões aparentes, a involuntária e a voluntária, onde a primeira essencialmente orgânica/física caracterizada tecnicamente pela deficiência visual, e a segunda de caráter meramente comportamental, se apoia no não desejo de acessar certa informação ou enfrentar uma situação, não necessariamente visual ou concreta, podendo estar no campo da abstração. A surdez, a exemplo das palavras acima, comporta igualmente as duas dimensões, segundo a mesma linha comparativa.

No caso da Escuta, apenas cabe a dimensão voluntária, pois não se trata de deficiência nem de incapacidade física, mas de não disposição à tal. Logo, a não escuta tem caráter essencialmente comportamental onde se observa que a negação é regida por arbitrária negligência de fatos e fenômenos transcorrentes.

O Lugar de Escuta pode vir a ser, mas não é efetivamente, uma região transcendental. Considero aqui o recorte imediato para esta investigação, mas não ignoro a multiplicidade de possibilidades que aguardam desdobramentos residentes no futuro próximo. Na abordagem eleita aqui, a Escuta da Natureza e de seus entes, esse Lugar se revela numa composição de posicionamentos diante do entendimento individual enquanto Ser, diante da relação com a grandeza e poder da Natureza Mór e seus ciclos, diante dos ares e da coletividade ao redor, situando e combinando níveis de pertencimento e representatividade, a exemplo do que observamos na legitimação de Lugares de Fala.

...ta Viva a Natureza Mór...

Vento que sopra do Mar em direção à terra

Desliza e envolve as Montanhas penteando seus Arbustos Matagais

Até empurrar as Nuvens carregadas a choverem suas Águas nos Quintais do Vale

Onde se acumulam e escorrem serpenteando correntes dos Rios

A costurar Matas e cidades em tramas de culturas e ideias.

Território de Cruzos.

De meandros em meandros sinuosos, ao longe um limite.

Horizonte limite.

Tão logo é o limite...

O lim! [...]

Despenca em queda turbulenta.

Bela, hostil. Barulhenta.

Ao sabor do Vento pulveriza lenta...

Até encontrar de novo o Mar.

AUTORIA PRÓPRIA (CRUZ, 2021)

Porém, para além dos fortes laços de afeto com os elementos naturais, o Lugar de Escuta ultrapassa limites regionais geográficos, porque está intimamente ligado ao estabelecimento de conexões comunicativas sutis, sensíveis profundas com o ambiente, resultantes de uma maneira Geopoética de habitar e Ser em rede na/com a Natureza. Então, é possível e muito comum, exercer meu Lugar de Escuta em qualquer lugar geográfico, desde que os indivíduos naturais humanos e não humanos interajam e a postura *escutante* se

manifeste. Na nossa grande aldeia planetária, há que se espelhar nos hábitos do povo Dagara, como nos revela Sobonfu Somé sobre o Espírito da Intimidade, “a vida é diretamente inspirada pela terra, pelas árvores, montanhas e rios. Assim, o relacionamento entre o homem e a natureza é traduzido na construção da comunidade e da relação entre as pessoas”. (SOMÉ, 2007)

Obliquamente, aproveito para insistir que, o Lugar de Escuta, também pode vir a ser, mas não se caracteriza unicamente como sobrenatural. Ele nasce junto da postura relacional com os elementos da Natureza, num gesto tátil, com troca de calor, de texturas, umidade, fragmentos de si, microorganismos, ou mesmo numa interação tele observacional. Pelo reconhecimento, tal como o de Nogueira (2017), dos caminhos de escuta, pelos lugares de fala por onde transito, de onde venho e até chegar aqui, tudo com seus sons, histórias e pontos de vista.

Para se obter uma Escuta, antes alguém precisa oferecer uma fala. Em conversa com um amigo pesquisador, ouvi algo que parece óbvio, mas de uma profundidade especialmente relevante para a minha trajetória: “As Montanhas estão aqui há bilhões de anos, falando”. Isso desperta para uma maior ponderação às palavras de (KRENAK, 2019), quando nos diz que, ao verbalizarmos a sacralidade dos nossos rios e matas, somos reduzidos ao julgamento de credices folclóricas sem efeito, e ainda, “quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”. Em conversas com as Montanhas ao longo dessa jornada até aqui, vim confirmando que a maioria das pessoas não mais se considera capaz de perceber a Natureza personificada. Temos que “reaprender a escutar a natureza”, segundo o alerta de Boff (2011b), já que “toda nossa cultura ocidental, de vertente grega, está assentada sobre o ver”, na imagem, na estética. Daí a incredulidade em Escutar a quem, ou o que, se diz não poder falar nada. Em contradição a isso e na certeza do que venho encontrando ao longo de toda jornada, nas escavações, na Escrivência minha e tão nossa, comungo novamente das palavras de Leonardo Boff quando diz que “a natureza está cheia de vozes”, porque acredito que nós precisamos aprender a escutá-las atentamente. Todos estão falando, eles e elas, nuvens, sol, lua e estrelas; animais, matas e rios; lagoas serenas, as Montanhas; o Vale e nós!



Figura 22 "De cima da estrada que costura o vale feito um rio, contemplação, e a Montanha amanhece."

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se somos, sou. Resiste. Se somos, sou. Persiste. Herdamos laços que nos fazem Nós. Nosso sonhar resiste. Se somos, sou, persiste. Desatar nós, escutar a nossa voz. Se somos, sou. Resiste” (Drika Barbosa, 2020).

Para este momento temos algumas “continuações” finais. Até certo momento era inimaginável que as falas das Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha tivessem o poder de construir fundamentos tão firmes quanto às suas próprias estruturas. Elas nunca foram subestimadas, mas agora, os desdobramentos e as correlações diretas com as falas geopoéticas dos referenciais do embasamento teórico e das análises colhidas ao longo deste trabalho, que confirmam uma surpreendente fertilidade nesse campo de saberes. Um ambiente que é cooperativo e rico em possibilidades de novas investigações e de ramificações produtivas.

O camarada das Montanhas ainda as ouve e vive no Vale Pedra Branca - Mendanha como sua cria fecunda. Agora estou compondo o coro, empoderando e potencializando as vozes individuais dos estudantes e docentes que tenho contato, e sendo também empoderado e potencializado por eles, criando uma voz coletiva de forte eco para a Conservação da Natureza, em especial aqui no meu lugar. Por meio da Educação, com um ensino e aprendizagem ressignificados quanto à colaboração ideológica, à amplitude pedagógica transdisciplinar e quanto à sua função social construtora de cidadania, apontamos até aqui que as práticas locais vêm colaborando com os saberes globais e com as propostas de elaboração de novas pedagogias, em encruzilhadas de saberes oriundos de diversos referenciais não só teóricos, mas também das minhas vivências pessoais em relação com as nossas vivências coletivas. Vislumbramos que as ações e atividades pedagógicas que se mostraram eficazes na minha práxis também servem ao fazer docente de outros pares, e que a análise delas está gerando produtos científicos, técnicos e artísticos que podem semear novas práxis em outras Naturezas, pessoais e coletivas, dentro e fora das escolas. Correlacionados pelo meu lugar de vida e de experiências, somos habitantes das mesmas sombras, brisados pelo mesmo vento, irrigados pelas mesmas chuvas e semeados no mesmo chão, na visão Geopoética do planeta Terra como a base que nos integra, junto a todos os demais elementos bióticos e abióticos. Sendo eu um pequeno grão de ser do planeta, nesse chão por onde tudo se conecta geopoeticamente, os efeitos deste trabalho não se restringem ao Vale, eles e[s]coa desta calha da Zona Oeste do Rio de Janeiro para o mundo.

Nas escavações feitas na minha memória e história pessoal, encontramos elementos que compuseram uma trajetória de formação identitária, de reconhecimento próprio de pertencimento social e geográfico. O que poderia ser apenas um emaranhado de fósseis imagéticos e sensoriais está sendo convertido em produtos concretos, aqui oferecidos como recursos de identificação mútua aos companheiros e companheiras afins da docência, coabitantes aqui do Vale e para além, em outros chãos que as sementes e folhas geradas por esta pesquisa possam pousar e encontrar um solo fértil.

Ainda na seara das escavações, encontramos mais valores revelados nessa jornada. Temos a confecção de produtos outros, além dos já antes sinalizados. Eles estão categorizados em teores técnicos-científicos, lúdicos e artísticos, sempre com as marcas militantes da cooperação e colaboração, sendo ofertas de reflexão e prática para a comunidade. Outro valor descoberto foi uma revelação surpreendente debruçada na investigação sobre um inovador conceito de Lugar de Escuta. Instigante combinação de cenários que viabiliza a possibilidade de amplificar a ação de Escuta, em nível de sensibilidade, capaz de gerar movimentos e ações de Conservação da Natureza, além explicitar afetos e mazelas da subjetividade social humana ao redor. O conceito de Lugar de Escuta nasce do mergulho nas definições e reflexões de Lugar de Fala, posicionamentos de resistências femininas, ocupações e disputas de espaços, lutas por legitimações e reconhecimentos, e sobretudo da atenção especial às falas reprimidas/represadas. Estas últimas, assemelhando-se intensamente, são comparadas às Montanhas das quais, no silêncio, Escuto o clamor. Esse Lugar de Escuta se concretiza a partir do momento em que as condições, definidas em quatro eixos dimensionais, se revelam para tal.

Assim como uma fonte, desse trabalho germinam múltiplas ideias que vêm se consolidando em novos estudos, novas investigações, novos questionamentos e inovações. No fluxo dessa correnteza, antecipamos aqui que continuam os desdobramentos acerca de Lugar de Escuta, e ainda, devido à composição da coleção de atividades práticas, na Cartilha de Naturezas Coletiváveis, surgiram as primeiras provocações de pesquisa por uma Pedagogia Geopoética, que se revela e manifesta na encruzilhada de saberes, de seres e de aconteceres, no mundo de conhecimento acumulado em existências poéticas, inclinadas à prática pela via da sensibilidade para com o ambiente. Tais estudos já estão em produção e serão compartilhados em momentos futuros.

O caminho para trazer essas experiências para o âmbito acadêmico foi a partir da escrita dos relatos vividos, não se deslocando do caráter abstrato em que as memórias

gravitam, mas referenciando-os a partir das condutas epistemológicas necessárias. Foi preciso escrever essas vivências, e nessa Escrevivência, o Eu é uma parte. Aqui a proposta é que o Nós está posicionado como o protagonista. E cada um(a) pode encarnar estas Escrevivências Geopoéticas como sua, colhendo daqui o que lhe tocar os fios adormecidos a serem desembolados de forma coletiva, para movimentar para uma Conservação do planeta Terra pela qual os seus talentos possam contribuir mais amplamente, frutificando e produzindo novas sementes geopoéticas.

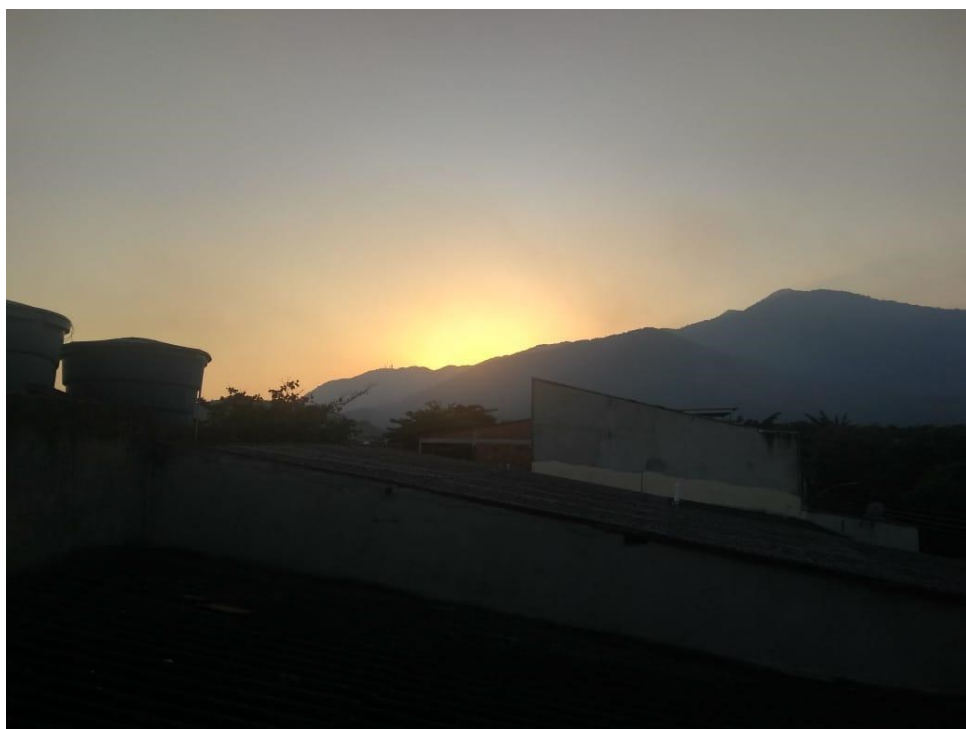


Figura 23 "O fim de tarde do meio dos quintais do Vale. Reverência."

6. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61p.

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. 8.ed. Campinas: Papyrus, 2003. 214 p.

AMORIM, Márcio Estrela de. REFLEXÕES SOBRE NATUREZA, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE. **XXXV Encontro Estadual de Geografia (EEG) 2018-“A diversidade da Geografia e a Geografia da diversidade nas primeiras décadas do século XXI”**, n. 35, p. 10-10, 2018.

ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. **Manejo de trilhas: um manual para gestores**. São Paulo: Instituto Florestal, 2008.

BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento: a Ciência como ferramenta de luta**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018. (Saberes, Territórios, Movimentos; v.1)

BARTHOLL, Timo. **A Ciência como ferramenta de luta**. 2021. Debate em vídeo. Disponível em <https://youtu.be/Qt0E9TomeC4> acesso em 15 de julho de 2021.

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **A escuta psicanalítica e a educação**. Psicologo informação, v. 13, n. 13, p. 91-98, 2009.

BOFF, Leonardo. **Ou mudamos ou morremos**. Home page, 1998. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/cedoc/ou-mudamos-ou-morremos>. Acesso em: 28/02/2021.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade** - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BOFF, Leonardo. **O preço de não escutar a natureza**. 2011a.

BOFF, Leonardo. **Outro paradigma: escutar a natureza**. 2011b.

BORDA, Orlando Fals, 1925-2008. Una sociología sentipensante para América Latina. Victor Manuel Moncayo Compilador. Bogotá : Siglo del Hombre Editores y CLACSO, 2009. 492 p.; 21cm.

BOUVET, Rachel. **Como habitar o mundo de maneira geopoética?** Interfaces Brasil/Canadá, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em :<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BRASIL. **Lei n. 9.795**, de 27 de abril de 1999. Diário Oficial da União, Brasília, DF 27 de Abril de 1999. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/ficha/?legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.795-1999&OpenDocument>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 04 fev. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. P. 6 - 143. v. 6, n. 1, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. P. 57 - 62.

CAMPOS, R. F.; FILLETO, F. Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, p. 69-94, 2011.

CASIMIRO, Pammella Souza. **Escre(vi)vendo a Baixada: (Des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos – 2021**.

CAVALLIERI, F.; LOPES, G. P. Índice de Desenvolvimento Social-IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro. **Coleção Estudos Cariocas**, v. 8, n. 20080401, p. 12, 2008.

CORRÊA, Armando Magalhães. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. Fac-símile, Coleção Memória do Rio, Departamento de Imprensa Oficial da Secretaria Municipal de Administração do Estado do Rio de Janeiro, década de 1970.

COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. **A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica**. Revista *Katálysis*, v. 20, n. 1, p. 111-121, 2017.

COSTA, Rafael Nogueira. SÁNCHEZ, Celso. LOUREIRO, Robson. SILVA, Sergio Luiz Pereira da. **Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens** / Rafael Nogueira Costa... [et al.]. – Macaé: Editora NUPEM, 2021.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros Movimentos**. Belo Horizonte. Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, v. 1, p. 132-142, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: uma visão pessoal**. Construção psicopedagógica, v. 18, n. 17, p. 42-52, 2010.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em educação popular**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1989. 2ª Edição. 68p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIRALDO, Omar Felipe; TORO, Ingrid. **Afectividad ambiental: sensibilidad, empatía, estéticas del habitar**. El Colegio de la Frontera Sur, 2021.

GOTSCH, Ernst. Vídeo **Seleção de Áreas – Agricultura Sintrópica**. Projeto Agenda Gotsch. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/aHZnV8cSfWY?t=238> – Acesso em: 12 de março de 2021.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território(s) numa perspectiva latino-americana**. Journal of Latin American Geography, v. 19, n. 1, p. 141-151, 2020a.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020b.

HAMDAN, Camila. **Ecologia Cíbrida: arte, tecnologia e sistemas vivos**. SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM CULTURA VISUAL, v. 2, 2009.

HAN, B. C. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder - 1ªED**. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. tradução: Bhuvi Libanio. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

JUSTEN, Carlos Eduardo; NETO, Luís Moretto. **Gestões do desenvolvimento e desenvolvimentos da gestão: da unilateralidade reificada à dialogicidade da simbiose homem/natureza**. Cadernos EBAPE. BR, v. 11, n. 2, p. 295-310, 2013.

KOZEL, Salete. **Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”**. Caderno de Geografia, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise**. [recurso eletrônico] / Luciana Corrêa do Lago. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2015.

MACEDO, Clarissa Moreira de. **Geopoética: contraponto à necropolítica**. Perspectivas, Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT. v. 5, n. 2, p. 3-19, 2020.

MARICATO, Ermínia. **O MINISTÉRIO DAS CIDADES E A POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO**. In: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (org.). Políticas sociais acompanhamento e análise. nº12. Ipea, 2006. p. 211-220.

MELODIA, Luiz. **Dores de amores**. Relíquias. EMI Brasil – 2006.

MONDARDO, Marcos Leandro. **O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009.

MORAES, Maria Cândida; **Transdisciplinaridade, Criatividade e Educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MOSAICO CARIOCA. **Mapa simplificado das áreas de abrangência do Mosaico Carioca de Áreas Protegidas**. Rio de Janeiro, 2010. Escala 1:259167. Disponível em: <http://mosaico-carioca.blogspot.com/2010/03/mapa-simplificado-das-areas-de_06.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

NATIRUTS. **Palmares 1999**. Brasília: EMI Records Brasil Ltda, 1999. Disponível em: https://youtu.be/inO_snx5yMQ Acesso em: 27 jun. 2021.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.

NOGUEIRA, Isabel Porto. **Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas**. Revista Vórtex, Curitiba, v.5, n.2, 2017, p.1-20

NOVOS BAIANOS. **Mistério do Planeta**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1972.

OLIVEIRA, Maria Lucia Cunha Lopes de. Deslocamentos territoriais da docência-discência na Educação Básica: tensões e desafios em tempos de pandemia. **Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, v. 7, n. 13, p. 09-21, 2021.

OLIVEIRA, Rogério; FERNANDEZ, Annelise (Organizadores). **Paisagens do sertão carioca: floresta e cidade**. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

ORLANDI, Eni. **A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós**. Sujeito e texto. São Paulo: EDUC, 1988.

PARQUE ESTADUAL PEDRA BRANCA. **17 de julho, dia de proteção às florestas**. Rio Da Prata Campo Grande. 17 jul. 2019. Instagram: PEPB Oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0CLISfpTqq/?igshid=evd7nkgk5n4z> . Acesso em: 15 mar. 2021.

PARQUE ESTADUAL PEDRA BRANCA. **A embaúba-prateada (Cecropia hololeuca)** . Parque Estadual da Pedra Branca. 3 set. 2019. Instagram: PEPB Oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B19A37SJz6/?igshid=ks20uedlqapz> . Acesso em: 15 mar. 2021.

PARQUE ESTADUAL PEDRA BRANCA. **O ipê-amarelo (Handroanthus chrysotrichus)**. Parque Estadual da Pedra Branca. 30 ago. 2019. Instagram: PEPB Oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B1zSq5yJTQP/?igshid=y8qxxs2s41b3> . Acesso em: 15 mar. 2021.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. **Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra**. Revista Sentidos da Cultura, v. 5, n. 8, p. 34-48, 2018.

PREZIA, B. **História da resistência indígena: 500 anos de luta**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

REIS, Camila Tomaz; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. 2020. **De Cunhambebe ao Inea: encruzilhadas para um conselho em território ancestral**. In: II Seminário Internacional sobre Democracia, Ciudadanía y Estado de Derecho. Eder Fernandes Monica; Gilvan Luiz Hansen; Guillermo Suárez Blázquez (organizadores)

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** – Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; (Feminismos Plurais).

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação**. Revista Exitus, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019a.

RUFINO, Luiz. Exu o pedagogo e o mundo como escola. **Anos Iniciais em Revista**, v. 3, n. 3, 2019b.

SANTOS, Lulu. MOTTA, Nelson. **Certas Coisas**. Tudo Azul. Universal Music Publishing Group, 1984. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0c7F3yKns6k> Acesso em: 03 de julho de 2021.

SAUER, Carl O. Geografia cultural. **Espaço e cultura**, n. 3, p. 1-7, 1997.

SAUVÉ, L. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Educação e pesquisa, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench Fonterrada. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Desenhos de Lua Kali. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2019. 128p.

SEU JORGE. **Hágua**. Rio de Janeiro: Universal Music Publishing Group, 2001. Disponível em: <https://youtu.be/V2xfmNfG73c> Acesso em: 27 jun. 2021.

SILVA, Renato Mendonça Barreto da; MARTINS, Bruno Rodolfo. Empeleitada: “eu só trabalho na” ou só brinco nela? **Ephemera-Revista do Programa em Pós Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 3, n. 6, p. 115-133, 2020.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. Revista Psicologia Política, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade, Ensinaamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

TEIXEIRA, Wilson; TOLEDO, Maria Cristina; FAIRCHILD, Thomas Rich; TAIOLI, Fabio. **Decifrando a Terra**. São Paulo: Editora Oficina de Textos, 2000.

WHITE, K. **Leitura de Laperouse**. In: Cadernos de Geopoética n.1, outono 1990. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/cadernos-de-geopoetica/175-leitura-de-laperouse>. Acesso em 12 de março 2021.

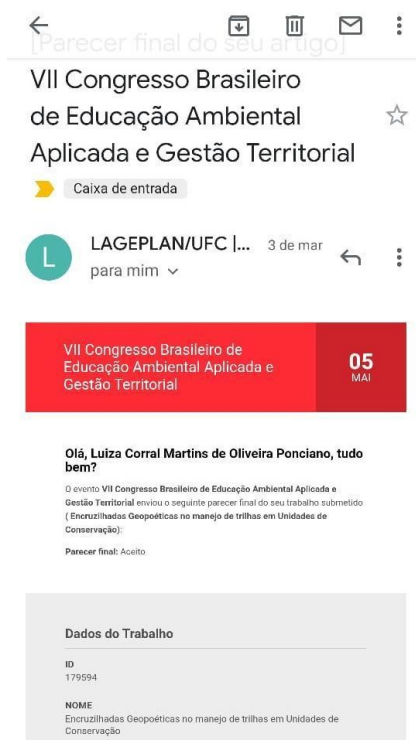
WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopoética**. 2014. Disponível em: <http://institutgeopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 6 de março de 2021.

XAVIER, G. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história!** Rio de Janeiro: Malê, 2019.

7. APÊNDICES

Apêndice A: Encruzilhadas Geopoéticas no manejo de trilhas em Unidades de Conservação. (Capítulo de livro e apresentação em evento elaborado em conjunto com Camila Reis Tomaz e Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano - PPGEC / UNIRIO e Paulo José Simplicio de Alcantara - INEA)

Encruzilhadas Geopoéticas no manejo de trilhas em Unidades de Conservação. VII Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial. ÁREA TEMÁTICA. Estratégias de educação ambiental formal e informal em suas diferentes vertentes.



Encruzilhadas Geopoéticas no manejo de trilhas em Unidades de Conservação / Geopoetic crossroads in the management of trails in Protected Areas

Resumo

A partir de uma análise da abordagem para trilhas interpretativas utilizada no “Manejo de Trilhas: um manual para gestores”, publicado pela Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e utilizado em todo território nacional, destacamos como a Ciência hegemônica reproduz aspectos da colonialidade em diversos âmbitos, como na

interpretação e educação ambiental. Na integração da Pedagogia das Encruzilhadas com a Geopoética, saberes ainda subalternizados e silenciados podem recuperar as suas vozes. Apesar de encontrar diversidade nas opções de construção e manutenção das trilhas, não há no manual um estímulo à significação dos espaços ou reconhecimento dos signos já atribuídos por moradores contemporâneos ou ocupantes ancestrais. Também não encontramos no manual um convite a outras formas de se relacionar com a Natureza na elaboração das trilhas, como um potencial recurso de interpretação ambiental. Começando pelo nome da Trilha do Curumim, dado pelos guarda-parques do Parque Estadual Cunhambebe, Unidade de Conservação do Rio de Janeiro, trazemos exemplos para releitura do conceito de manejo por uma abordagem Geopoética.

Palavras-Chave: Cunhambebe; Ecoturismo; Conservação; Geopoética.

Abstract

Based on an analysis of the approach to interpretative trails used in the “Manejo de Trilhas: um manual para gestores”, published by the São Paulo State Environment Secretariat and used throughout the country, we highlight how hegemonic science reproduces aspects of coloniality in several areas, such as interpretation and environmental education. In the integration of Pedagogy of Crossroads with Geopoetics, knowledge that is still subordinate and silenced can recover their voices. Despite finding diversity in the options of construction and maintenance of the trails, there is no incentive in the manual for the meaning of spaces or recognition of signs already attributed by contemporary residents or ancestral occupants. We also did not find in the manual an invitation to other ways of relating to Nature in the elaboration of the trails, as a potential resource for environmental interpretation. Starting with the name of the Curumim Trail, given by the rangers of the Cunhambebe State Park, Protected Area of Rio de Janeiro, we bring examples of a re-reading for the management concept by a Geopoetic approach.

Keywords: Cunhambebe; Ecotourism; Conservation; Geopoetics.

1. Introdução

As Unidades de Conservação (UCs) são áreas protegidas em território brasileiro regidas pela Lei nº 9.985/2000, conhecida como Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Dentre os objetivos das UCs descritos no SNUC, estão a proteção de “características relevantes de natureza cultural”, a facilitação e promoção da “educação e a interpretação ambiental e a recreação em contato com a natureza”, além de respeitar a valorizar o conhecimento e cultura das comunidades tradicionais “promovendo-as social e economicamente” (BRASIL, 2011, p.9).

Em nossa Carta Magna, Constituição Federal de 1988, o Art.225, inciso VI deixa explícito a incumbência ao poder público de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). A Lei 9.795, de 27 de abril de 1999 institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), tendo como princípio regulamentar a constituição, vindo no seu Art.1 apresentar o conceito legal entendendo por educação ambiental

“os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999).

Este trabalho não se propõe a adentrar no âmbito das políticas públicas, vertentes e demais conceitos conservadores ou contemporâneos na forma de entendimento, abordagem e prática da Educação Ambiental (EA) nas diferentes áreas protegidas. No entanto, temos como entendimento e orientação conceitual que as UCs nos permitem (aqui nos apropriando enquanto pesquisadores e guarda-parque-pesquisador em coautoria) propiciar ao indivíduo e/ou coletivo (sociedade) alguma reflexão, interpretação e percepção ambiental sobre qual seria a importância intrínseca de uma relação integrada, respeitosa e afetuosa com a Natureza. Além disso, fazemos um convite à (re)construção do olhar sobre a relação humanidade-natureza & sociedade-natureza, deixando de ser entendida como o senso comum, dicotômica ou antagonica, para passar a ser compreendida em sua complexidade integrada. Para tal finalidade, a ferramenta abordada pelo manual e sobre a qual nos debruçamos é conhecida como trilha, trilha ecológica ou trilha de educação e interpretação ambiental.

“As trilhas denominadas ecológicas são utilizadas para interpretação ambiental e não consistem apenas em simples locais para repasse de informações, mas em laboratórios vivos em que se relacionam as informações à personalidade e às experiências do público, fazendo-o questionar e interagir com o ambiente. Não possuem somente a finalidade de instruir, mas também a de provocar e despertar a consciência ecológica. Na exploração didática de uma trilha ecológica, devem se utilizar todas as áreas do conhecimento, usando-se uma linguagem apropriada que envolva todos os sentidos, despertando a

curiosidade das pessoas e ressaltando o que parece sem importância” (RACHWAL et. al. 2007).

Toda trilha antes de ser implantada no interior de uma área protegida, deve seguir um planejamento, como o tipo de visitantes (público alvo), levantamentos e percepções ambientais a serem abordadas, distância do percurso, relevo e grau de dificuldades, os impactos positivos e negativos pela presença dos usuários nessa trilha e, principalmente, se a proposta de implantação da trilha vai gerar recursos e materiais de apoio educativos necessários para que possa provocar alguma mudança de pensamento, atitude e comportamento (CAMPOS; FILLETO, 2011; CARVALHO, 2012).

Rodrigues (2017, 2019), referência do campo da Cultura do Movimento na EA chama atenção para a necessidade de ações voltadas à recreação serem críticas e envolverem a conscientização, autonomia e emancipação do pensar e do fazer, assim como Carvalho (2012), vinda da Psicologia, comenta como a interpretação de trilhas é feita atualmente, estando mais próxima de uma leitura de informações, não necessariamente contemplando uma interpretação do ambiente, podendo inclusive impor uma leitura pela perspectiva hegemônica de interpretação e uso de áreas naturais. Por isso, propomos neste trabalho uma análise por meio do cruzo de percepções vindas de pesquisadores(as) das áreas de Ecoturismo, Conservação, Geopoética, Educação Ambiental, Educação Física, Biologia, Geologia e Pedagogia acerca dos potenciais de uma trilha interpretativa pensada para ser vivida, e não apenas realizada como atividade educativa, desde o seu planejamento.

A Ciência hegemônica reproduz aspectos da colonialidade em diversos âmbitos, como por exemplo, nas ações de EA voltadas à interpretação ambiental. Para Soares (2016), há Naturezas diversas em tempos, espaços e subjetividades distintas. Rufino (2019) propõe uma Pedagogia das encruzilhadas, em que saberes subalternizados, silenciados e supostamente apagados retornam às linguagens correntes, seja pela oralidade de quem os encarna, seja pelas propostas descolonizadoras do fazer Ciência. Neste trabalho buscamos, sob a luz do entendimento subjetivo e relacional que cada pessoa tem com os demais elementos bióticos e abióticos da Natureza da qual somos parte integrada e indissociável, considerar as potencialidades pedagógicas de uma trilha pensada a partir desse convite à reflexão sobre sua relação com e enquanto Natureza. Kenneth White (19-?) define a Geopoética como as relações sensíveis dos seres humanos com o planeta Terra, sendo uma teoria-prática que pode embasar vários tipos de atividades (científicas, didáticas, artísticas,...) que tentam se libertar de disciplinas muito estreitas e estão em busca de uma base e dinâmicas duráveis. A parte “Geo” se refere à Terra como base, “coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo”, na busca por um consenso no grupo social em relação ao que é considerado como essencial, numa relação direta com as “coisas” da Natureza. A “Poética” do termo pode ser entendida como uma “dinâmica fundamental do pensamento” (num processo de criação e composição que emerge do contato com a Terra), combinando todos os recursos físicos e mentais de que dispõe o ser humano ao manter a associação entre a ideia e a sensação, o pensamento e a emoção despertada no corpo.

2. Metodologia

Propomos aqui uma reflexão crítica a partir da leitura do material “**Manejo de Trilhas: um manual para gestores**” em cruzo com as noções de Geopoética (White, 19-?) na interpretação da Natureza e da Educação Ambiental Crítica de Loureiro (2012), considerando o papel da humanidade na Conservação do planeta Terra.

As Encruzilhadas Geopoéticas aqui propostas são frutos de nossa análise e proposta de reflexões a fim de mudar o entendimento do manejo de trilhas como um protocolo de ação pura e simplesmente de conservação nas UCs que, por vezes, desconsidera ainda a autonomia e as subjetividades daquelas(es) que materializam a ideia de trilha proposta pelo manual nas áreas protegidas, traçando um escopo de experimentação que não considera as subjetividades de quem visita e/ou as identidades e relações do e com o e nem do meio, assim como o fato dessas relações significarem e transformarem elementos e sujeitos. Para tal, investigamos as perspectivas de interpretação, assim como dos instrumentos utilizados para interpretações do meio, formuladas e propostas pelo Manual analisado, em constante cruzo com algumas propostas prévias de trilhas que foram criadas com base na Geopoética como interpretação de si enquanto e na Natureza.

3. Manejando o Manual

Em um portal oficial do governo do estado de São Paulo, a menção ao documento mais utilizado ainda hoje no entendimento do manejo de trilhas em UCs a nível nacional, direciona a ação para a realização quase mecânica de uma tarefa essencial às UCs com visitação permitida. Entretanto, o enunciado da publicação, no mesmo portal, versa sobre a intenção de promover o ecoturismo e a EA a partir das trilhas. “A publicação ‘**Manejo de Trilhas: um manual para gestores**’ tem por objetivo servir de referência aos gestores de unidades de conservação no manejo racional das trilhas, estimulando a adoção de padrões de implantação e monitoramento”(https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutoflorestal/2009/09/manejo-de-trilhas-um-manual-para-gestores/).

O referido manual, assim como as políticas públicas que o atravessam, apresentam a EA como fundamental para a realização do ecoturismo na Mata Atlântica, podendo conferir à população um protagonismo na Conservação da Natureza. Mas será que esse protagonismo é alcançado pelas atividades propostas atualmente? As trilhas, como vias de penetração nesse ambiente, se tornam elementos potenciais de desenvolvimento de atividades em educação ambiental, pois proporcionam o contato direto da fatia “ser humano” com seu todo complementar, o Planeta Terra, vivo, consensualmente descrito como Natureza. Pois, como Morin (2011) afirma, é (n)a Terra quem (nos) organiza(mos) e desorganiza(mos).

No manual, dentre outros objetivos para a sinalização em trilhas, a interpretação ambiental figura como um dos últimos itens, e, no espaço dedicado à orientação para essa sinalização apenas se diz “painéis interpretativos”. Na seção destinada à interpretação, o manual descreve que esta “geralmente se apresenta de maneira mais complexa que os sinais

indicativos, em vista de explicar aos visitantes de uma maneira ou outra aspectos ambientais sobre o ambiente natural e/ou aspectos históricos e culturais” (ANDRADE;ROCHA, 2008, p.54) Não há maiores descrições e/ou provocações e reflexões sobre potencialidades e limites do papel de um painel interpretativo, que para o manual, devem “relacionar os aspectos culturais, históricos e ambientais” tais como “fauna, flora, geologia, arqueologia, manifestações culturais” e outros (ANDRADE;ROCHA, 2008, p.55). Destacamos a ausência de orientações no manual sobre como manejar espaços destinados à práticas do sagrado, especialmente aquelas de matriz afro-brasileira, como a Umbanda e o Candomblé, que muitas vezes utilizam as cachoeiras e matas em geral para a realização das suas práticas, e com isso enfrentam casos de racismo dentro das UCs, o que precisa ser considerado em trabalhos sobre trilhas interpretativas que outrora foram caminhos ou estruturas que já tiveram outros usos. Por exemplo, algumas dessas trilhas não deveriam passar por espaços sagrados para as comunidades de terreiro, e isso costuma ser ignorado e silenciado dentro das UCs. Uma **Encruzilhada Geopoética** entre seres humanos e meio natural através da interpretação ambiental, potencialmente experienciada durante trilhas interpretativas que considerem subjetividades distintas, nos convida à uma reflexão sobre as relações de interação com a nossa comunidade humana e sua diversidade de características e de membros, junto com toda a biodiversidade e sua relevância e direitos, associada também com os elementos abióticos, no que tange uma ação extrativista sustentável e não predatória. Neste sentido, ainda em concordância com as palavras de Boff (2010), Morin (2011), Krenak (2019) e Scarano (2020), uma trilha interpretativa pode deixar evidente novos caminhos de reconhecimento, de pertença e dependência vital integrada com a conservação do planeta Terra, ou seja, de (re)construção identitária por meio da Geopoética.

O Manejo em si, na sua etimologia, carrega a concretude de sentidos táteis, mas também traz a reboque abstrações para apreciações de outros sentidos no âmbito da captura de fluxos de comunicação ambiente-pessoa/pessoa-ambiente, através dos sensores orgânicos ordinários e de percepções psicoemocionais. Trata-se da audição, visão, paladar e olfato, mas também das sensações de bem estar, de medo, de apreensão por cuidado, de desejo de aventura, de surpresa, de dúvida, entre outras que, inerentes à uma prática de trilhas, acabam por se consolidar em respostas físicas do corpo, e conseqüentemente em algum movimento de reação, como percebemos na música *“Vocês já viram lá na mata a cantoria / Da passarada quando vai anoitecer / E já escutaram o canto triste da araponga / Anunciando que na terra vai chover / (...) / E já sentiram das planícies orvalhadas / O cheiro doce da frutinha muçambê.”* (Penas do Tiê, Raimundo Fagner, 1973).

Manejar, para o portal que anuncia o manual, soa como um ato protocolar, universal, sem identidade ou subjetividade impressa. E, nesse caso, tanto o ecoturismo quanto a educação ambiental nessas trilhas podem se reduzir a meras atividades recreativas ou pedagógicas que visitam esporadicamente o meio “natural” e/ou até mesmo um instrumento do mercado que delas se apropriar (LAYRARGUES, 2006). Analisando o Manual, a classificação de trilhas se dá quanto à i) função, ii) forma e iii) grau de dificuldade e o planejamento leva em conta a i) anatomia da trilha, ii) levantamento e mapeamento, iii) considerações ambientais no planejamento de trilhas, iv) impactos decorrentes da implantação e utilização de trilhas

(ANDRADE;ROCHA, 2008). Não há uma real abertura para se refletir sobre a classificação do espaço territorializado (HAESBAERT, 2004) em que se construirá a trilha, nem das possíveis etapas culturais de seu planejamento.

Já na abertura, o leitor é informado que o material objetiva “servir de referência aos gestores de unidades de conservação no **manejo racional** das trilhas, estimulando a adoção de padrões de implantação e monitoramento” (ANDRADE;ROCHA, 2008, p.2, grifo nosso), o que nos leva ao questionamento: pode um manejo pautado apenas na razão provocar potencialmente uma interpretação do meio, e conseqüentemente, de subjetividades?

Para alguns autores, a trilha interpretativa pode ser acompanhada por guias (trilha guiada), sendo abordados tópicos contextualizados à Conservação e elementos específicos daquela trilha ao longo do percurso, ou então ser realizada com outros recursos interpretativos (trilha autoguiada), como placas, painéis e folhetos (VASCONCELLOS, 1997). Mas para além disso, já existem propostas de trilhas como a de Santos et al. (2019), que destacam uma descentralização da voz, numa contraproposta onde os guias criam diálogos ao longo da trilha a partir da escuta dos interesses de cada visitante, instigando as suas próprias percepções e dúvidas sobre o espaço, em vez de apresentar um roteiro de conteúdo previamente definido e fechado. Esta abordagem se mostrou mais promissora para sensibilizar e diversificar as formas com que os visitantes podem interagir com a teia de elementos bióticos e abióticos, conteúdos e sentimentos atrelados à uma UC. Nessa abordagem para dar voz ao próprio ambiente por meio das Artes, foram criadas treze instalações artísticas, chamadas de reservatórios de vidas geopoéticas, que compõe a trilha Geopoética D.O.S.S.E.L, gerada por meio de uma (re)significação das impressões dos moradores do bairro Jardim Sulacap sobre a UC que é considerada uma extensão dos seus quintais.

As atividades em EA indicam possíveis demandas nas trilhas e o próprio espaço físico retorna com pontos a serem explorados pelos educadores, guias e visitantes. Essa retroalimentação dialoga com a ideia da EA enquanto processo, não pontual, mas contínuo e relacional, em que sujeito e coletivo produzem conhecimentos (LOUREIRO, 2012). O Manual, ao contrário de uma visão crítica ou de leitura de um ambiente que é Tema Gerador (FREIRE, 1979) por si só (como no exemplo da trilha proposta por Santos et al., 2019), sugere uma interpretação o mais automática possível, com placas informativas imprescindivelmente objetivas. Isto é, mais uma vez, fica a encargo do visitante descobrir os potenciais pedagógicos da trilha, para além da informação padronizada disposta nas placas.

Apesar do material ser muito rico em fotos com exemplos de “manejos” e apresentar ampla diversidade de materiais e configurações de trilhas, não há discussão sobre um possível incentivo ao uso de espécies invasoras, por exemplo, na confecção de corrimãos ou passadiços (ANDRADE;ROCHA, 2008). Quando se usa madeira ou “pedra”, não são especificadas as origens dos materiais nem qual a indicação para a escolha deles, como por exemplo: se as rochas utilizadas para a elaboração de degraus e barreiras de escoamento serão escolhidas por terem a mesma origem das rochas *in situ* expostas na trilha, o que facilitaria a interpretação. Sem isso, uma possível interpretação ambiental autônoma da trilha e de sua

constituição fica a encargo de um maior esforço e do nível de conhecimento específico dos visitantes (para diferenciar a origem local ou exótica de diversos materiais).

Rodrigues (2017 e 2019) propõe a experimentação dos diversos meios pela escuta e leitura corporal dos estímulos desses meios. Por exemplo, ao pisar em folhas secas ou em madeira lixada, a reação será diferente e toda resposta do corpo e toda experiência será outra (RODRIGUES, 2017; 2019). Crianças e jovens são sementes cidadãs e incubadoras de ideias para uma nova sociedade. A vida cotidiana deles se passa grande parte na Escola, como principal ambiente de experimentações, explorações e descobertas. Nesse lugar eles(as) se reconhecem, se afirmam e se redefinem em indivíduos e em grupos. Na medida em que lhes são apresentados os ambientes naturais de UCs como uma extensão da escola, enquanto espaço de aprendizagem e laboratório de experiências e sensações, favorecemos a compreensão desse outro espaço como sendo seguro, confortável e saudável. Digno de ser conhecido e protegido. Logo se observa um campo que pode se abrir para a percepção da partilha de um mesmo Planeta Terra, de uma mesma Natureza pela qual precisamos nos responsabilizar, enquanto casa única (SAUVÈ, 2005).

Em todo o Manual não há qualquer menção a uma possível experimentação das ecomotricidades diversas. Em Andrade e Rocha (2008), quando algum tipo específico de terreno pode molhar os pés do visitante, sugere-se a construção de uma passarela de “pedra” ou “madeira” e sequer se adverte que passar por algo suspenso pode ser, por si só, algo novo para o visitante. E, por isso, há muito que provocar, conduzir ou informar sobre.

O Manual também menciona diversas vezes a importância de se proteger as laterais do desenho da trilha, por vezes preenchendo partes menores do espaço aberto para o instrumento de visitação, por vezes sugerindo elementos de coibição como cercas, placas, etc. Couto (2011), em seu ensaio “O incendiador de caminhos”, comenta sobre homens das sociedades rurais de Moçambique que incendiavam trilhas na savana, por onde passam na ida à casas de familiares distantes para que, em seus retornos, tenham segurança quanto à visualização de animais, não se percam, não pisem em animais peçonhentos. Se um conto como este fosse uma placa à entrada, ao menos das trilhas propostas como interpretativas, será que seria mais ou menos efetivo que um aviso como “não saia do caminho, perigo”, o que já se mostrou pouco eficaz de modo geral, assim como outras placas que simplesmente proíbem ações diversas sem explicar os motivos?

Tomaremos como exemplo, o Parque Estadual Cunhambebe (PEC), segunda maior UC de proteção integral sob gestão estadual com aproximadamente 95% dos seus mais de 38 mil hectares de Mata Atlântica, leva o nome e rosto de um indígena de relevância inestimável para a resistência à colonização na região em que hoje está o parque (INEA, 2015). Cunhambebe foi representatividade afro-indígena da etnia tupinambá na Confederação dos Tamoios, importante ato de resistência à ocupação das costas e florestas costeiras do Rio de Janeiro durante o século XVI. Por escolha do coletivo presente na reunião de aldeamentos para definição de estratégias de resistência a essa colonização, Cunhambebe liderou mais de 200 etnias nas batalhas contra os portugueses na Costa Verde (TORRES 2000; PREZIA,

2017; SILVA, 2020). No entorno do PEC há remanescentes de quilombos, terras indígenas (INEA, 2015) e comunidades caiçaras, o que precisa ser levado em consideração na criação e manejo de trilhas, elaboração e instalação de placas, além das atividades de educação e interpretação ambiental em geral.

A Trilha do Curumim, localizada no PEC, recebeu seu nome de forma representativa como o parque dando continuidade à homenagem feita aos originários daquele espaço e tem em sua logo mais uma vez a simbologia ancestral que atravessa o atual território-parque. Esta nos parece um bom exemplo de ressignificação, ou melhor, de retomada, das palavras Manual e Manejo de forma mais ampla e Geopoética.

4. Considerações Finais

“E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos.” (KRENAK, 2019, p.44)

A Trilha do Curumim, no PEC, é uma trilha interpretativa e atrativo público apresentado nos portais oficiais do órgão gestor e da unidade. Esta é um convite ao passado que não vivemos, mas impresso em nosso DNA, e nos convida a saudar a criança (interna inclusive) que experimenta, descobre e dá nome às coisas. Trilhas como ela podem ser caminhos de resgate, retomada e retorno para uma consciência de ser Natureza.

5. Agradecimentos

Agradecemos a toda a equipe de guardas-parques do PEC por suas gentis conduções e, com elas, pelas relevantes contribuições para a construção deste trabalho.

6. Referências

ANDRADE, Waldir Joel de; ROCHA, RF da. **Manejo de trilhas: um manual para gestores**. Instituto Florestal, São Paulo, 2008.

BOFF, Leonardo. Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010. 330p.

BRASIL. Constituição Federal. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em: 04/02/2021.

BRASIL. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/ficha/?legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.795-1999&OpenDocument> Acesso em: 04/02/2021.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> Acesso em: 04/02/2021.

CAMPOS, Renata Ferreira; FILLETO, Ferdinando. **Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG)**. São Paulo, Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 4, p. 69-94, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6ª Edição. São Paulo. Cortez. 2012.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.102p.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

INEA. Instituto Estadual do Ambiente. **Resolução INEA Nº 125 de 30 de Setembro de 2015**. Aprova o Plano de Manejo do Parque Estadual Cunhambebe. Disponível em; <<http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RESOLU%C3%87%C3%83O-INEA-N%C2%BA-125-Aprova-Plano-de-Manejo-de-Cunhambebe.pdf>> Acesso em 04/02/2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras: São Paulo – SP, 2019. 86p.

LAYRARGUES, Philippe P. **Muito além da Natureza: educação ambiental e reprodução social**. Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, p. 72-103, 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. Cortez Editora, 2012. (Coleção questões da nossa época; v.39)

MORIN, Edgar et al. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2a edição revisada - São Paulo: Cortez Editora; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PREZIA, Benedito. **História da resistência indígena: 500 anos de luta**. Expressão Popular: São Paulo, 2017. 205p.

RACHWAL, Marcos Fernando Gluck; CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho; WITHERS, LH de O. **Educação ambiental na trilha ecológica da Embrapa Florestas**. Embrapa Florestas-Documents (INFOTECA-E), 2007.

RODRIGUES, Cae. **Horizontes ecopedagógicos da ecomotricidade**. In: VII Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. 2017.

RODRIGUES, Cae. **A ecomotricidade na apreensão da natureza: inter-ação como experiência lúdica e ecológica**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 51, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164p.

SANTOS, L. B. M. ; SIMOES, B. F. T. ; PONCIANO, L.C.M.O. . **Ecoturismo e Conservação na Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi, Rio de Janeiro: pela tessitura das vozes geopoéticas em trilhas**. REVISTA BRASILEIRA DE ECOTURISMO, v. 12, p. 653-684, 2019

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Educação e pesquisa, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Desenhos de Lua Kali. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2019. 128p.

SILVA, Rafael Freitas da. **O Rio antes do Rio**. Relicário: Belo Horizonte, 2020. 4ª Edição. 472p.

SOARES, Carmem Lúcia. (Organizadora) **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas – SP: Autores Associados, 2016. 279p.

TORRES, Antônio. **Meu querido canibal**. Record: Rio de Janeiro/São Paulo, 2000. 188p.

VASCONCELLOS, Jane Maria de Oliveira. **Trilhas interpretativas: aliando educação e recreação**. Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Curitiba: IAP, 1997.

WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopoética**. [S. l.], [19-?]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 04/02/2021.

Apêndice B: Produto artístico, coletânea de poesias: Vozes do Vale (Fruir Sustentável, Apelo, Urge) enviada para a Revista África & Africanidades

Fruir Sustentável

Há ao nosso redor

Mais vida desconhecida

Do que já revelada.

É nesse mistério

Que o planeta se guarda.

Vidas terrenas importam

Mineral, vegetal, animal.

Em escala global se calcula

De razão 1 para todo o resto instinto

E tendo os de instinto como resto,

Resta a esse 1, por destino ser extinto.

Quem salva a Terra?

A Terra mesma!

Quem acende e apaga a vela?

A Terra mesmo.

Inteligente é o nosso ninho

Inteligência é o nosso fio

E a gente... Ah... A gente é apenas parte desse trio.

Povos digitais: emergem dos Tradicionais!

A sabedoria de aprender

A humildade de fazer

Predação acumulenta

Dar lugar à

Fruição que se sustenta.

Apelo

Pela rua

Pela estrada de terra

Pela mata.

Pela chuva

Pela estrada de ferro

Pela madrugada.

Corre-corre, correria

Esconde-esconde

Choradeira, muito sono, medo e fome.

Pelo vento

Pelo escuro

Pela esquina coarando.

Pelo corpo

Pelo sangue

Pela barriga chutando.

Desenvolve, quase morre

Ninguém socorre.

Vem ajuda; abrigo; e foje!

Vem o Estado; obriga; e foje!

A família abriga; e foje!

Pelo moço, pela moça.

Pela criança pelo e osso.

A quem interessar possa

Além de interessar vossa

Aquém do que pode a força nossa

Apela pelo nosso apelo.

Urge

A poesia urge.

Surge da funda abissal da alma

Vem do fundo

Vem pro mundo.

Mundo,

A capital da arte

Parte divina de cada mortal
Dádiva escrita, mal dita é fatal
Lida é beleza, versada é a tal.
Rimada riqueza.

Urge

A poesia surge.

Arte

Da alma parte.

Vem do fundo

Vem pro mundo, como parto.

Como surjo? Como parto?

Tanto urge pela arte

Inquieta alma minha.

Urgência à bem-querida

Merecida poesia.

Apêndice C: Resumo “Das Montanhas aos Quintais, a Geografia de uma Natureza educadora” submetido para apresentação no evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”.

Mesa temática N° 04: PENSANDO NAS LUTAS EM ABYA YALA: CONCEITOS GEOGRÁFICOS ENTRE PRÁTICA E TEORIA

Das Montanhas aos Quintais, a Geografia de uma Natureza educadora

Tipo de apresentação: Ponencia

Leonardo Ramos Cruz

Pammella Casimiro de Souza

Camila Reis Tomaz

Luiza Corral de Oliveira Martins Ponciano

Uma das lutas mais expressivas que travamos na Educação, diz respeito ao próprio questionamento do processo ensino-aprendizagem. A gama diversa de métodos para se alcançar os objetivos da prática pedagógica muitas vezes aparenta não dar conta ainda hoje da demanda desafiadora que esta atividade requer. Pensamos que isso não seja um obstáculo ou ponto negativo, mas característica inerente dos sujeitos atores em todas as fases do processo, uma vez que o inacabamento humano exige e procura, incessantemente, reconexões e reconfigurações, fato que pode positivamente impossibilitar uma completude definitiva. Encontramos na Natureza elementos potencialmente capazes de cooperar com uma reorganização da forma de ver, viver e entender o mundo ao redor, partindo-se do local geográfico habitado, explorando-o e dialogando com ele, experimentando deslocar-se para uma dimensão de afeto ao Lugar. Tal prática pode se iniciar pela expansão do corpo físico humano para uma adesão ao seu corpo-território, e como primícia na vida cotidiana, nossa experiência território-corpórea tem origem na parte de fora da nossa casa, nosso quintal. Mas, assim alcançamos os objetivos formais da Educação? Qual é a prática que nos liga à teoria? Ter acesso aos conceitos ensinados na academia nos possibilita realizar uma “troca de lentes” e enxergar nosso território com outros olhos. E um local que antes poderia ter um significado único, passa a integrar o meio como um todo. Um quintal não é apenas uma área externa, as montanhas mais que paisagens e companhias na juventude. São espaços de singularidade e prática daquilo que a teoria nos fala e ponte para aqueles que os livros não alcançam. Ainda, Quintal é extensão do mesmo corpo base territorial de onde emergem as Montanhas e fendem os Rios. A fala das Montanhas é forte, perene/latente e em volume alto. A exemplo dessa manifestação, outros e tantos outros membros sujeitos bióticos e abióticos, co-habitantes da mesma Terra-casa e da mesma terra-chão, constantemente colaboram com nosso aprendizado sobre como viver por aqui e permanecer. Nessa engrenagem e dela somos privilegiados em co-existir e promover que a escola seja mais uma aliada na construção de consciência coletivo-cooperativa nas gentes locais. Para os educadores, estar na escola e da escola responder à sociedade um volume acumulado e represado de apelos, é resistir. E tal resistência encontra na Natureza trincheira, respaldo e propulsão, a começar sempre pelo nosso lugar, com suas demandas e suas lutas, ricas em especificidades regionais, porém palcos de ensaio para as grandes transformações, debates e movimentos sociais em defesa da emancipação, da autonomia, da liberdade, da legitimação, do direito de cada um e da coletividade. Num diálogo com o ambiente natural ou urbano antropizado, próximo ou distante, realizam-se trocas de experiências, composições de concepções acerca da leitura do mundo ao redor, nas dimensões naturais, sociais e culturais, construindo-se memórias registradas na identidade dos sujeitos, memórias estas que relatadas e contextualizadas, transformam-se em objetos de produção de conhecimento, integrando os sujeitos humanos, os sujeitos não humanos em suas relações e suas geografias. Para nós, Educadores Resistentes, é urgente trazer nossas experiências para ajudar a compor o modo/extrato de formação dos

estudantes, pois compartilhamos a mesma vida real, a mesma Geografia local, com os seus aspectos sociais, econômicos, ambientais, políticos e culturais. Descansamos nas mesmas sombras, e do nosso Quintal comum, o mesmo vento nos desliza, a chuva que refresca ou inunda é a mesma, a Montanha que desvia as nuvens conversa com todos, então, a nossa postura e posicionamento político desaguam em consequências para todos. Resistir na luta pseudo-pacífica, mas feroz pela construção social através da Educação, servindo-se dos registros de vida vivida e experienciada, trata-se de um ato originalmente social na sua raiz, e fundamentalmente político, devolvendo à comunidade parte do que ela mesma forjou em nós, despertando um sentido de representatividade, cuja relação de pertencimento exala em mais do que somente estar ali e ser com ela - comunidade local -, mas também fertiliza-la para germinar gentes livres ressignificando a relação de cada um com a política e a participação no fazer político mais amplo. Então vemos a prática não apenas como uma escolha a se fazer dentro do agir pedagógico, por exemplo, mas como forma de sentir-fazer e comunicar para além do espaço formal de educação. A prática aplicada ao observar/analisar a geografia local e o pensar criticamente sobre esse espaço geográfico, levando em consideração seus sujeitos, dinâmicas territoriais e as disputas ali presente, nos permite olhar o entorno como um campo de possibilidades e um laboratório prático de ações para além dos muros. Alinhar a teoria à prática e entender o motivo pelo qual entende-se o por que não substituir as áreas verdes do quintal pelo cinza do cimento pode contribuir para a diminuição da qualidade de vida e a prática e sentir no corpo, na pele e no bolso os efeitos dessa escolha. Através das enchentes, do aumento de calor, etc. A prática da periferia é a teoria do colonizador. Quando o conhecimento não chega a todos, situações como essas são comuns. As margens produzem as práticas para a elite conceituar. Lutemos para que ocorra o movimento inverso, que a teoria saia dos quintais, montanhas, lajes e ruas e alcance aos que estão ao redor. Que a ação se complete com o pensar, e que o pensar emerge de dentro para fora.

Palavras-chave: Educação, Geografia, Geopoética, Conservação da Natureza.

Apêndice D: (Produto técnico, Curso): Guetos geopoéticos da Conservação: culturas marginais e suas Naturezas, proposta enviada para o evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”).

GUETOS GEOPOÉTICOS DA CONSERVAÇÃO: CULTURAS MARGINAIS E SUAS NATUREZAS

Grupo de Estudos Saberes de Fresta1

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano1

Camila Reis Tomaz¹

Pammella Casimiro de Souza¹

Leonardo Ramos Cruz¹

Lidiane Santos Barbosa¹

Matheus Lucas Arcanjo¹

Raphão Alaafin²

¹ O Grupo de Estudos Saberes de Fresta (UNIRIO) integra os projetos de extensão do @geotales e os projetos de pesquisa do Mestrado em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: luiza.ponciano@unirio.br, geotales@unirio.br

² Rapper. Ponarru. E-mail: contato@ponarru.com.br

Conhecimentos de diversas fontes de história oral nos contam que os povos originários de vários continentes se consideram descendentes das montanhas e rochas em geral, enquanto outros atribuem as suas origens às grutas e às fontes de água, como os rios. As árvores e outros elementos da Natureza também são percebidos como nossos ancestrais, e algumas culturas pintam e colocam ornamentos nas árvores como forma de devoção, por nelas habitar o princípio sagrado da vida, entre outros significados. Os povos originários, caiçaras e quilombolas que ainda se relacionam destas formas sensíveis e afetivas com o princípio sagrado da vida armazenado em todos os elementos bióticos e abióticos são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta. Eles costumam habitar as margens (dos rios, dos oceanos, das montanhas, ...) na Ásia, na América Latina ou na África, como os Massai, no Quênia, que entraram em conflito com os ingleses por serem contra uma ideia muito comum em diversos lugares do mundo, a de transformar um sítio sagrado – no caso uma montanha - num parque, como se isso fosse um consenso absoluto entre todos os povos sobre a melhor maneira de proteger e cuidar de um território. Atualmente, muitos grupos hegemônicos experimentam um mal estar diante das inúmeras formas de manifestações do sagrado, especialmente quando ele se manifesta em elementos abióticos, como nas rochas e

águas das montanhas e rios. É necessária uma profunda transformação para entender que esses elementos são sagrados justamente por revelar algo a mais, que já não é nem rocha, nem água, mas sim o próprio sagrado. Ao adentrar em alguns locais nós podemos vivenciar uma intimidade, um tipo de enraizamento imaterial, um chamado ao sagrado, uma sensação de retorno às nossas origens, que pode ser mais ou menos percebida pelos seres humanos que entram em contato com outros elementos “humanos e não humanos” dependendo de sua abertura ou “porosidade” para o ambiente. Isso é o que consideramos como Geopoética, as imagens e sensações de intimidade com a Terra que nos chegam de diferentes formas, antes de serem transformadas racionalmente em explicações e teorias científicas. Em uma relação direta com a Natureza, a parte “Geo” da Geopoética se refere ao planeta Terra como base, “coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo”, na busca por um consenso no grupo social em relação ao que é considerado como essencial. A “Poética” do termo pode ser entendida como uma “dinâmica fundamental do pensamento” associada com a emoção despertada no corpo (num processo de criação e composição que emerge do contato com a Terra). Na Geopoética as mais distintas áreas do conhecimento podem convergir em reciprocidade para romper com as fragilidades inerentes às fragmentações e dualidades em que estamos imersos, vislumbrando o resgate da inteireza da vida na Terra e o papel da humanidade para a sua conservação. Nessa concepção de um mundo exterior cheio de vida e de poder, o ser humano pode tomar distância de si mesmo para observar o que é mais essencial, o planeta Terra, entendendo que a dinâmica interna e externa da Terra entrelaça na mesma rede tanto a geodiversidade quanto a biodiversidade, da qual somos uma pequena parte, sendo Natureza e não apenas a analisando (nos analisando) racionalmente. Despersonalizar o rio ou a montanha, tirar deles os seus sentidos originários, considerando por exemplo que a família e a ancestralidade é uma característica associada exclusivamente aos seres humanos, permite que esses lugares sejam explorados de diversos modos, gerando diferentes escalas de destruição material e imaterial. Acreditando na potência de ações embasadas em referenciais teóricos da Geopoética, Pedagogia das Encruzilhadas, Educação Ambiental Crítica e nos Bons Conviveres, nós criamos o Grupo de Estudos Saberes de Fresta, do @GeoTales. Os encontros são facilitados por @reisedfisica e @luiza_corral, tendo como integrantes funcionários do Inea e ICMBio, representatividades de diversos movimentos sociais, a Rede Favela Sustentável, populações tradicionais e povos originários, e como objetivo ser um lugar de acolhimentos, encontros e diálogos sobre saberes e fazeres descoloniais das Florestas, das Ruas, de Terreiros, de Quilombos,... ampliando a escuta sobre

outras visões de mundos possíveis, oriundas da pesquisa de mestrado ENCANTAR-SE CUNHAMBEBE: NATUREZAS EM TERRITORIALIDADES DA CONSERVAÇÃO, realizada no @ppgecunirio, onde @luiza_corral é docente permanente e vice-coordenadora, tendo como foco pesquisas sobre Geopoética. Além dos projetos de pesquisa e ensino, três projetos de extensão da UNIRIO são realizados pela equipe do @geotales. Propomos com esta oficina de realização de proposta pedagógico-didáticas uma imersão a algumas produções culturais de grupos postos à margem pelo sistema. Apresentaremos os quintais das baixadas e suas práxis territoriais contraculturais ao extrativismo e à apropriação pelo capital; grafites e lambes de Minas Gerais e suas ilustrações de cuidado e organização coletivos; o hip hop de Osasco e a transposição das fronteiras culturais pelo resgate da memória e alerta à sociedade do consumo; as representações da Natureza no Carimbó e, por fim, como ecomotricidades podem se voltar à conservação. A oficina, em formato participativo, será dividida em três momentos, sendo o momento inicial uma mesa de abertura com todos os ministrantes apresentando fala introdutória aos seus temas, com momento posterior às falas para perguntas dos participantes, totalizando 1 hora e 30 minutos nesta parte. O segundo momento será destinado a trocas com os participantes da oficina, em que cada dupla de ministrantes trará suas contribuições e provocações. Esta parte terá duração de 1 hora e 30 minutos. O momento final é em sua maior parte assíncrono, destinado à dinâmica em que os participantes trarão suas memórias em colagens, imagens, poemas e músicas autorais voltadas à Conservação da Natureza estimuladas pelos encontros durante a oficina, enviando suas criações artísticas por meio do email geotales@unirio.br. Os materiais serão reunidos numa pasta do drive e compartilhados com todos os participantes da oficina, e será agendado mais um encontro síncrono com duração de 1 hora e 30 minutos, 3 dias após os dois primeiros momentos da oficina, para que as criações artísticas sejam apresentadas e comentadas por todos, em uma roda de conversa.

***Ministrantes*:**

Camila Reis Tomaz, UNIRIO, Bacharel em Educação Física (UFRJ), Mestranda em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO), <http://lattes.cnpq.br/0784912890354451>;

Leonardo Ramos Cruz, UNIRIO, Graduação: Pedagogia (Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos - UniMSB), Pós lato: Educação Ambiental (FEUC), Mestrando em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO). <http://lattes.cnpq.br/8260079553963489>;

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano, UNIRIO, Doutorado em Geologia, <http://lattes.cnpq.br/0519721250469036>;

Matheus Lucas Arcanjo, UFMG, graduando em Antropologia Social, <http://lattes.cnpq.br/6467679525306527>;

Pammella Casimiro de Souza, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), graduanda de Ciências Ambientais. <http://lattes.cnpq.br/0142979908735961>;

Raphão Alaafin, compositor e cantor. Ponarru. Osasco, SP (Notório Saber).

Apêndice E: Resumo “ESCREVIVÊNCIAS GEOPOÉTICAS DA CONSERVAÇÃO ENQUANTO NATUREZA: DAS MONTANHAS DO VALE PEDRA BRANCA - MENDANHA, CAMARÁ!” submetido para apresentação no evento “XVIII Encuentro de Geografías de América Latina (EGAL) y el VIII Congreso Nacional de Geografía Universidades Públicas de Argentina”.

Mesa 14: La interdisciplinarietà como herramienta significativa de aprendizaje. Discusiones entorno a diferentes experiencias

ESCREVIVÊNCIAS GEOPOÉTICAS DA CONSERVAÇÃO ENQUANTO NATUREZA: DAS MONTANHAS DO VALE PEDRA BRANCA - MENDANHA, CAMARÁ!

Leonardo Ramos Cruz

Pammella Casimiro de Souza

Camila Reis Tomaz

Luiza Corral de Oliveira Martins Ponciano

Este trabalho se debruça sobre as Escrevivências Geopoéticas de um Pedagogo, docente do Ensino Fundamental I da rede pública na cidade do Rio de Janeiro, preto e camarada das

Montanhas do Vale Pedra Branca – Mendanha, como assim chamou desde a infância o local que cresceu e onde hoje leciona. Seu lugar de fala é composto e ocupado junto à si por Montanhas que aprendeu a escutar, das dores da ocupação desordenada ao acolhimento dos corpos des-re-territorializados nessas ocupações. Este lugar (de fala e geográfico) é um recorte da zona oeste do Rio de Janeiro, na região que compreende o Vale entre o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), com seus 12.492 hectares, abrangendo os limites da maioria dos bairros da zona oeste, especialmente Realengo, Padre Miguel e Bangu, que ambientam o cenário dos presente relatos, e o Parque Estadual do Mendanha (PEM) que protege cerca de 4.400 hectares de floresta densa e nascentes de afluentes do Rio Guandu, entre outros elementos excepcionais da biodiversidade e geodiversidade. A metodologia proposta para geração e análise dos relatos de experiências e vivências diversas com discentes a partir de sua história com a paisagem, com marcas da oralidade de um menino-homem-camarada dos silêncios em que só se escutam as vozes dos elementais, preto, sensível, criado por mulheres resilientes de fala solta, se dá em um cruzo entre as Escrivivências de Conceição Evaristo, a Geopoética de Kenneth White e a política e estética de escrita narrativa dos corpos pretos, aprofundada enquanto método acadêmico de retomada e abertura de espaços a partir da luta pela agenda periférica nas dissertações e teses por Giovana Xavier. A Geopoética, teoria de análise das relações sensíveis e afetivas entre humanidade e Natureza, na linha formalizada por Kenneth White e aqui é relida por meio do olhar de educador(a)-pesquisador(a)-educando(a) cria do Vale, camarada das Montanhas e de seus educandos-educadores. Assim, propõe-se então uma Geopoética situada, das margens da cidade que responde à esta mantendo viva as memórias da Natureza ainda não transformada em recurso em escola da Rede Pública de Ensino, voltando o olhar a corpos-territórios marginais e seus fazeres, sentires e pensares enquanto Naturezas Vivas, partes do Todo que os abriga e pode acolher. E lutar junto. A Escrivivência de Evaristo proposta inicialmente a corpos femininos é aqui também somada à essa leitura das relações do corpo preto de menino que, acolhido pelas Montanhas, convida a retomada aos corpos pretos masculinos a sensibilidade que a colonização cauterizou. Assim como o reconhecimento e a valorização de marcas do normativo feminino colonial como afeto, cuidado e do saber escutar como caminhos de resoluções às questões ambientais, para todxs. Com objetivo de trazer o olhar da Geopoética para colaborar com a formação docente e com a sua prática pedagógica, propõe-se uma visão mais ampla e transdisciplinar na elaboração de atividades focadas na Conservação da Natureza em ambientes formais e não formais de educação. Uma prática docente alinhada

com a Conservação da Biodiversidade, da Cultura dos Povos Originários, Tradicionais, de Terreiro e Marginais que não vê Natureza apenas no verde das matas e no azul dos rios. E, por meio de Encruzilhadas Geopoéticas no fazer cotidiano em sala de aula, nos quintais, nas lajes, nas rodas de Capoeira, de Jongo, de Carimbó e das mais diversas manifestações culturais dos corpos-territórios de saberes e fazeres que expressam dos ventos às Marés, pode formar educadores mais comprometidos com a produção de conhecimentos que se estendam para além das escolas e da norma colonial do apreender, do conteúdo, da transmissão de conhecimentos. A partir do espanto, dos olhares marejados, da risada gostosa de criança que investiga, observa e descobre, as vivências escritas se desdobram em pedagogias de espaços não formais e de leituras desses espaços a partir dos saberes e fazeres ancestrais dormentes em cada corpo-território preto, indígena, afro-indígena e marginal. Se a Natureza nos cerca, com ela nos fundimos e confundimos, corpos e vozes e anseios e urgências! Então, provocamos junto às infâncias participantes observantes dessas experiências: quais os critérios para a sua Conservação? O que é Natureza para o Estado que se propõe a conservá-la? Enquanto Natureza, como nos conservamos até aqui e o que temos a contribuir? São essas as provocações que o pedagogo educador-educando-camarada das Montanhas se faz e faz às crianças que, assim como as Montanhas de sua infância, são cúmplices de descobertas e desenlaces do cotidiano de lutas por justiça socioambiental a partir dos territórios e para ele. Este texto então também provoca debates honestos desde a base da construção de autonomias e cidadanias no ensino formal, discutindo as perspectivas da formação e prática de educadores, passando por críticas aos sistemas estabelecidos de hierarquização do saber como forma de determinação e aplicação do poder, grifando as distâncias injustas entre grupos sociais, afirmadas e reproduzidas historicamente, porém não mais admitidas pela emergência de vozes individuais que se lançam ao desafio de sulcar frestas de respiro num estrato social tão cristalizado.

Palavras-chave: Escrivência, Geopoética, Pedagogia das Encruzilhadas.

Apêndice F: Produto científico (Artigo) Um olhar para a Natureza como sala de aula - práticas pedagógicas colaborando para a Geoconservação.

1. INTRODUÇÃO

A aproximação de áreas de conhecimento habitualmente distantes, cria intrigantes pontos de contato muitas vezes inesperados ou imprevisíveis. Tais cruzamentos vão parecendo muito mais comuns na medida em que, ao longo do tempo, estes vão revelando múltiplas congruências entre os saberes. Uma aproximação como tal, produtiva, é apresentada neste trabalho, trazendo uma proposta de dedicar um olhar diferenciado para o ambiente natural, enquanto um rico espaço de elaboração e execução de atividades pedagógicas, num contexto educacional em prol da formação de consciência para com a conservação da Biodiversidade, que é definida em (SÃO PAULO, 2010), como o conjunto das diferentes formas de vida existentes no planeta e manifestadas numa determinada localidade, e da Geodiversidade, que consiste na grande variedade de elementos abióticos representada, entre outros, pelos diferentes tipos de rochas, solos e depósitos superficiais, que são o suporte para todas as formas de vida na Terra, de Biodiversidade, incluindo a humana, comparando e adaptando de acordo com Nascimento (2008), e mais notoriamente, em prol da Geoconservação, que de forma ampla pode ser concebida conforme Brilha (2005) como a utilização e gestão sustentável de toda a Geodiversidade.

Quanto ao uso da expressão “um olhar diferenciado” no parágrafo anterior, há aí uma intenção proposital em sugerir a abordagem da visão Geopoética acerca do mundo ao redor, num convite a compreender e interpretar as experiências com a Natureza de forma mais sensível e inteligente, como ensina Kenneth White em Bouvet (2012), numa relação de pertencimento ao sistema da vida e em busca da sua inteireza, conforme Kozel (2012). Sempre inclinando este olhar para uma posição que represente a complexa teia de relações que conecta as várias partes dos sistemas da Terra, como podemos perceber em Santos et al (2019), assim servindo-se de alternativas e propostas com potenciais que despertem em cada um a sua consciência quanto aos múltiplos papéis dos seres humanos em relação à conservação da Natureza, ainda seguindo as pistas de reflexão desses autores.

Numa outra colaboração de Bouvet (2012) tem-se que uma forma de resistência é usar a Geopoética como valorização da diversidade, pois desdobra-se em habitar o mundo atravessando diferentes territórios geográficos e culturais. Entendendo aqui a ótica territorial ponderando-a com o devido peso e importância, uma vez que define identidades histórico-afetivas de personagens locais, pensamento corroborado por Haesbaert (2020) e ratificado pelo fato de num mesmo espaço aglutinador geram-se símbolos referenciais tanto internos quanto externos a ele, neste caso sinalizam-se identidades de base territorial. O reconhecimento valorização de bases territoriais ganha relevância, além da que já possui nas origens epistêmicas, pois é a partir da emergência do sentimento de pertencimento a um lugar que cada indivíduo ganha e gera estímulo para oferecer cuidado ao ambiente natural em seu entorno. Depreende-se daí uma crença de que a disseminação da ideia-sentimento alcance os pares próximos e avance para uma consciência coletiva de troca justa e sustentável com a Natureza, inaugurando práticas de sensibilidade atenção para as diferentes maneiras de ver e sentir a natureza com o objetivo de vislumbrar sua inteireza, como em Kozel (2012).

Nesse contexto, a Natureza se apresenta como ambiente espacial potencialmente privilegiado à formação e a Educação propriamente dita, mesmo porque o ambiente é educador por natureza com suas vozes, seus sons, melodias e seus silêncios, suas cores, formas e sombras, com precisões e incertezas, comunica constantemente a Vida pulsante, distante ou ali presente. Este cenário sendo usado como fruição em aulas, encontros educativos, encontros intencionais ou desprentensiosos, podem agregar riqueza de valor inestimável aos resultados referentes à aprendizagem.

Constrói-se aqui um ponto de partida para evocar os benefícios que justificam uma relação frutífera entre as áreas do saber que venham a colaborar com a Geoconservação. Dialogando com os argumentos de Kenneth White, formulador dos princípios acadêmicos da Geopoética, uma conscientização radical acerca de si mesmo para com o planeta, uma política e educação inclinadas à percepção do valor da totalidade como entidade viva, dependem também, do reconhecimento da importância das origens naturais como perspectiva adjunta a tal ponto de partida. O sentido de complementaridade dos conhecimentos se manifesta como mais relevante do que quaisquer contraposições que venham a se apresentar. Inclusive, atribuindo proveito máximo à relação, mesmo certos conflitos de conceitos e definições, divergências de lógicas de operacionalização das práticas efetivas, ou quaisquer outras dissonâncias, podem ser convertidas em dados, e daí, em objetos de estudos e de análises em

futuras composições de pesquisas, para possíveis desdobramentos da própria pesquisa, ou mesmo vir a apoiar uma conversão no direcionamento do trabalho, readaptando para refutar a própria temática. Aqui, refutar não como autossabotagem, mas como abertura de espaço para discussão de conflitos e buscas dialógicas como parte do corpo de produções acadêmicas.

Podendo contar com o apoio de Rufino (2017) onde o mesmo traz a compreensão de educação como fenômeno humano na articulação entre conhecimento, vida e arte, boa parte do aproveitamento das conexões entre saberes cabe à iniciativa do docente em se antecipar na leitura dos cruzamentos explícitos que se apresentarão, e também incentivar os atravessamentos não tão evidentes e não comuns, mas que podem ser amplamente naturais. Neste caso, o aspecto oculto de certos atravessamentos se dá por sutileza da Natureza, por ignorância quanto à existência do fenômeno, ou por negligência à sutileza da natureza e à existência de certos fenômenos.

Para que um aproveitamento seja de fato observado ou experimentado, tem-se como culminância de toda a abordagem desse trabalho de pesquisa, a composição de uma coleção de propostas de atividades práticas pedagógicas, aplicáveis e adaptáveis, em quaisquer ambientes e para todo tipo de encontro, seja qual for a instituição. As atividades estão elencadas, nomeadas e detalhadas com as devidas orientações, além de sugestões de abordagem de temas e transição entre as diversas áreas do conhecimento.

As atividades pedagógicas elencadas para compor esse trabalho, foram criadas num contexto de necessidade de provocações mais arrojadas aos estudantes, percebendo que eles acompanhavam e atendiam às demandas conforme ocorriam as ofertas. Numa realidade em que a expressão “mais do mesmo” podia ser sinônimo de rotina cotidiana, houve um despertar para a criatividade e, com um olhar cirúrgico para o currículo básico do grupamento escolar e para o planejamento do conteúdo, surgiram as proto-ideias de deslocamento do ambiente interno sala de aula para os ambientes externos, à sala e à escola enquanto edifícios e muros. Nesse momento surgem críticas, apoios e sugestões de todas as direções, porém com uma atribuição de atenção mais relevante para as chefias pedagógicas e administrativas, onde as exigências de justificativa e objetivos foram solicitadas. Para tais apresentaram-se: o caráter emancipatório da formação feita em liberdade de expressões corporais, verbais e artísticas, promovida pelo símbolo da derrubada de muros e acesso direto ao mundo real para sua livre leitura e tradução; a autonomia almejada e alcançada com direito ao livre arbítrio de se manifestar, se movimentar e co-ministrar a evolução do encontro se sentindo responsável pelo

e em conjunto; e o reconhecimento identitário com o lugar que habita, facilitando a criação de hábitos de Conservação, num entendimento de composição coletiva, mais distante do ativismo de sempre protagonizar por sobre a Natureza como seu dominador, e mais próximo do cuidar dela e de si ao mesmo tempo, reconhecendo-se Ser Natureza. É compreensível que se julguem tais processos e argumentos demasiadamente sofisticados para ações com crianças e mais adequados às idades mais avançadas, porém pela experiência adquirida em aplicações destas e de outras atividades similares, é correto afirmar a garantia de êxito, ainda que haja alguma necessidade de ajuste de linguagem ou abordagem. Como resultado, observa-se que nas produções escritas e na oralidade dos estudantes, existe uma facilidade em transitar pelas áreas do conhecimento sem preocupação em distinguir disciplinas, quando da explicação de quaisquer fenômenos que envolvam conceitos das Ciências Exatas ou Humanas e suas tecnologias, assim com alguma área aqui não contemplada.

As propostas de atividades convergem para uma integração entre disciplinas, até então dispersas, seja historicamente seguindo o modelo cartesiano de subdivisões em parcelas menores para melhor entendimento e especificação, ou mesmo por reflexo de comportamentos individualistas por parte de docentes e gestores escolares que venham a amplificar o fato nos seus ambientes institucionais de Educação. Essas propostas têm carregadas em si a propriedade transdisciplinar, pois são sempre um convite à percepção dos diversos fenômenos livres de rótulos dos conteúdos curriculares. A verdadeira intenção aparentemente implícita e ora claramente explícita, está apoiada na dinâmica do estudante ou participante ir descobrindo as relações de cruzamentos e conexões e consultando as várias áreas do conhecimento, cognitiva e subjetivamente, conforme a sua necessidade de resolver os problemas apresentados ou interpretar as proposições percebidas, tudo durante o andamento natural da atividade e quando das provocações do docente, mediador ou facilitador. Daí, as habilidades e competências individuais e coletivas vão sendo desenvolvidas e lapidadas rumo à excelência, obviamente devendo ser limitada ao grupo e faixa etária em questão.

Algo que não se pode ignorar, sobretudo nos ambientes de desenvolvimento educacional, é o fato de que quanto mais livres, autônomos e emancipados tornam-se os estudantes, mais críticos, posicionados e contra argumentativos se apresentam. Isso significa que, tenderão a direcionar suas opiniões e reivindicações não somente para a vertical governança política, mas também para a horizontal gestão da sua formação escolar. Com isso,

o próprio corpo docente que os forma estará no centro das suas exigências, protestos e fiscalizações. Nada que se afaste da finalidade maior da Educação, ao contrário, para a maioria da sociedade, isto seria dado como mundo ideal. No entanto, a leitura que se pode fazer dessa possibilidade é que, quando se percebe as restrições de acessos aos estudantes, quando se percebe certa manipulação mecanicista do conteúdo, ainda quando se extingue quaisquer meios de contrariedade por parte discente, muito provavelmente se está diante de um projeto articulado de controle social e manutenção de poder, a partir do sucateamento dos processos de formação de cidadania, de subjetividade, de intelectualidade, de cientificidade e outras dimensões para composição de uma sociedade humanizada.

Não obstante, olhando para a Natureza como sala de aula, e esta, desde sempre foi a melhor e maior sala educadora, com toda sua riqueza de elementos, reserva resultados surpreendentes de todos que ousarem, pela sensibilidade e a boa percepção praticadas, reconhecerem e experimentarem-se capazes de sugerir a identificação de semelhanças entre cálculos matemáticos e a beleza cênica, seja na força turbulenta de uma cascata ou na serenidade de uma lagoa calma.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo geral colaborar com a conservação da natureza na concepção da Geoconservação, partindo da proposta de um olhar para a Natureza enquanto possibilidade de ambiente potencialmente educativo.

No campo da Educação em espaço formal escolar, tem-se uma grande variedade de cenários que promovem uma riqueza de diversidade no que diz respeito aos desafios para a realização da própria educação e seus objetivos pedagógicos mais elementares. Fala-se aqui de obstáculos materiais e imateriais, inerentes à prática cotidiana da atividade profissional e outros, impostos pelas condições sociais, econômicas, políticas e geográficas, tão latentes quanto, as quais possam estar inseridos os atores desse contexto. São estes atores, os discentes, os docentes, a sociedade local, movimentos e organismos de representatividade e o ambiente.

Os desafios são complexos, contudo superáveis. Passam até mesmo por restrições de recursos materiais, chegando às divergências de concepções dos docentes quanto à percepção

dos problemas e das possíveis ações mais eficazes. Isso se reflete na disposição, ou não disposição, pessoal/profissional em buscar inovações e melhores práticas, a fim de alcançar os objetivos pedagógicos, tal como em Ponciano (2018), onde temos que é possível se encontrar ambientes inusitados, novas correlações e pontos de contato entre diversas disciplinas, desde que seus atores se ofereçam num mergulho para fora dos seus espaços isolados.

Considerando estes elementos como variáveis previsíveis de uma equação, pode-se delinear um recorte do campo de atuação para se realizar o que é possível com o que se tem disponível, calibrando ainda, com os aspectos das diversas realidades sociais locais. Revelando esses entremeios, que são apenas rasas especificidades da área da Educação, definiu-se que, de forma a apresentar objetivos mais específicos, o trabalho vem a trazer a Educação como proposta de caminho para ajudar a compor a rede de ações em Geoconservação; e também, pretende trazer luz sobre algumas possibilidades de intervenção pedagógica através de atividades práticas, aplicáveis e adaptáveis, já experienciadas com discentes.

3. METODOLOGIA

Para a composição deste trabalho e especialmente dos resultados que nele estão apresentados, lançou-se mão do tipo de pesquisa exploratória, na qual o levantamento de informações acerca de determinado fenômeno, explica Gil (2008) que traz a proximidade adequada para se formular hipóteses e inferências mais precisas. Neste contexto, a pesquisa foi desenvolvida servindo-se, ainda conforme Gil (2008), dos métodos bibliográficos, e também de estudo de casos. Estas duas dimensões demonstram o caráter de complexidade e simultaneamente de complementaridade dos eixos que o assunto aborda, assim fica evidente o aspecto vivo e líquido de inacabamento das questões envolvidas no tema.

Na etapa de pesquisa bibliográfica pretendeu-se trazer à mesa os conceitos básicos de Geoconservação, de Natureza, de Educação e práticas pedagógicas e de Geopoética, dialogando e costurando as ideias destes estudos e seus autores numa abordagem teórico-metodológica direcionada à aplicação na práxis docente.

Já no âmbito do estudo de casos, estão sendo trazidas experiências de atividades pedagógicas reais, realizadas em ambientes diversos, internos e externos com relação à sala da

aula institucional e com relação ao ambiente natural ao ar livre. Todas elas com a atuação direta dos estudantes envolvidos, sendo observados pontos relevantes para análise, tais como: compreensão da atividade, desenvolvimento durante a execução das tarefas, trabalho em equipe, conexão com o tema central e com o conteúdo curricular, como e onde utilizar o conhecimento produzido, sentido de cooperação, interdependência e coletividade, qual impacto positivo e/ou negativo na Natureza podemos verificar? Entre outros itens.

Sendo assim, a coleta de dados e informações necessárias foram realizadas através do acesso à documentação indireta para a pesquisa bibliográfica e da observação direta intensiva, sob os sistemáticos ensinamentos em Gil (2008) com observação participante, imersiva e atuante nos momentos em que as atividades estiveram em execução.

Por fim, concluiu-se como melhor, a técnica de análise qualitativa dos dados obtidos na pesquisa, através dos meios de análise do discurso, explorando tudo o que se pode obter da oralidade e do silêncio observacional dos estudantes, considerando o proposto por Orlandi (2012) aquilo que é silenciado vem a constituir igualmente o sentido do que é dito, e dos apontamentos anotados, além dos registros relativos às relações dos estudantes com os elementos estudados ou utilizados nos estudos, sejam elementos bióticos, abióticos, naturais ou sintéticos. Concordando com Vergara (2005), quando afirma que a Análise do Discurso tem como foco a comunicação produzida e interpretada num dado contexto, considerando emissor, destinatário e o meio onde estão inseridos. Esta forma de analisar revela uma capacidade de ampliar possibilidades de hipóteses, propostas, adaptações, revisões e releituras dos fenômenos e das práticas, pois, no discurso habita a subjetividade, o desejo e a contradição natural do sujeito segundo Godoi et al (2010), no entanto, nos textos de pesquisa acadêmica, mesmo residindo a dureza das frases livres de ambiguidades, como são produções vivas móveis e refutáveis como um discurso, estão sujeitos a despertar seu plurissignificado ao serem lançados no oceano das concepções pós leitura.

3.1. RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da prática de como podemos aplicar e fruir de um olhar sensível para a Natureza, sob a ótica de uma imensa e rica sala de aula, para encontros mais plenos de produção de conhecimento, partilha de saberes e descobertas.

Temos a disponibilização de atividades concretas, criadas para serem aplicadas e adaptadas com liberdade. Todas selecionadas e reunidas numa coletânea, com intuito de promover caminhos de imersão dos estudantes nos ambientes naturais externos, para visualizarem e criticarem os fenômenos no momento e lugar que acontecem, assim poderem compreender e aderir à uma lógica de Conservação da Natureza partindo do conhecimento dela.

Ao detalhar uma a uma atividade, a seguir, esperamos contribuir com hipóteses de adequação, reprodução, e sugerir que se despertem outras ideias a partir delas. Que no uso destas atividades, nelas se assumam o caráter de inacabamento e de fluxo de continuidade, também de coparticipação e de recriação colaborativa. As nomenclaturas tentam traduzir o objetivo de cada atividade, provocando já uma reflexão antecipada, ancorada no imaginário criativo das possibilidades de quem as lê e opera. São seis atividades: Panorâmica, Exposição Meu Lugar, Áreas e perímetros reais, Canto Coral, Produção coletiva de livro artesanal e Moléculas móveis, e cada uma delas está descrita em detalhes com os desdobramentos dos seus principais itens nomeados por: título, tema, conexões, expressão artística, objetivo, atuação, descrição, etapas e dicas.

Atividade 1 – Panorâmica

A primeira tem o título de Panorâmica e é classificada como Atividade 1. Traz como tema as possíveis análises ambientais e sociais a partir do registro fotográfico de uma paisagem. Nela é possível se fazer conexões imediatas com as áreas de conhecimento, descritas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) para os anos iniciais do Ensino Fundamental em Geografia, Artes Visuais, Ciências da Natureza, e outras.

Todas as atividades trazem uma referência apontando para alguma expressão artística. Esta tem a Fotografia como linguagem a ser explorada no seu desenvolvimento, que vai proporcionar o alcance do objetivo principal, que é de estimular o desenvolvimento das habilidades de observação crítica dos alunos a partir da leitura do mundo ao seu redor. (Ao registrar a imagem de uma paisagem com cenas do cotidiano próxima ao estudante)

O que eu preciso como recursos materiais e imateriais para essa realização? Lembrando que aqui tratamos o termo recursos como suprimentos que deveriam estar à disposição do fazer pedagógico em quaisquer espaços de Educação, sejam formais ou informais, incluindo-se modalidades, categorias e vínculos diversos. Consideramos também

que, na ausência de tais recursos, o trabalho não deva ser descontinuado, mas sim contar-se com modos alternativos e criativos de vencer as disparidades de meios e a falta de políticas públicas de equidade. Todos os itens a seguir podem dar lugar à alternativas acessíveis para: dispositivo para captura fotográfica; traje e/ou acessórios adaptados às condições do tempo do dia; orientar uso de filtro solar, boné/chapéu e hidratação; impressão colorida em tamanho 30cmx20cm; cartolina; giz de cera; marcador permanente; retalhos coloridos de papel; cola; tesoura; régua; fita adesiva larga; caderno de anotações.

A atuação dos estudantes pode ser individual ou coletiva, podendo ser definida a partir de combinados antecipados. Numa descrição breve, esta atividade compreende várias etapas entre planejamento e execução, mas tal complexidade não se traduz em obstáculos, pois os resultados são compensatórios. Trata-se de levar os estudantes para uma região externa à escola, preferencialmente um ponto alto e de ampla visão do bairro, fazer uma foto, imprimi-la, analisar os elementos e situações capturados nela e exibir numa exposição oferecida a toda comunidade escolar.

O bom desdobramento desta atividade requer que certas etapas sejam seguidas, como por exemplo: numa ida antecipada ao Ponto de Observação, o docente identifica os melhores ângulos, iluminação, visibilidade, amplitude e alcance da vista, segurança e conforto, elementos permanentes (comércio ambulante, etc...) e transitórios (obras, etc...)

Selecionar um lugar dentro das proximidades que compreenda a escola e as residências dos alunos. Uma escolha intencional que provoque aos estudantes contemplarem diversos elementos da natureza (terrenos e extraterrenos), elementos urbanos, personagens bióticos e abióticos, O lugar deverá ser classificado como Ponto de Observação, e a partir dele orientar os estudantes como registrar a foto.

Lá, todos deverão escolher seu Ponto de Observação, um enquadramento e registrar sua foto. Quanto mais diversificados os pontos de vista, melhor e mais rico será o resultado global do trabalho.

Feitos os registros, todos retornam para a sala de aula como laboratório de trabalho científico. Os arquivos com as imagens deverão ser encaminhados para um mesmo repositório, sendo nomeados conforme seus autores. As fotos deverão ser impressas em tamanho 30cm x 20cm, ou similar, cada uma fixada no centro de uma cartolina decorada com

uma borda, pintada ou aplicada. Cada discente deverá iniciar a análise do seu registro individualmente e anotar suas percepções conforme as provocações do educador que os incentivará a identificar, criticar e inferir sobre possíveis: distúrbios, desconformidades, disfunções, injustiças, anormalidades, excessos, carências, além também de fluidez, organização, potenciais do lugar. O que há de perceptível do passado? Opine sobre o presente. Crie hipóteses de futuro para essa paisagem.

Como debate final pode-se explorar a oralidade sobre posicionamentos quanto aos elementos observados nas imagens, tais como lixo, urbanização, paisagens naturais, o clima, o tempo, personagens bióticos e abióticos terrenos e extraterrenos.

Durante a exposição para a comunidade escolar cada aluno deverá provocar os visitantes a enxergarem elementos presentes e refletirem sobre suas obras. Poderão usar trechos dos debates e anotações para estimular os visitantes.

A partir da realização desta atividade pudemos perceber situações que servem como dicas para ações futuras, do tipo: Não perder nenhuma oportunidade de aprendizado e conhecimento no trajeto ida e volta, como exemplo, se o tempo mudar durante a atividade explorar os fenômenos meteorológicos; se houver feiras livres, comércio formal e informal explorar formas de trabalho, economias, impostos; se houver visualização de transporte público, explorar os fluxos de trabalhadores, suas direções e horários; além disso, as diferentes reações fisiológicas de cada um, durante e após a atividade, pode motivar o estudo dos sistemas do corpo humano. (fome, sede, suor, batimentos, respiração, necessidades de eliminar fezes e urina, cansaço, alergia, calor, frio, disposição, euforia, etc)

Atividade 2 – Exposição Meu Lugar

Esta proposta é a Atividade 2, chamada de Exposição Meu Lugar. Isto porque se trata de fato da produção de uma exposição feita pelos estudantes desde a criação das obras até o contato delas com o público visitante. A temática central da atividade se apoia em, proporcionar possibilidades de contação da história do lugar em que se vive, cruzada com a história de vida particular e familiar, através de uma série de fotografias dispostas em linha do tempo. Isso os fez perceber que uns se reconhecem na história do outro através de trechos ou elementos comuns, logo quando falam de si tocam a história dos colegas, enquanto os colegas também os mencionam.

As conexões imediatamente visíveis desta proposta com as áreas de conhecimento do currículo escolar são História, Geografia e Matemática. Obviamente que outras são criativamente possíveis. Quando se trabalham acontecimentos históricos, é importante relacionar quantitativamente o tempo decorrido, com outros marcadores temporais, como as idades e datas marcantes, daí se desdobram algumas referências matemáticas.

As expressões artísticas sugeridas são Fotografias, Pinturas e Painéis Artísticos, pois como incremento da exposição, a decoração do espaço também fica por conta dos estudantes. Tendo essa ambientação como forma de acolhimento, a composição do trabalho visa promover aos estudantes, e a todos os visitantes, a oportunidade de contar e assistir a sua própria história e a história do seu lugar de vida, pelas suas próprias palavras, com sua voz e pela sua ótica, buscando possíveis contrastes com a história dita oficial e estabelecida.

Alguns insumos serão necessários como meios de produção, outros poderão ser utilizados como alternativa de adaptação, porém a título de exemplificação, seguem alguns elementos como cartolinas, cola, papéis coloridos, tintas de cores variadas, pincéis, fita adesiva larga, canetinhas, marcador permanente, giz de cera, mesas escolares ou suportes para exposição de cartazes. Como estamos falando de contar suas histórias, o ponto de partida é a individualidade de cada um, por isso sugere-se que se desenvolva a atividade de forma individual.

Descrevendo de forma sucinta, esta atividade consiste em cada estudante montar a linha do tempo de sua vida com cerca de cinco a oito fotografias, em que nelas estejam registrados: o lugar com variações de cenas, a casa, o estudante e a família. Assim então, produzir a sua narrativa de história pessoal, coletiva e da evolução do cenário enquanto espaço físico.

Seguindo as etapas de construção temos que na fase inicial, cada um precisará consultar seu núcleo familiar e coletar informações sobre a sua história de vida desde antes do nascimento até o momento atual. Fazer anotações dos momentos principais em tópicos e pedir informações sobre a evolução do lugar em que vivem, citando construções de edificações, reformas de praças, ruas, etc. Usar essas anotações para ajudar a escolher as fotografias que serão expostas. Escolher as imagens com o consentimento da família. A fase intermediária consiste em organizar os registros em ordem cronológica e montar o esboço do projeto de exposição. Além disso, criar os textos de legenda narrativa que serão escritos no entorno das

imagens e o texto de apoio no caderno para explicação aos visitantes. Por fim, para que tudo fique pronto para iniciar a exposição, todos e todas deverão montar as versões definitivas de suas obras. Cada um/uma estando livre para personalizar seu trabalho, irá fixar as fotografias na cartolina devidamente ornamentada e com bordas, escrever as legendas definidas para cada imagem, escrever os textos complementares no entorno, desenhar e/ou pintar elementos que ajudem a contar as histórias pessoais e do lugar. Fixar a cartolina depois de pronta com fita adesiva num expositor que pode ser apropriado ou improvisado com mesas escolares sobrepostas. Providenciar uma lista de presença, convidar a comunidade escolar e iniciar a visita fazendo as devidas explicações na medida em que cada visitante se aproxima.

Algumas boas dicas resultantes da experiência com essa atividade: sempre aproveitar para explorar a criatividade dos estudantes motivando-os a desenhar, pintar elementos enriquecedores da narrativa. Incentivar a livre oralidade sobre si mesmos criando ambientes de debate e contação dessas histórias em dias anteriores ao da exposição. Para muito além das áreas diretamente envolvidas, ajudá-los a enxergar as conexões menos visíveis, porém tão quanto importantes: matemática ao comparar as diferenças de idade entre os entes familiares e anos de nascimento, ano de inauguração de certas obras, ano em que houve mudança de casa, quantidade de casas e/ou habitantes da rua ou bairro. Ciências: Crescimento ou diminuição populacional? Coincide com melhorias ou piora dos serviços e da qualidade de vida? Reflete na saúde coletiva e aparecimento de doenças? O ambiente, a Natureza local, está mais conservada ou menos conservada? É possível identificar a origem étnica da família? E a origem geográfica? Há um episódio de êxodo (migração interna ou imigração) na família? E da maioria do bairro?

Atividade 3 – Áreas e perímetros reais

Com esse título parece ser bem óbvio que a atividade proposta aqui se refere ao cálculo de grandezas matemáticas. Claro que o argumento mais evidente deve ser valorizado e funciona muito bem, normalmente com boa adesão dos estudantes. O tema, então, converge para o aprendizado, aperfeiçoamento de cálculo e aplicação dos conhecimentos de área e perímetro, utilizando uma planta geográfica da região interna ou externa da instituição escolar ou outros terrenos próximos com construção, que sejam apropriados. Neste contato com o espaço geográfico natural ou urbano, é enriquecedor incorporar elementos e situações incidentais para compor outras provocações de aprendizado. As áreas de conhecimento envolvidas nessa dinâmica são Matemática, Desenho, Educação Física, Artes Plásticas, e

Informática, sempre podendo acionar outras. Como expressão artística, as habilidades com o Desenho e com o Artesanato serão úteis e fundamentais, pois a beleza do trabalho em equipe entre estudantes está na percepção de que um não tem todas as aptidões, logo sempre vão necessitar uns dos outros.

Dentre os objetivos almejados estão experienciar uma atividade laboratorial de engenharia com noções básicas de levantamento topográfico e mapeamento cartográfico, fazendo-os se sentir profissionais por um dia; desenvolver as habilidades de trabalho em equipe e diálogo; e aperfeiçoar os conteúdos das disciplinas do currículo escolar. Para alcançar esses fins, os estudantes precisarão atuar coletivamente, com equipes de cinco membros com funções específicas. Além disso, devem lançar mão, sempre que possível, de materiais ou elementos semelhantes que vão proporcionar a melhor produção e aproveitamento da atividade. São eles: traje e/ou acessórios adaptados às condições do tempo do dia; orientar uso de filtro solar, boné/chapéu e hidratação; caderno, lápis, borracha e caneta; régua, esquadro e transferidor; papel tamanho A3 ou duas folhas de A4 coladas pelo lado maior, ou outro; palitos de madeira para churrasco, rolo de barbante e cola; Giz escolar; computador conectado à internet e projetor multimídia datashow.

A atividade pode ser descrita como um mapeamento da área da instituição escolar ou uma região interna ou externa, a partir do muro ou do calçamento periférico do terreno. Fazendo o percurso de caminhada da região escolhida, os estudantes serão capazes de calcular aproximadamente o perímetro, a angulação dos vértices e a área total do terreno ou muro. Depois, com tais dados, farão um esboço do terreno e poderão compará-lo com a imagem real do mesmo, projetada na sala de aula a partir de site de geolocalização.

Antecipadamente, a proposta carece que algumas ações sejam realizadas, tais como: a confecção do instrumento de suporte para medição com o transferidor (instruções serão apresentadas ao final); a escolha do terreno ou muro a ser estudado (em polígono fechado); e a preparação e teste dos equipamentos de Informática na sala de aula.

As equipes devem ser formadas com cinco membros, sendo 1 para ser Medidor de distâncias; 1 para ser o Medidor de ângulos; 2 para operarem com o instrumento de suporte de medição com o transferidor; e 1 para ser o Anotador/calculador/desenhista.

O docente determina o local de início das medições, que será um dos vértices do polígono do terreno ou muro. Ali começam e terminam as medições. As equipes se organizam em uma ordem para que uma comece após a outra, com intervalo adequado para não se encontrarem no percurso.

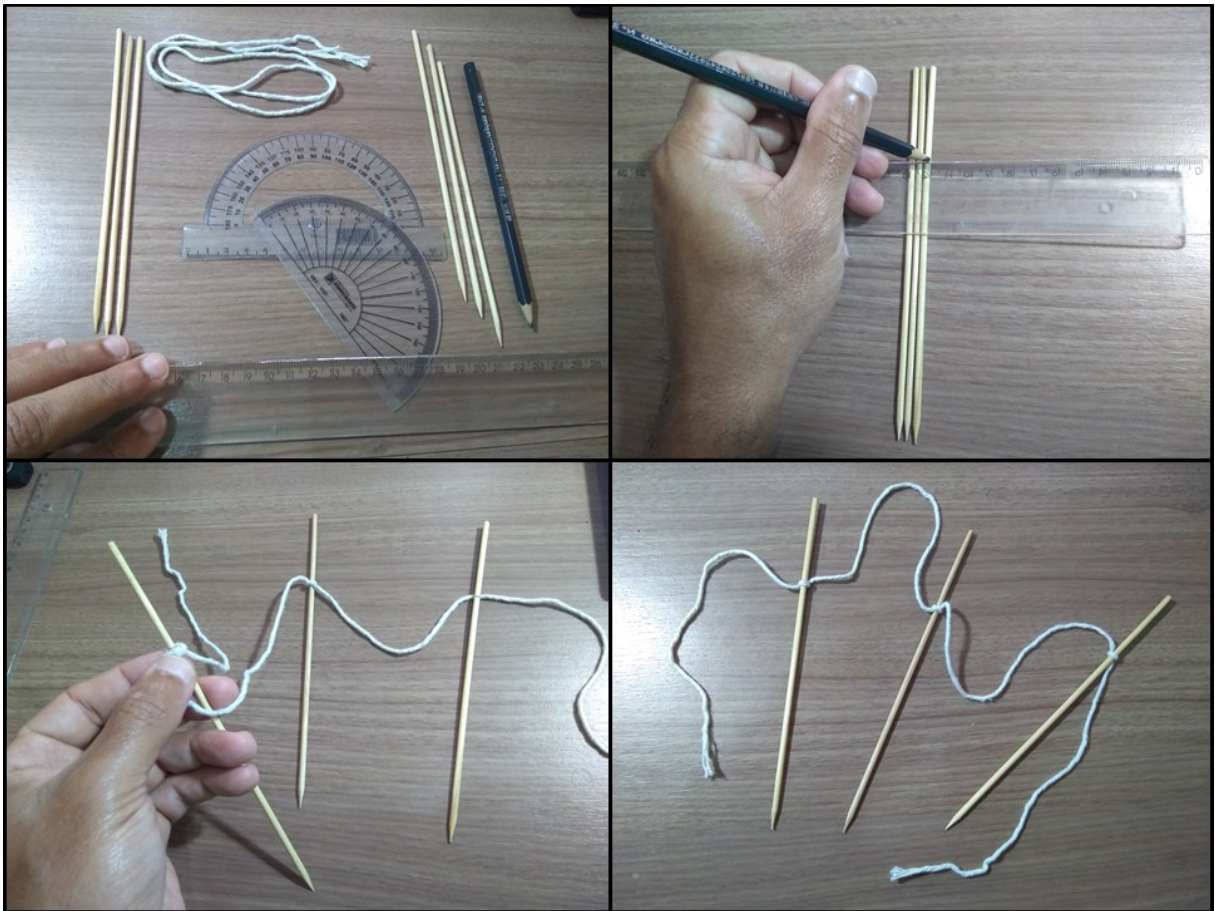
Como exemplo, a primeira equipe se posiciona no primeiro vértice que se chamará “ponto A” e assim sucessivamente. O Anotador sinaliza o ponto A no papel; o Medidor de distâncias irá considerar cada passo largo valendo 1 metro, e dará passos iguais até alcançar o “ponto B”. Chegando lá, informa ao Anotador tal valor, e este, esboça uma linha do “ponto A” ao “ponto B” e sinaliza no papel o valor da distância em metros. Antes do Medidor de distâncias partir para o “ponto C”, os dois Operadores de suporte vão atuar para descobrirem o ângulo formado entre os trechos A-B e B-C (instruções ao final). De posse do valor do ângulo em graus (Ex.: 125°), o Medidor de ângulos informa ao Anotador, que por sua vez esboça no papel uma linha do “ponto B” ao “ponto C” com a angulação aproximada, mas com o valor precisamente anotado. Desse modo seguirá o trabalho da equipe até chegarem de volta ao “ponto A”, sempre medindo e anotando as distâncias entre os pontos e medindo e anotando os ângulos encontrados nos vértices.

Terminada essa etapa externa todos entram para a sala de aula e cada equipe vai trabalhar no seu projeto. Todos atuam também nessa fase, mas a atenção do desenhista será redobrada. O esboço deverá se tornar um projeto limpo, organizado e sem rasuras. As linhas serão feitas com régua, lápis e borracha. O transferidor também deverá ser usado no projeto final para dar maior precisão aos ângulos.

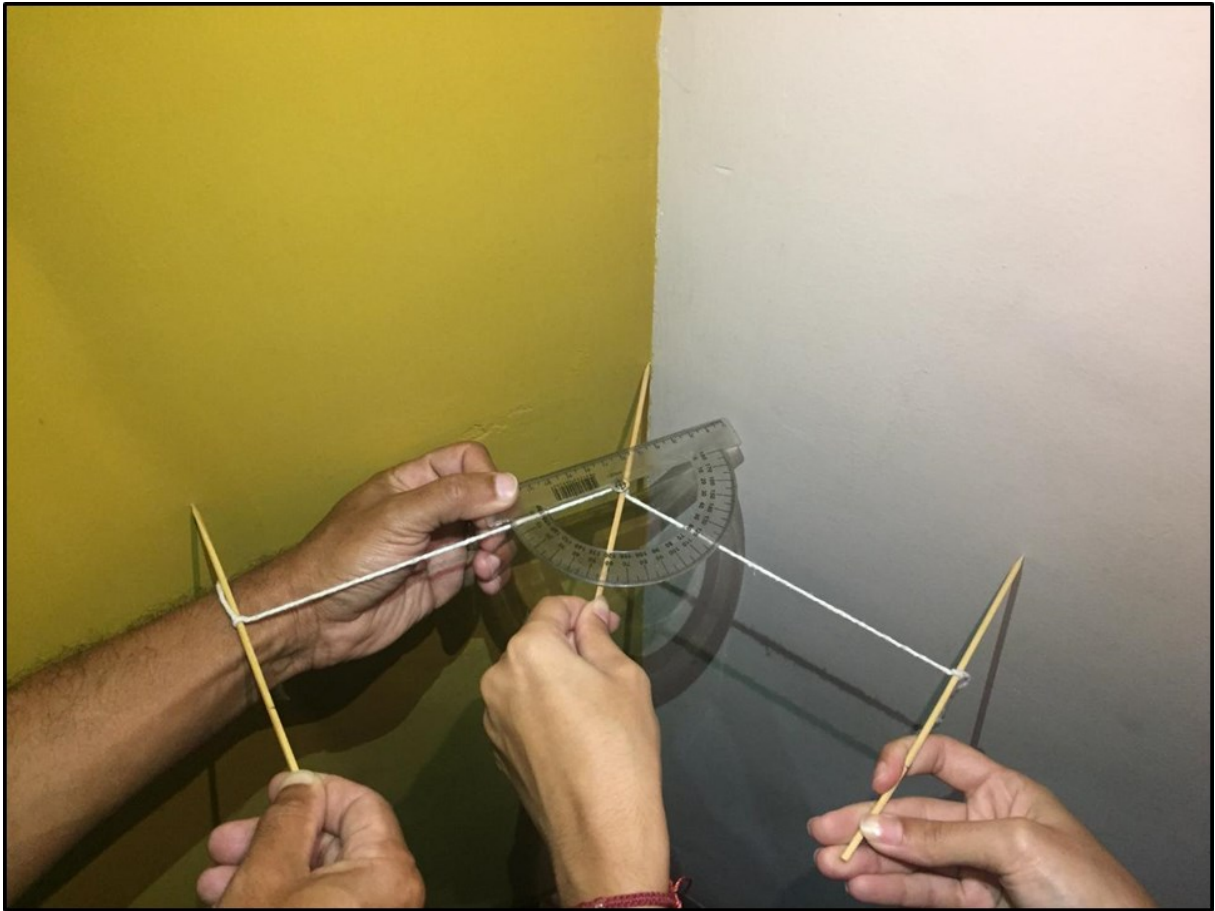
Com os trabalhos concluídos, uma equipe de cada vez cola com fita adesiva seu projeto na parede onde haverá a projeção do Datashow. O docente deverá buscar a imagem real do terreno ou muro, no aplicativo de mapas pela internet. Ao localizar, deverá projetar a imagem real por sobre o projeto colado na parede para comparação entre o trabalho da equipe e a realidade.

As dicas recomendadas podem ser úteis como ampliação da abordagem, ao identificar as aproximações, semelhanças e diferenças entre as equipes, aproveitando para abrir a discussão sobre: onde houve falhas? Quais foram as maiores dificuldades? O que foi fácil de aprender e memorizar? Em que se poderiam aplicar esse procedimento? Comentar sobre a importância da Engenharia, da Arquitetura, da Cartografia, da Geolocalização e da atuação

direta no trabalho de campo. Salientar que os cálculos de área e de perímetro são necessários constantemente para realizar obras, projetos de reflorestamento, pavimentações, decorações, planejamento de atividades esportivas, e muitas outras realizações. As equipes podem também experimentar partirem de pontos diferentes e se deslocarem no mesmo sentido, até cada uma chegar ao seu ponto de partida.



Construção do instrumento de suporte de medição de ângulos.



Utilização do instrumento de suporte de medição de ângulos e a medição propriamente dita.

Atividade 4 – Canto Coral

A prática do Canto Coral é proposta nesta coleção como atividade de reflexão acerca do conteúdo das letras das músicas, costurados com debates realizados sobre o tema das datas comemorativo-celebrativas durante o ano letivo, e com abordagens temáticas que cruzam com o conteúdo apresentado. Essa estratégia pedagógica se conecta facilmente com diversas áreas do conhecimento devido ao caráter transdisciplinar das Artes, especialmente aqui na Música, mas também no canto, como articulação respiratória que envolve todo o corpo na produção da emissão da voz cantada, ainda a articulação da fala na dicção plena de sílabas. Por isso, entre outros saberes, a proposta aponta para a Língua Portuguesa, Artes, Língua Estrangeira, Educação Física e Fonoaudiologia.

Não tão distante da legítima expressão de cantar por cantar, esta atividade preza por oferecer aos estudantes a oportunidade de cantarem conscientemente sabendo sobre o que

estão dizendo, e porque estão dizendo. Inferir sobre o texto e sobre o contexto da obra antes de executá-la. Expressar-se livremente em posicionamento de concordância ou discordância sobre o tema. Encontrar no ritmo, na harmonia, na melodia e na letra, conexões entre a realidade atual e o fato celebrado no calendário ou na temática tratada. Sempre numa ação coletiva, o canto coral se servirá da composição das vozes de todos os participantes, um aparelho que reproduza músicas para o treino, papel com a letra das músicas para acompanhamento e aprendizado, pode-se usar uma lousa, e se houver e for oportuno, instrumentos musicais.

Trabalhar o Canto Coral enquanto esta atividade educativa, consiste em ler e debater letras de músicas nacionais e internacionais, ensaiar em arranjo de coral e cantar as músicas em apresentação para a comunidade escolar, celebrando datas comumente destacadas no calendário civil, sempre cruzando ou confrontando os temas das datas com a intencionalidade das letras das canções. Seja um conteúdo poético ou de protesto, o resultado é sempre de uma transferência de energia, acumulada nos debates, para as vozes, num exemplo singular de militância pela arte.

Para que as escolhas de repertório façam sentido no momento do cantar, há uma necessidade de se estudar o calendário civil e suas datas comemorativas para evidenciar aquelas que poderão trazer viabilidade de trabalhar com essa atividade. Logo depois, selecionar músicas potencialmente convergentes para o tema ou para uma discussão a contraponto do tema. Não deve haver preocupação com a idade da canção, e sim com a adequação da linguagem para com a faixa etária do grupo e do público que assistirá as apresentações.

Distribuir a letra impressa em papel para terem consigo e treinarem em casa, assim como disponibilizar o link para consulta da música na internet. Sempre que debater ou ensaiar em sala, projetar ou escrever a letra na lousa para o acompanhamento de todos. Ao ensaiar, fazer os devidos alongamentos corporais, aquecimentos vocais, manter-se de pé durante o canto e desaquecer antes de finalizar o treino.

Logo que o grupo estiver pronto para apresentações, informar a que for de direito quanto à programação das atividades pedagógicas, que estão à disposição, e oferecer o resultado à toda comunidade escolar.

É bom para o aproveitamento das habilidades dos estudantes, e sempre que oportuno, incluir instrumentos tocados por eles próprios. Desenvolver nos ensaios a habilidade de ler os comandos manuais de regência que podem ser utilizados em outra atividade, tal como: Educação Física, na execução de atividades que exijam sincronia coletiva e atendimento pleno às regras das modalidades esportivas. Nas músicas internacionais, ler sempre a letra em duas versões, original e tradução para facilitar o entendimento e os debates. Em letras que se mostrem mais complicadas, dividir estrofes por grupos distintos e deixar os refrãos para todos juntos e/ou arranjos personalizados, conforme previamente combinado. Lembrando que é bom manter a posição oficial de vozes no canto coral, onde as vozes femininas ficam à frente e as masculinas atrás, e as mais agudas à esquerda do regente com as mais graves à direita.

Atividade 5 – Produção coletiva de livro artesanal

Os estudantes são encorajados a se reunirem para uma criação editorial coletiva de um livro contendo suas próprias produções inéditas. Através das articulações oferecidas pela Língua Portuguesa, pelas Artes e outras áreas, eles podem se expressar por meio da Literatura, do Desenho, Pintura, Gravura, do Artesanato e do que mais encontrarem como caminhos de comunicação que se sintam seguros, à vontade e incluídos.

São objetivos almejados com esta proposta, estimular os estudantes a produzirem diversos tipos de textos artísticos literários, seguindo suas regras de construção, porém sem abandonar a liberdade de uma escrita fluida, autoral; oportunizar a experiência de criarem um produto concreto final (livro artesanal coletivo) com a coleção de suas escritas.

Usando o que, se consegue fazer isso? Alguns materiais e habilidades serão necessários para essa criação. Tudo, absolutamente tudo pode ser adaptado com alternativas acessíveis e com meios mais originais do local. É sempre oportuno buscar tais associações entre os materiais. Para efeito de sugestão, seguem algumas dicas: folhas de papel tamanho A4 em branco; caneta, lápis, borracha; canetinha, lápis de cor, giz de cera; tintas e pincéis; barbante, papelão, retalhos de papéis coloridos; perfurador para papel.

Resumindo, o que é essa atividade? A partir de um tema despertado (voluntário ou proposto) se produzem poemas em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. As páginas produzidas em A4 são organizadas,

numeradas, furadas para encadernação com barbante pintado. A capa e contracapa de papelão pintado ou encapado, e com ilustração e título feitos a mão.

Como se consegue fazer isso? Seguindo o passo a passo adiante, o grupo formado por docente e estudantes decide, por escolha, consenso ou como acharem melhor, qual será o tema central da publicação e, após isso, sugerem subtemas como desdobramentos. Quanto mais variados melhor, para que cada um e cada uma possa escolher sobre qual assunto deseja escrever. Bom é ter todos os subtemas sugeridos representados no produto final.

Através de sorteio, ou como pensarem ser melhor, distribuem-se os tipos de textos literários que vão compor o livro, como exemplos: poesias em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, tirinhas, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. Enquanto as produções escritas estão acontecendo, deve-se motivar o uso da imaginação e da criatividade, a exploração das cores, o despertar de ideias para uma ilustração que represente o texto. Alguns colegas mais hábeis em desenho livre e artístico poderão ajudar a ilustrar cada obra.

Simultaneamente, uma pequena equipe de até três membros trabalhará na estrutura física do livro, com a produção da capa, contra capa, brochura, furação e ilustração da capa. O corte do molde da capa e da contra capa deverá ser levemente maior do que o tamanho A4. Os furos na capa e contra capa precisam ser precisamente alinhados aos das folhas contendo as obras literárias. Um membro dessa equipe receberá as obras prontas, organizará numericamente, criará um sumário e deixará o volume pronto para furação e encadernação. Riscando gizes de cera de diversas cores em feixes de barbante, se produz os elementos de amarras, que atravessarão os furos para encadernar as folhas nas capas. Depois de pronto, o livro artesanal

A equipe também poderá investigar através de pesquisa na internet, se há alguma data comemorativa próxima, onde o tema esteja ligado à Literatura e fazer a devida menção no trabalho. Uma produção desse tipo pode ser base para a criação do mesmo conteúdo numa plataforma digital, com animações, áudios e vídeos, em parceria com a área de Informática Educativa. Os estudantes podem ser encorajados a manterem uma permanência de produção literária com temas diversos, livres e direcionados, para criarem seus portfólios pessoais, assim poderão ter repertório para futuras ofertas.

Atividade 6 – Moléculas móveis

Pensando numa forma criativa de tratar a consolidação dos estudos sobre a composição do ar atmosférico, características e proporções, esta atividade foi concebida. A ideia partiu da fala de uma aluna, quando disse: “bom era se a gente pudesse ver essas moléculas”. A resposta foi: “mas, podemos sim, daremos um jeito.” A partir daí, se explorou tudo o que foi possível do conteúdo, dito obrigatório, para a etapa de ensino em que se encontravam, especialmente em Ciências da Natureza. Cumprido o protocolo, aplicou-se o tempo e as habilidades de Artes para construir a Instalação com móveis de moléculas que “dançavam” pelo ar da sala de aula.

Dentre os objetivos da atividade, estão, materializar o conhecimento produzido nas Ciências da Natureza em um objeto concreto de aprendizagem, além de criar um material visível cuja contemplação remeta ao tema abordado no aprendizado. A visualização da Instalação por outros estudantes lhes dá a confiança de que também podem fazer algo parecido ou igualmente surpreendente. Para isso, são necessários os seguintes materiais: rolo de fio de nylon fino e rolo de fio de nylon mais grosso; bolinhas de isopor de tamanhos 50mm e de 80mm de diâmetro; metade de uma folha de isopor de espessura 30mm; tintas e pincéis; palitos de dente; cola de isopor.

Nesta proposta toda a turma participa como uma grande equipe de produção cooperativa, e após pesquisa, estudos e debates sobre o ar e seus gases componentes, a respiração humana, dos animais e dos vegetais, sobre características e curiosidades diversas acerca dos gases do ar atmosférico e seus percentuais, constroem-se uma rede de móveis com fios de nylon e bolinhas de isopor em tamanhos diferentes e cores correspondentes aos componentes dos gases, além de quantidades relativas às suas proporções.

Para começar os trabalhos é preciso, consultar em pesquisa nos livros ou na internet, a estrutura molecular dos principais gases presentes na atmosfera; anotar as cores padronizadas pela Ciência dos elementos químicos que compõem cada molécula desses gases; separar as cores das tintas necessárias e pintar as bolinhas; organizar as bolinhas de isopor pintadas, montando as moléculas conforme os modelos pesquisados, e para isso usam-se palitos de dente entre as bolinhas, simbolizando as ligações químicas entre os elementos químicos; é bom reforçar as conexões com cola de isopor; assim que um bom número de moléculas

estiver pronto, esticam-se três ou quatro pedaços grandes de fio de nylon mais grosso, na parte alta da parede, em direções diferentes e se cruzando; penduram-se as moléculas utilizando-se pedaços de variados tamanhos do fio de nylon mais fino; manter certa distância entre as moléculas para o vento não embolar. Convidar a comunidade escolar e outros públicos para visitar o local da instalação.

Algumas dicas podem ser úteis como, a instalação suspensa poder ficar em exposição permanente na sala de aula, ou em lugar adequado quanto à manutenção das peças, protegida de possíveis intempéries e visualização da comunidade. É importante explorar os percentuais e proporções dos principais gases presentes no ar atmosférico. Pode ser interessante explorar os seres vivos que dependem de cada um dos diferentes gases e os seres ou elementos naturais que colaboram com a produção deles. Relacionar os tamanhos diferentes das moléculas com alturas e distâncias também diferentes, com o mesmo fenômeno óptico que ocorre com a disposição das estrelas no espaço sideral. Correlacionar a composição do ar por diversas substâncias representadas por diferentes moléculas, com outras tantas substâncias ao redor e acessíveis no cotidiano, que pois não se podem ver as moléculas, mas que também podem ser representadas científica e artisticamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há que se considerar que o acúmulo de experiências e o tempo de troca e interação com os pares ao longo dos anos e nos diversos espaços, produziu um vasto acervo de matéria-prima a ser utilizada como criatividade para a elaboração de atividades pedagógicas. Ademais, quando essa criatividade se encontra com a riqueza de possibilidades que a Natureza oferece para abordagens temáticas, os resultados além de múltiplos podem ser inovadores.

A minha formação pela Pedagogia sempre visou a reconexão de disciplinas, o trânsito e o acesso livre entre as diversas áreas do conhecimento e saberes, institucionais e tradicionais. Ter isto associado à formação das crianças, colaborando com a construção das bases do aprendizado na infância, através das experiências de contato e percepção de si na Natureza, foi consolidando a minha forma de fazer, minha prática, meu fazer pedagógico. Assim, encontrei a base epistemológica da minha prática na Geopoética. Cruzada e entrelaçada com as epistemologias educacionais, venho ensaiar os primeiros passos no que

seria uma Pedagogia Geopoética, expressão e conceito a serem explorados e definidos por futuros trabalhos já em andamento.

As reflexões conceituais deste trabalho e os apontamentos delineados sob a ótica Geopoética, não ficam represados no campo das ideias, mas desembocam da teoria ao ato, e se solidificam em ações práticas, como é possível se ver pelas propostas aqui oferecidas na coleção de atividades. Elas todas foram experimentadas, são aplicáveis e adaptáveis, podendo ser reconfiguradas e inspiradoras para a criação de outras práticas. Podem ser práticas inspiradoras de pessoas, para, a partir delas, se relacionarem de forma Geopoética com o planeta e refletir essa relação através de sua prática pedagógica em quaisquer espaços, lançando o convite aos pequenos, curiosos e sedentos estudantes.

5. REFERÊNCIAS

BOUVET, Rachel. **Como habitar o mundo de maneira geopoética?** Interfaces Brasil/Canadá, v. 12, n. 1, p. 09-16, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRILHA, J.B.R. 2005. **Património geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica.** Braga: Palimage Editores. Lisboa - Portugal. 190p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GODOI, C. K.; MELLO, R. B.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos.** 2º ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Território (s) numa perspectiva latino-americana.** Journal of Latin American Geography, v. 19, n. 1, p. 141-151, 2020.

KOZEL, Salete. **Geopoética das paisagens: olhar, sentir e escutar a “natureza”.** Caderno de Geografia, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

NASCIMENTO, Marcos A. L. do. **Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico** / Marcos A. L. do Nascimento, Úrsula A. Ruchkys, Virgínio Mantesso-Neto. – 2008. 84 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 10a. ed. Campinas: Pontes, 2012. 100p.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. **Geotales: narrando as histórias petrificadas pela terra**. Revista Sentidos da Cultura, Belém, 2018. <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/2010/1014>.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 231 f. (Tese), Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, L.B.M.; SIMÕES, B.F.T.; PONCIANO, L.C.M.O. **Ecoturismo e Conservação na Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi, Rio de Janeiro: pela tessitura das vozes geopoéticas em trilhas**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.12, n.5, nov 2019-jan 2020, pp.653-684.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Biodiversidade** / Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto de Botânica; coordenadora Vera Lúcia Ramos Bononi - São Paulo: SMA, 2010 112 p.

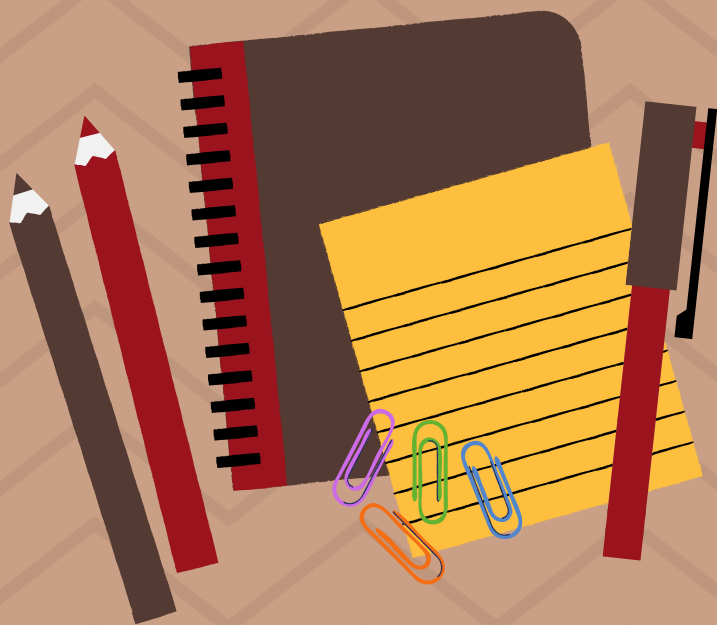
VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopética**. <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>

Apêndice G: Produto técnico (Material Didático, Cartilha). Coletânea de atividades pedagógicas: Naturezas Coletiváveis.

Apêndice H: Produto técnico (Material Didático, Cartilha). Metodologias do afeto pela Conservação da Natureza.

COLETÂNEA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS: NATUREZAS COLETIVÁVEIS



LEONARDO RAMOS CRUZ
PAMMELLA CASIMIRO DE SOUZA
CAMILA REIS TOMAZ
MARIA LUCIA CUNHA LOPES DE OLIVEIRA
LUIZA CORRAL MARTINS DE OLIVEIRA PONCIANO

Introdução

A aproximação de áreas de conhecimento cria pontos de contatos muitas vezes inesperados ou imprevisíveis. Tais cruzamentos vão parecendo muito mais comuns na medida em que, ao longo do tempo, vão revelando múltiplas congruências entre os saberes. Uma aproximação como tal, produtiva, é apresentada neste trabalho, trazendo uma

proposta de dedicar um olhar diferenciado para o ambiente natural, enquanto um rico espaço de elaboração e

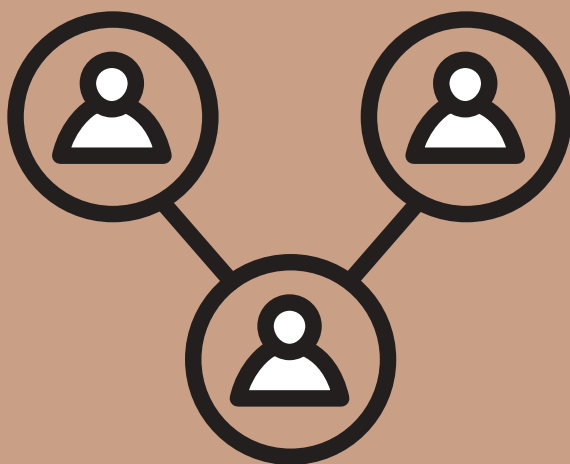
execução de atividades pedagógicas, num contexto educacional, em prol da formação de consciência para a Conservação da Geodiversidade e da Biodiversidade.



A Natureza se apresenta como ambiente espacial potencialmente privilegiado à formação e a Educação, o ambiente é educador por essência, com suas vozes, seus sons, melodias e seus silêncios, suas cores, formas e sombras, com precisões e incertezas, comunica constantemente a Vida pulsante, distante ou ali presente. Este cenário sendo usado como fruição em aulas, encontros educativos, encontros intencionais ou despretensiosos, pode agregar riqueza de valor inestimável aos resultados referentes à aprendizagem.



Boa parte do aproveitamento das conexões entre saberes cabe à iniciativa do docente em se antecipar na leitura dos cruzamentos explícitos que se apresentam, e também incentivar os atravessamentos não tão evidentes e não comuns, mas que podem ser amplamente explorados.



Atividade 1 - Panorâmica

Temática:

Possíveis análises ambientais e sociais, a partir do registro fotográfico de uma paisagem. Dessa forma é possível fazer conexões imediatas com as áreas de conhecimento, descritas na Base Nacional Comum Curricular - BNCC para os anos iniciais do Ensino Fundamental em Geografia, Artes Visuais, Ciências da Natureza, entre outras.



Temos a Fotografia como exemplo de linguagem a ser experimentada no seu desenvolvimento, que é de estimular as habilidades de observação crítica dos alunos a partir da leitura do mundo ao seu redor.

- A atuação dos estudantes pode ser:
- individual
 - coletiva
- progressiva (individual, duplas, trios até que se formem organicamente grupos)



Trata-se de levar os estudantes para uma região externa à escola, fazer uma foto, imprimi-la, analisar os elementos e situações capturados nela e exibir numa exposição oferecida a toda comunidade escolar.



DICA

Numa ida antecipada ao Ponto de Observação, o(a) docente identifica os melhores ângulos, iluminação, visibilidade, amplitude e alcance da vista, segurança e conforto, elementos permanentes (comércio, geodiversidade, etc...) e transitórios (obras, etc...)



Sugere-se a escolha intencional de um local que provoque a contemplação de diversos elementos da Natureza (terrenos, como as montanhas, e extraterrenos, como o Sol e as estrelas), elementos urbanos, personagens bióticos e abióticos. O lugar poderá ser classificado como Ponto de Observação, e a partir dele, orienta-se os estudantes como registrar a foto. Lá, todos podem escolher ou (re)conhecer seu Ponto de Observação, um enquadramento e registrar sua foto. Quanto mais diversificados os pontos de vista, melhor e mais rico será o resultado global do trabalho.

Feitos os registros, todos retornam para a sala de aula como laboratório de trabalho científico.

As imagens podem ser fixadas no centro de uma cartolina ou outra folha grande de papel.



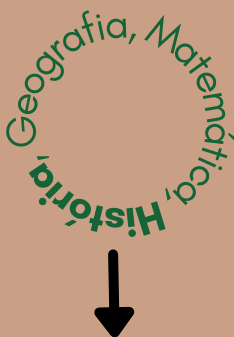
Cada discente pode iniciar a análise do seu registro individualmente e anotar suas percepções conforme as provocações do professor, que os incentivarão a identificar, criticar e inferir sobre possíveis distúrbios, desconformidades, disfunções, injustiças, anormalidades, excessos, carências, além também de fluidez, organização, potenciais do lugar, criando hipóteses de futuro para essa paisagem.

Atividade 2 - Exposição Meu Lugar

Proposta:

Proporcionar possibilidades de contação da história do lugar em que se vive, cruzada com a história de vida particular e familiar, através de uma série de fotografias dispostas em linha do tempo. Isso os fez perceber que uns se reconhecem na história do outro através de trechos ou elementos comuns, logo quando falam de si tocam a história dos colegas, enquanto os colegas também os mencionam.

Principais áreas de conhecimento:



Quando se trabalham acontecimentos históricos, é importante relacionar quantitativamente o tempo decorrido, com outros marcadores temporais, como as idades e datas marcantes, daí se desdobram algumas referências matemáticas

Sugestões Artísticas



Fotografias



Pinturas



Painéis Artísticos

A composição do trabalho visa promover aos estudantes, e a todos os visitantes, a oportunidade de contar e assistir a sua própria história e a história do seu lugar de vida, pelas suas próprias palavras, com sua voz e pela sua ótica, buscando possíveis contrastes com a história dita oficial e estabelecida.

Exemplo de materiais de produção



Como estamos falando de contar suas histórias, o ponto de partida é a individualidade de cada um, por isso sugere-se que se desenvolva a atividade de forma individual.

FASE INICIAL:

Cada um precisará consultar seu núcleo familiar e coletar informações sobre a sua história de vida desde antes do nascimento até o momento atual. Fazer anotações dos momentos principais em tópicos e pedir informações sobre a evolução do lugar em que vivem, citando construções de edificações, reformas de praças, ruas, etc. Usar essas anotações para ajudar a escolher as fotografias que serão expostas. Escolher as imagens com o consentimento da família.

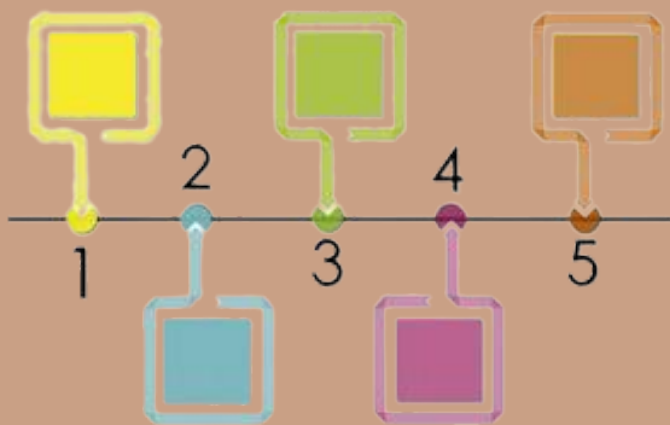
FASE INTERMEDIÁRIA

Consiste em organizar os registros em ordem cronológica e montar o esboço do projeto de exposição. Além disso, criar os textos de legenda narrativa que serão escritos no entorno das imagens e o texto de apoio no caderno para explicação aos visitantes.

FASE FINAL

Montar as versões definitivas de suas obras. Cada um/uma estando livre para personalizar seu trabalho, irá fixar as fotografias na cartolina devidamente ornamentada e com bordas, escrever as legendas definidas para cada imagem, escrever os textos complementares no entorno, desenhar e/ou pintar elementos que ajudem a contar as histórias pessoais e do lugar. Fixar a cartolina depois de pronta com fita adesiva num expositor que pode ser apropriado ou improvisado com mesas escolares sobrepostas. Providenciar uma lista de presença, convidar a comunidade escolar e iniciar a visitação fazendo as devidas explicações na medida em que cada visitante se aproxima.

A atividade resulta em cada estudante montar a **linha do tempo** de sua vida com cerca de cinco a oito **fotografias**, em que nelas estejam **registrados**: o lugar com variações de cenas, a casa, o estudante e a família. Assim então, **produzir a sua narrativa de história pessoal, coletiva** e da evolução do cenário enquanto espaço físico.





DICA

Sempre aproveitar para explorar a criatividade dos estudantes motivando-os a desenhar, pintar elementos enriquecedores da narrativa. Incentivar a livre oralidade sobre si mesmos criando ambientes de debate e contação dessas histórias em dias anteriores ao da exposição. Para muito além das áreas diretamente envolvidas, ajudá-los a enxergar as conexões menos visíveis, porém tão quanto importantes: matemática ao comparar as diferenças de idade entre os entes familiares e anos de nascimento, ano de inauguração de certas obras, ano em que houve mudança de casa, quantidade de casas e/ou habitantes da rua ou bairro. Ciências: Crescimento ou diminuição populacional? Coincide com melhorias ou piora dos serviços e da qualidade de vida? Reflete na saúde coletiva e aparecimento de doenças? O ambiente, a Natureza local, está mais conservada ou menos conservada? É possível identificar a origem étnica da família? E a origem geográfica? Há um episódio de êxodo (migração interna ou imigração) na família? E da maioria do bairro?

Atividade 3 - Áreas e perímetros reais

TEMA:

Converge para o aprendizado, aperfeiçoamento de cálculo e aplicação dos conhecimentos de área e perímetro, utilizando uma planta geográfica da região interna ou externa da instituição escolar ou outros terrenos próximos com construção, que sejam apropriados. Neste contato com o espaço geográfico natural ou urbano, é enriquecedor incorporar elementos e situações incidentais para compor outras provocações de aprendizado. As áreas de conhecimento envolvidas nessa dinâmica são Matemática, Desenho, Educação Física, Artes Plásticas, e Informática, sempre podendo acionar outras. Como expressão artística, as habilidades com o Desenho e com o Artesanato serão úteis e fundamentais, pois a beleza do trabalho em equipe entre estudantes está na percepção de que um não tem todas as aptidões, logo sempre vão necessitar uns dos outros.



Objetivo

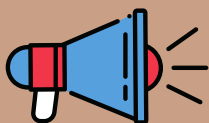
Experienciar uma atividade laboratorial de engenharia com noções básicas de levantamento topográfico e mapeamento cartográfico, fazendo-os se sentir profissionais por um dia; desenvolver as habilidades de trabalho em equipe e diálogo; e aperfeiçoar os conteúdos das disciplinas do currículo escolar.

Para isso...

Os estudantes precisarão atuar coletivamente, com equipes de cinco membros com funções específicas. Sendo 1 para ser Medidor de distâncias; 1 para ser o Medidor de ângulos; 2 para operarem com o instrumento de suporte de medição com o transferidor; e 1 para ser o Anotador/calculador/desenhista. Além disso, devem lançar mão, sempre que possível, de materiais ou elementos semelhantes que vão proporcionar a melhor produção e aproveitamento da atividade.

A atividade pode ser descrita como um mapeamento da área da instituição escolar ou uma região interna ou externa, a partir do muro ou do calçamento periférico do terreno. Fazendo o percurso de caminhada da região escolhida, os estudantes serão capazes de calcular aproximadamente o perímetro, a angulação dos vértices e a área total do terreno ou muro. Depois, com tais dados, farão um esboço do terreno e poderão compará-lo com a imagem real do mesmo, projetada na sala de aula a partir de site de geolocalização.





Se antecipar, para conquistar!

Antecipadamente, a proposta carece que algumas ações sejam realizadas, tais como:

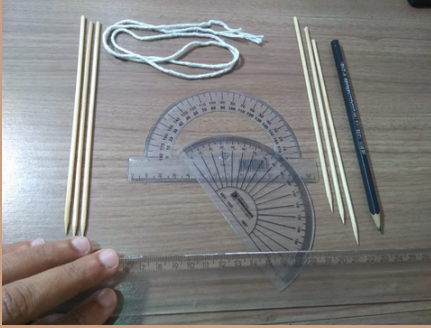
a confecção do instrumento de suporte para medição com o transferidor (instruções serão apresentadas ao final); a escolha do terreno ou muro a ser estudado (em polígono fechado); e a preparação e teste dos equipamentos de Informática na sala de aula.

O docente determina o local de início das medições, que será um dos vértices do polígono do terreno ou muro. Ali começam e terminam as medições. As equipes se organizam em uma ordem para que uma comece após a outra, com intervalo adequado para não se encontrarem no percurso.



Exemplo

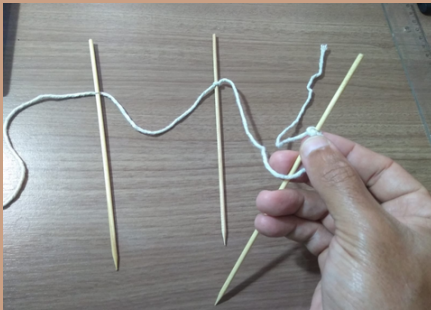
A primeira equipe se posiciona no primeiro vértice que se chamará “ponto A” e assim sucessivamente. O Anotador sinaliza o ponto A no papel; o Medidor de distâncias irá considerar cada passo largo valendo 1 metro, e dará passos iguais até alcançar o “ponto B”. Chegando lá, informa ao Anotador tal valor, e este, esboça uma linha do “ponto A” ao “ponto B” e sinaliza no papel o valor da distância em metros. Antes do Medidor de distâncias partir para o “ponto C”, os dois Operadores de suporte vão atuar para descobrirem o ângulo formado entre os trechos A-B e B-C (instruções ao final). De posse do valor do ângulo em graus (Ex.: 125°), o Medidor de ângulos informa ao Anotador, que por sua vez esboça no papel uma linha do “ponto B” ao “ponto C” com a angulação aproximada, mas com o valor precisamente anotado. Desse modo seguirá o trabalho da equipe até chegarem de volta ao “ponto A”, sempre medindo e anotando as distâncias entre os pontos e medindo e anotando os ângulos encontrados nos vértices.



Passo 1



Passo 2



Passo 3



Passo 4



DICA

Ao identificar as aproximações, semelhanças e diferenças entre as equipes, aproveitando para abrir a discussão sobre: onde houve falhas? Quais foram as maiores dificuldades? O que foi fácil de aprender e memorizar? Em que se poderiam aplicar esse procedimento? Comentar sobre a importância da Engenharia, da Arquitetura, da Cartografia, da Geolocalização e da atuação direta no trabalho de campo. Salientar que os cálculos de área e de perímetro são necessários constantemente para realizar obras, projetos de reflorestamento, pavimentações, decorações, planejamento de atividades esportivas, e muitas outras realizações. As equipes podem também experimentar partirem de pontos diferentes e se deslocarem no mesmo sentido, até cada uma chegar ao seu ponto de partida.

Atividade 4 - Canto Coral

Proposta:

Atividade de reflexão acerca do conteúdo das letras das músicas, costurados com debates realizados sobre o tema das datas comemorativo-celebrativas durante o ano letivo, e com abordagens temáticas que cruzam com o conteúdo apresentado. Essa estratégia pedagógica se conecta facilmente com diversas áreas do conhecimento devido ao caráter transdisciplinar das Artes, especialmente aqui na Música, mas também no canto, como articulação respiratória que envolve todo o corpo na produção da emissão da voz cantada, ainda a articulação da fala na dicção plena de sílabas. Por isso, entre outros saberes, a proposta aponta para a Língua Portuguesa, Artes, Língua Estrangeira, Educação Física e Fonoaudiologia.

Cantar por Cantar

Esta atividade preza por oferecer aos estudantes a oportunidade de cantarem conscientemente sabendo sobre o que estão dizendo, e porque estão dizendo. Inferir sobre o texto e sobre o contexto da obra antes de executá-la. Expressar-se livremente em posicionamento de concordância ou discordância sobre o tema. Encontrar no ritmo, na harmonia, na melodia e na letra, conexões entre a realidade atual e o fato celebrado no calendário ou na temática tratada. Sempre numa ação coletiva, o canto coral se servirá da composição das vozes de todos os participantes, um aparelho que reproduza músicas para o treino, papel com a letra das músicas para acompanhamento e aprendizado, pode-se usar uma lousa, e se houver e for oportuno, instrumentos musicais.

Trabalhar o Canto Coral enquanto esta atividade educativa, consiste em ler e debater letras de músicas nacionais e internacionais, ensaiar em arranjo de coral e cantar as músicas em apresentação para a comunidade escolar, celebrando datas comumente destacadas no calendário civil, sempre cruzando ou confrontando os temas das datas com a intencionalidade das letras das canções. Seja um conteúdo poético ou de protesto, o resultado é sempre de uma transferência de energia, acumulada nos debates, para as vozes, num exemplo singular de militância pela arte.



O que fazer?

Distribuir a letra impressa em papel para terem consigo e treinarem em casa, assim como disponibilizar o link para consulta da música na internet. Sempre que debater ou ensaiar em sala, projetar ou escrever a letra na lousa para o acompanhamento de todos. Ao ensaiar, fazer os devidos alongamentos corporais, aquecimentos vocais, manter-se de pé durante o canto e desaquecer antes de finalizar o treino.

Logo que o grupo estiver pronto para apresentações, informar a que for de direito quanto à programação das atividades pedagógicas, que estão à disposição, e oferecer o resultado à toda comunidade escolar.



Atividade 5 - Produção coletiva de livro artesanal

Os estudantes são encorajados a se reunirem para uma criação editorial coletiva de um livro contendo suas próprias produções inéditas. Através das articulações oferecidas pela Língua Portuguesa, pelas Artes e outras áreas, eles podem se expressar por meio da Literatura, do Desenho, Pintura, Gravura, do Artesanato e do que mais encontrarem como caminhos de comunicação que se sintam seguros, à vontade e incluídos.

afinal, o que é essa atividade?

A partir de um tema despertado (voluntário ou proposto) se produzem poemas em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. As páginas produzidas em A4 são organizadas, numeradas, furadas para encadernação com barbante pintado. A capa e contracapa de papelão pintado ou encapado, e com ilustração e título feitos a mão.

Objetivos desejados

Estimular os estudantes a produzirem diversos tipos de textos artísticos literários, seguindo suas regras de construção, porém sem abandonar a liberdade de uma escrita fluida, autoral; oportunizar a experiência de criarem um produto concreto final (livro artesanal coletivo) com a coleção de suas escritas.



Como se consegue fazer isso?

O grupo formado por docentes e estudantes decide qual será o tema central da publicação e, após isso, sugerem subtemas como desdobramentos.

Através de sorteio, ou como pensarem ser melhor, distribuem-se os tipos de textos literários que vão compor o livro, como exemplos: poesias em verso ou prosa, poesia concreta, desenhos, charges, tirinhas, quadrinhos curtos, pequenos contos, etc. Enquanto as produções escritas estão acontecendo, deve-se motivar o uso da imaginação e da criatividade, a exploração das cores, o despertar de ideias para uma ilustração que represente o texto. Alguns colegas mais hábeis em desenho livre e artístico poderão ajudar a ilustrar cada obra.

Como se consegue fazer isso?

Simultaneamente, uma pequena equipe de até três membros trabalhará na estrutura física do livro, com a produção da capa, contra capa, brochura, furação e ilustração da capa. O corte do molde da capa e da contra capa deverá ser levemente maior do que o tamanho A4. Os furos na capa e contra capa precisam ser precisamente alinhados aos das folhas contendo as obras literárias. Um membro dessa equipe receberá as obras prontas, organizará numericamente, criará um sumário e deixará o volume pronto para furação e encadernação. Riscando gizes de cera de diversas cores em feixes de barbante, se produz os elementos de amarras, que atravessarão os furos para encadernar as folhas nas capas. Depois de pronto, o livro artesanal

Como se consegue fazer isso?

A equipe também poderá investigar através de pesquisa na internet, se há alguma data comemorativa próxima, onde o tema esteja ligado à Literatura e fazer a devida menção no trabalho. Uma produção desse tipo pode ser base para a criação do mesmo conteúdo numa plataforma digital, com animações, áudios e vídeos, em parceria com a área de Informática Educativa. Os estudantes podem ser encorajados a manterem uma permanência de produção literária com temas diversos, livres e direcionados, para criarem seus portfólios pessoais, assim poderão ter repertório para futuras ofertas.



Atividade 6 - Moléculas móviles

Pensando numa forma criativa de tratar a consolidação dos estudos sobre a composição do ar atmosférico, características e proporções, esta atividade foi concebida. A ideia partiu da fala de uma aluna, quando disse: “bom era se a gente pudesse ver essas moléculas”. A resposta foi: “mas, podemos sim, daremos um jeito.” A partir daí, se explorou tudo o que foi possível do conteúdo, dito obrigatório, para a etapa de ensino em que se encontravam, especialmente em Ciências da Natureza. Cumprido o protocolo, aplicou-se o tempo e as habilidades de Artes para construir a Instalação com móveis de moléculas que “dançavam” pelo ar da sala de aula.

Objetivos da atividade

Materializar o conhecimento produzido nas Ciências da Natureza em um objeto concreto de aprendizagem, além de criar um material visível cuja contemplação remeta ao tema abordado no aprendizado. A visualização da Instalação por outros estudantes lhes dá a confiança de que também podem fazer algo parecido ou igualmente surpreendente. Para isso, são necessários os seguintes materiais: rolo de fio de nylon fino e rolo de fio de nylon mais grosso; bolinhas de isopor de tamanhos 50mm e de 80mm de diâmetro; metade de uma folha de isopor de espessura 30mm; tintas e pincéis; palitos de dente; cola de isopor.



Pra começar....

É preciso, consultar em pesquisa nos livros ou na internet, a estrutura molecular dos principais gases presentes na atmosfera; anotar as cores padronizadas pela Ciência dos elementos químicos que compõem cada molécula desses gases; separar as cores das tintas necessárias e pintar as bolinhas; organizar as bolinhas de isopor pintadas, montando as moléculas conforme os modelos pesquisados, e para isso usam-se palitos de dente entre as bolinhas, simbolizando as ligações químicas entre os elementos químicos; é bom reforçar as conexões com cola de isopor; assim que um bom número de moléculas estiver pronto, esticam-se três ou quatro pedaços grandes de fio de nylon mais grosso, na parte alta da parede, em direções diferentes e se cruzando; penduram-se as moléculas utilizando-se pedaços de variados tamanhos do fio de nylon mais fino; manter certa distância entre as moléculas para o vento não embolar. Convidar a comunidade escolar e outros públicos para visitar o local da instalação.

Percuso...

Nesta proposta toda a turma participa como uma grande equipe de produção cooperativa, e após pesquisas e debates sobre o ar e seus gases componentes, a respiração humana, dos animais e dos vegetais, sobre características e curiosidades diversas acerca dos gases do ar atmosférico e seus percentuais, constroem-se uma rede de móveis com fios de nylon e bolinhas de isopor em tamanhos diferentes e cores correspondentes aos componentes dos gases, além de quantidades relativas às suas proporções.





DICA

A instalação suspensa poder ficar em exposição permanente na sala de aula, ou em lugar adequado quanto à manutenção das peças, protegida de possíveis intempéries e visualização da comunidade. É importante explorar os percentuais e proporções dos principais gases presentes no ar atmosférico. Pode ser interessante explorar os seres vivos que dependem de cada um dos diferentes gases e os seres ou elementos naturais que colaboram com a produção deles. Relacionar os tamanhos diferentes das moléculas com alturas e distâncias também diferentes, com o mesmo fenômeno óptico que ocorre com a disposição das estrelas no espaço sideral. Correlacionar a composição do ar por diversas substâncias representadas por diferentes moléculas, com outras tantas substâncias ao redor e acessíveis no cotidiano, que pois não se podem ver as moléculas, mas que também podem ser representadas científica e artisticamente.

Conclusão

É compreensível que se julguem tais processos e argumentos demasiadamente sofisticados para ações com crianças e mais adequados às idades mais avançadas, porém pela experiência adquirida em aplicações destas e de outras atividades similares, observa-se o êxito, ainda que haja alguma necessidade de ajuste de linguagem ou abordagem. Essas propostas estão carregadas de transdisciplinaridade, pois são um convite à percepção dos diversos fenômenos livres de rótulos dos conteúdos curriculares.



Conclusão

As reflexões conceituais e os apontamentos não ficam no campo das ideias, mas desembocam da teoria ao ato, e se solidificam em ações práticas aqui oferecidas na coleção de atividades. Todas foram experimentadas, são aplicáveis e adaptáveis, podendo ser reconfiguradas e inspiradoras para a criação de outras práticas. Podem ser inspiradoras de pessoas, para, a partir delas, se relacionarem de forma mais íntima com o planeta e refletir essa relação através de sua prática pedagógica em quaisquer espaços, lançando o convite aos pequenos, curiosos e sedentos estudantes.



METODOLOGIAS DO AFETO PELA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

@GeoTales
@PPGECUNIRIO



Índice

Introdução

Apresentação das Pesquisas Envolvidas

As Montanhas falaram alto, eu da Escola respondi: Uma Escrivência Geopoética para a Conservação da Natureza

(**Dissertação**)

Escre(vi)vendo a Baixada: (des)estruturação do Racismo Ambiental no bairro de Campos Elíseos (**Monografia**)

Georreferenciamento, Geopoética e Ética Ambiental em cruza na prevenção de incêndios florestais no Parque Estadual Cunhambebe (**Dissertação**)

Encantar-se Cunhambebe: Natureza em territorialidades da Conservação (**Dissertação**)

Lugar de Escuta (Leonardo Cruz)

Escrivências Geopoéticas (Pammella Casimiro)

BioNarrativas da Conservação (Maycom Lopes)

Práticas Espaciais Ancestrais (Camila Reis)

Considerações

Referências

Organização

Leonardo Ramos Cruz

Pammella Casimiro de Souza

Maycom Lopes

Camila Reis Tomaz

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano



INTRODUÇÃO

Este é um material livre de categorização, inspirado na Cartilha-Não-Cartilha, produto técnico em desenvolvimento junto ao Grupo de Trabalho Pesquisa e(m) Ação e ao Núcleo de Estudos Território e Resistência na Globalização (NUREG) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Temos por objetivo convidar pesquisadores, educadores-pesquisadores e educandos-pesquisadores a considerar métodos e categorias de análise dos espaços protegidos a partir do afeto e das vivências a eles vinculados. Para tal, compilamos metodologias e epistemologias afins utilizadas em trabalhos científicos do GeoTales.

Organizado embasado em uma perspectiva coletiva do fazer ciência, o presente instrumento tem mãos, olhares e afetos de diversos Lugares de Escuta da Conservação da Natureza, contando com Escrevivências e BioNarrativas de Práticas Espaciais em Unidades de Conservação do Estado do Rio de Janeiro como exemplos de aplicabilidades dos conceitos apresentados.

Divirta-se!



O GEOTALES

O GeoTales, grupo associado a projetos de extensão da UNIRIO, tem como objetivo a divulgação das Geociências por meio de performances poéticas baseadas na apresentação de histórias em prosa e verso, possibilitando uma vivência dos conteúdos científicos por meio de atividades interativas e lúdicas.

Além de divulgar a História da Terra sob a perspectiva da aprendizagem afetiva, as performances poéticas também visam auxiliar o desenvolvimento global das pessoas, contribuindo para a constituição da sua identidade e do seu autoconhecimento, ao desenvolver o senso crítico e estético, despertar o imaginário e a reflexão sobre as relações do “eu” com o outro e com o planeta Terra.

 @GeoTales

 <http://geotalesunirio.wix.com/geotales>

 GeoTales UNIRIO

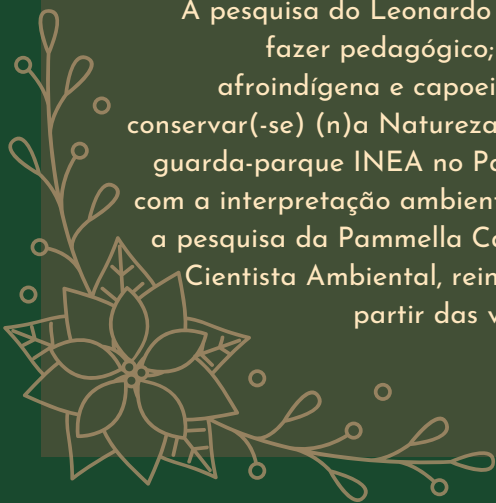


APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS

As pesquisas envolvidas neste material foram e estão sendo construídas coletivamente por pesquisadores(as) cuja relação com o meio lido por natural é de afetividade, escuta e trocas sensíveis, de respeito e reconhecimento de si enquanto parte da Natureza. Por isso, as reflexões sobre métodos, costuras, conceitos e releituras de processos que apresentamos aqui vêm desses contextos, de pesquisas como caminhos de maior aproximação ou de afirmação dessa proximidade como e enquanto Natureza.

Convidamos à atenção de quem nos lerá para essa relação descrita no fazer e no pensar o fazer. Para tal, apresentamos em seguida um breve resumo das pesquisas e projetos envolvidos nessa ação. Assim como algumas das referências que as e os autores consideraram como primordiais para a construção desse fazer em seus campos e escritas.

A pesquisa do Leonardo Cruz, educador preto, está ligada ao fazer pedagógico; a pesquisa-militante da Camila Reis, afroindígena e capoeirista, está vinculada à Geografias do conservar(-se) (n)a Natureza; a pesquisa-ação do Maycom Lopes, guarda-parque INEA no Parque Estadual Cunhambebe dialoga com a interpretação ambiental e seu papel na Gestão Ambiental; a pesquisa da Pammella Casimiro, cria da baixada fluminense e Cientista Ambiental, reivindica a Natureza desses espaços a partir das vivências e denúncias presentes nelas.



Lugar de Escuta como caminho para a conservação ambiental em contexto urbano

Pensar Lugar de Escuta é refutar a mecânica tradicional de hierarquização opressora, que (pre)tende posicionar as vozes sociais em caráter de submissão. Como conservar o que não se ouve? Como identificar no meio das montanhas de concreto a voz a ser ouvida? Como uma resposta à necessidade de elevar a Escuta à importância e urgência de traduzir oralidades que transcendem ao espectro audível de uma sociedade que habitualmente invisibiliza e cala. Ao emprestar os ouvidos para além do canto dos pássaros e da dança do vento, percebe-se que o ambiental da cidade inclui os sambas, buzinas, carros e disparos. Qual é o ambiental que entra dentro do plano de conservação das cidades? Através do Lugar de Escuta, trazido como uma condição multidimensional, inicialmente de quatro eixos, conduzida primordialmente pela Postura Atitudinal; em seguida, Oportunidade Geográfica; Conduta Social; e Posicionamento Político. Soma-se aos fazeres outros para uma conservação além das UCs e leis, e sim de costumes, crenças e dizeres. O meu Lugar de Escuta me investe de uma posição de representante de pautas as quais fui capaz de identificar e compreender nas conversas com as Montanhas, e assim, convertê-las em demandas para e pela sociedade através da Educação e do fazer de nós Educadores.

Leonardo Ramos Cruz
Mestrando em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO)

O DESVELAR DO RACISMO AMBIENTAL COMO CAMINHO PARA A CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES

Tendo em mente que o nosso corpo-território é uma extensão da natureza que nos cerca e não algo à parte, ao lado ou até de cima, mas sim de dentro, entende-se que a conservação começa na nossa primeira casa, o Eu, passando para o externo palpável e próximo, como o território que habitamos, estendendo-se ao distante, mas indissociável. Mas como conservar aquilo que nos é ensinado que não é bom, útil e belo? Assim como o meu corpo, meu território é conduzido para servir um "propósito maior e mais branco". No lugar da preservação, aprendemos a modificação, subordinação e adaptação. Como sujeita que sofre a ação, ou seja, como um corpo que habita um território, ambos marginalizados e em sacrifício, resposta de um projeto colonial de deslegitimação que perdura até os dias atuais. E como pesquisadora que científica os atos sofridos em coletivo, por um corpo formado de nós e uma terr(a)itório invalidado. Trago os apontamentos que me atravessam como como moradora e confrontam-me como pesquisadora do Racismo Ambiental dentro do bairro de Campo Elíseos, na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Através das vivências e falas daqueles que me antecedem, movimentamos a troca de lentes e a denúncia de uma realidade que ultrapassa os limites da Baixada. Que a Conservação da Natureza, conseqüentemente a valorização da multiplicidade das espécies, comece nos quintais das famílias periféricas e cheguem às UCs, escolas e universidades, não só o movimento inverso.

Pammella Casimiro de Souza
Graduada em Ciências Ambientais (UNIRIO)

GEORREFERENCIAMENTO, GEOPÓETICA E ÉTICA AMBIENTAL EM CRUZO NA PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS FLORESTAIS NO PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE.



As notificações preventivas de incêndios como caminho para diminuição dos incêndios florestais e fortalecimento da sensibilização ambiental.

O Parque Estadual Cunhambebe (PEC), local da pesquisa, foi criado por meio de decreto, com uma área de 38.053,05 hectares, sendo a segunda maior em seu território de abrangência, a criação do parque é um grande avanço na preservação do ambiente lido natural, pois em seus limites está localizada uma das mais ricas fontes de abastecimento de água para a população, mas como em todas as Unidades de Conservação (UC), sofre com os incêndios florestais.

A grande necessidade de avançarmos ao encontro da diminuição dos incêndios florestais fomentam a produção de novas oportunidades tecnológicas no que tange a novas ferramentas facilitadoras que possibilitam monitorar suas ocorrências no planeta, e essa pesquisa vem de encontro a diminuição desses incêndios. Para tal, o pesquisador e guarda-parque da unidade fará a leitura dos relatórios de incêndios florestais - RIF e aplicação das notificações preventivas de incêndios - NPI nos meses que antecedem o histórico do incêndio naquela localidade.

GEORREFERENCIAMENTO, GEOPÓETICA E ÉTICA AMBIENTAL EM CRUZO NA PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS FLORESTAIS NO PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE.



Por ter uma área extensa se faz necessário uma divisão de 04 (quatro) setores, a pesquisa será realizada e concentrada no Setor 04 que compreende a áreas dentro da UC, Zona de Amortecimento da UC e aos municípios de Mangaratiba e Itaguaí, tendo em vista que essa pesquisa se dá de caráter inédito para essa unidade de conservação e de extrema relevância para a ciência, e para o auxílio na conservação e manutenção do bioma mata atlântica.

No ato da aplicação das notificações preventivas de incêndios o Guarda Parques tem a oportunidade de não só entregar um papel com recomendações, mas sim de transbordar seu conhecimento referente a educação ambiental. Nessa minha vivência como Guarda-Parques - GP vejo esse momento de EDUCAÇÃO AMBIENTAL como maior divisor/ampliação de conhecimento, acredito que de todas as atribuições que o GP tem em uma UC essa é a que mais faz sentido e nós impulsiona a continuar mesmo no meio das dificuldades essa atividade não seria pagável por nenhum valor monetário, poder de algumas forma ajudar na formação do meu semelhante e algo que vai ao encontro dos meus melhores sonhos, uma EDUCAÇÃO igualitária para todos no que tange o conhecimento e preservação do ambiente.

Maycom Lopes
Mestrando em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO)

ENCANTAR-SE CUNHAMBEBE: ATRAVESSAMENTOS ANCESTRAIS EM TERRITORIALIDADES DA CONSERVAÇÃO

Em um contexto socioeconômico de ataques às várias Naturezas internas e externas, com queimadas por todo norte e centro oeste do país, genocídio indígena, machismo em todas as instâncias da vida pública e privada, racismo ambiental e periferização de corpos pretos e LGBTQI+, aqueles que, destinados pelo Estado a materializar a des e re-territorialização de áreas de relevante valor ecológico (e quem estiver nelas), ao entrarem em contato com o meio e seus componentes sob a premissa da educação ambiental podem reagir à Conservação da Natureza diferentemente do que o pressuposto pela legislação e meio acadêmico...

A Outremização, nome que Toni Morrison, escritora preta norte americana, professora e pesquisadora de si no outro, deu a esse processo de não nos vermos em nada que não, nós, de certa forma origina essa pesquisa. Na Conservação da Natureza, as práticas espaciais dos Guardas-Parques convidam ao olhar atento e atencioso às territorialidades e disputas de fazeres e saberes em Unidades de Conservação.

A academia, como ainda a conhecemos, estrutura potencializadora de poderes, hierárquica, de classes, não se nega cria do bicho homem, voraz e faminto do que faz Outro, seja ele o Guarda-Parque produzindo saberes, ou este Outro que estou eu reconhecendo-os. Só que, não por ter fome, podres poderes encontrarão em mim - ou neles- suas presas. À Luta!

Camila Reis
Mestranda em Ecoturismo e Conservação (UNIRIO)

Lugar de Escuta

Uma categoria de análise e tradução de dados gerados em contexto de quem descreve espaços (co)produzidos pela Escuta atenta, afetiva e relacional. Esta transita entre saber e falar e escutar, seus tempos e espaços na produção e na reprodução de saberes (BARTHOLL, 2021). Partindo de um ponto de contato entre presença e subjetividades, o Lugar de Escuta ocupa e se movimenta politicamente no espaço de reconhecimento epistemológico de territórios e corpos como corpo-territórios (HAESBAERT, 2020) e o resgate de memórias do habitar o mundo (BOUVET, 2012; KRENAK, 2019).

A construção do olhar a partir do Lugar de Escuta se dá em diálogo com o Lugar de Fala e com o não reconhecimento desses lugares por corpos-territórios oprimidos pelo silenciamento e apagamento histórico e colonial.

"Só ouço o som da minha
Própria voz a repetir
Tem mais alguém aí?"

(Aviso aos Navegantes - Lulu Santos)

ESCREVIVÊNCIAS GEOPOÉTICAS

A Escrevivência, compartilhada por uma mulher preta (EVARISTO, 2017) para outros corpos pretos, é utilizada como ferramenta de luta, escuta e ação dentre dos espaços de opressão. Como acalento e despertar para os semelhantes, um incomodar e despertar das injustiças para quem oprime. Abordada como uma ação acadêmica (XAVIER, 2019) abre caminho para que esse mesmo falar, ouvir e ecoar seja tratado como metodologia científica dentro dos espaços formais de educação. Ao trazer as escritas das vivências, com a lente da geopoética, possibilitou o contar e encantar das ciências e seu desenrolar para aqueles que não ocupam as cadeiras da universidade. A geopoética traz consigo caminhos outros de cientificar através do afeto, observar e ouvir, que confluem para uma Escrevivência de trocas. Assim o eu(nós)natureza, ocupa o saber hegemônico de de fora para dentro, abrindo caminhos para os saberes marginalizados pretos, de becos e vielas. Onde o sujeito estudado é quem estuda.

Pammella Casimiro de Souza
Graduada em Ciências Ambientais (UNIRIO)

BIONARRATIVAS DA CONSERVAÇÃO



GEOPOÉTICA DA E NA ÉTICA AMBIENTAL

A Geopoética é um convite à uma relação sensível, afetiva, subjetiva e profunda (BOUVET, 2012; PONCIANO, 2018; SANTOS, PONCIANO E SIMÕES, 2020) com o ambiente circundante, isto é, com o Planeta Terra (WHITE, 19-?) enquanto elementos bióticos, abióticos, memórias e sentimentos em intenso, constante e contínuo cruzos.

AFETIVIDADE AMBIENTAL

Segundo GIRALDO E TORO (2020), é o sentimento de pertencimento aos meios normalmente chamados como "ambientes naturais". Um retorno da atenção à esse pertencer e à complexificação na leitura e interpretação dos corpos humanos e não-humanos (elementos bióticos e abióticos presentes na Natureza) se dá por meio de um aumento da afetividade ambiental do corpo humano.

BIONAS - BIONARRATIVAS -

As BIONAS podem ser definidas como um recurso educacional aberto (REA) que incorpora elementos multimodais para entoar diferentes vozes e histórias locais por meio de narrativas digitais e da relação entre arte e ciência. É, portanto, uma bionarrativa social, por nascer pelas reflexões a partir das territorialidades, experiências, memórias e identidades, as quais se fazem em diferentes biodiversidades locais (KATO, 2020).

PRÁTICAS ESPACIAIS ANCESTRAIS

Segundo Correia (2009, p. 31), uma observação participante está pautada em contato, este "direto, frequente e prolongado do investigador" considerando as demais pessoas presentes no local de pesquisa, de certa forma, como quem oferta informações além da resposta a uma pergunta escrita. Ribeiro (2018) descreve os Lugares de Fala como contextos relevantes na categorização, análise e interpretação de dados gerados por dos entrevistas, narrativas ou recortes de fala em observações participantes, por exemplo. Considerando o território a partir do olhar de produção do espaço a partir da posse deste, como em Rousseau (2011), a busca é pelas Práticas Espaciais que vieram antes dessa posse e da reprodução desse espaço analisada a partir da violência e, como em Haesbaert (2014), do terror que pode sentir quem passa a fazer parte de um novo território produzido no mesmo espaço pela perspectiva de quem desterritorializa.

Krenak (2019) chama a atenção para os espaços que passam a "protegidos" por um Estado que deslegitima a proteção que não se vê, não se escreve nem se assina. Em seu exemplo, o autor indígena menciona Montanhas e Rios que, sujeitos e protagonistas de práticas sagradas e cotidianas para cosmovisões locais, são territórios para epistemologias deslocadas.

CONSIDERAÇÕES



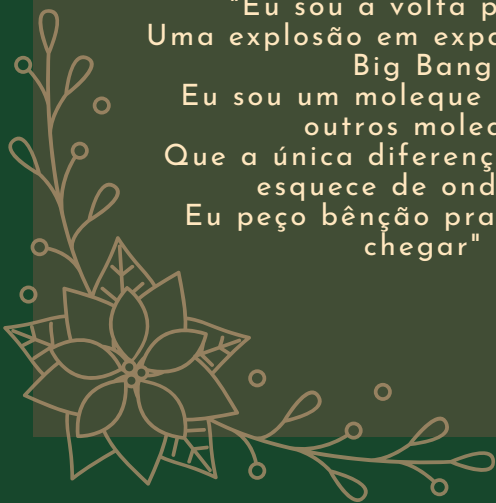
Os esforços coletivos para que esse material viesse a existir se cruzam com os sorrisos em reconhecimento das confluências de corpos que vivem o afeto ambiental pelo cuidado do outro, pelo agir em comunidade, como ouvimos nas vozes de:

CORUJA BC1 EM "ESCUA-ME"

"Tem nada a ver com a sorte, a vida é um eco,
mano
Não gosta do que tá ouvindo, muda o que tá
gritando
Perceba teu mundo mudando, sem você ver
Não adianta agradar as pessoas, sendo triste com
você
(...)
Escute a voz do teu coração e note tua existência
Como? Se aqui não escutam nem da consciência"

E DJONGA EM "HAT-TRICK"

"Eu sou a volta por cima
Uma explosão em expansão igual o
Big Bang
Eu sou um moleque igual esses
outros moleque
Que a única diferença é que não
esquece de onde vem
Eu peço bênção pra sair e pra
chegar"



REFERÊNCIAS

BULLARD, Robert. Enfrentando o racismo ambiental no século XXI. Justiça Ambiental e Cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

CARVALHO, I. C. de. M. Educação ambiental e a formação do sujeito ecológico. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2020

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. Geographia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/Geographia2007.v9i17.a13531>>. Acesso em: 3 out. 2020.

MONDARDO, Marcos Leandro. O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2009.

NOGUEIRA, Isabel Porto. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. Revista Vórtex, Curitiba, v.5, n.2, 2017, p.1-20

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? – Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p.; (Feminismos Plurais).

SANTOS, Lulu. MOTTA, Nelson. Certas Coisas. Tudo Azul. Universal Music Publishing Group, 1984. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0c7F3yKns6k> Acesso em: 03 de julho de 2021.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história! Rio de Janeiro: Malê, 2019.

